

GILSE TEREZINHA LAZZARI PEROSA

**SALTO PARA O FUTURO: UM OLHAR PARA A
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, APRENDIZAGEM E
INTERATIVIDADE**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
Campo Grande/MS
Ano 2003**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
COORDENADORIA DE BIBLIOTECA CENTRAL/UFMS

P453s Perosa, Gilse Terezinha Lazzari
Salto para o futuro : um olhar para a educação a distância,
aprendizagem e interatividade / Gilse Terezinha Lazzari Perosa. --
Campo Grande, MS, 2003.130 p. : il. ; 30 cm.

Orientador: Luiz Carlos Pais
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do
Sul. Centro de Ciências Humanas e Sociais, 2003.

1. Televisão na educação. 2. Ensino a distância. I. Pais, Luiz Carlos.
II. Título.

CDD (21) – 371.3358

GILSE TEREZINHA LAZZARI PEROSA

**SALTO PARA O FUTURO: UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO A
DISTÂNCIA, APRENDIZAGEM E INTERATIVIDADE**

Dissertação apresentada como exigência final
para obtenção do grau de Mestre em Educação à
Comissão Julgadora da Universidade Federal de
Mato Grosso do Sul sob a orientação do
Professor Dr. Luiz Carlos Pais.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CAMPO GRANDE
2003**

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. LUIZ CARLOS PAIS
Orientador

Prof^a. Dr.^a. DULCIMIRA CAPISANI

Prof^a. Dr.^a. JUCIMARA SILVA ROJAS

Prof. Dr. JOSÉ LUIS MAGALHÃES FREITAS

DEDICATÓRIA

A todos que comungam comigo a sensibilidade desta poesia.

“E no outono, quando colherdes a uva de vosso vinhedo para o lagar, dizei-lhe no vosso coração: Eu também sou um vinhedo, e minha fruta será recolhida para o lagar, e como um vinho novo, serei guardado em vasos eternos. E no inverno, quando beberdes o vinho, que haja no vosso coração uma canção para cada taça, e que haja na canção um pensamento para os dias do outono, para o vinhedo e para o lagar”. (Gibran Khalil Gibran)

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida;
aos meus pais Valentim e Ica pela minha vida;
ao Inácio, Canan, Luana e Nilson, razão da minha vida;
ao Eduardo, pelas belas e emocionantes surpresas da vida.

Ao Prof. Dr. Luiz Carlos, pela significativa orientação;
à prof^a. Dr^a Dulcimira, pela amizade e o acreditar;
aos professores Jucimara e Luiz Carlos Freitas, pela indicação de
novos caminhos;
aos parentes, amigos e colegas pelo incentivo constante.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo explicitar o entendimento dos sujeitos pesquisados em relação a Educação a Distância, Aprendizagem e Interatividade evidenciado na série TV na Escola e os Desafios de Hoje – Política de Desenvolvimento e Organização da Educação a Distância, veiculado pelo Salto para o Futuro/TV Escola/MEC, um programa exclusivo para capacitar professores na modalidade a distância. Objetiva, também, observar como acontece a Interatividade, entre pessoas, no referido programa. Tem como pano de fundo a Fenomenologia e as idéias de Husserl, Merleau-Ponty, Pierre Lévy, Maturana e Varela, Freinet, Moran, entre outros. Da análise dos dados da pesquisa, efetuada de acordo com metodologia que trabalha na abordagem fenomenológica do fenômeno situado, através da redução de idéias e dos invariantes, chegou-se a três Categorias Abertas, oriundas de dez Confluências Temáticas, obtidas através de cento e noventa e três Unidades de Significado, elencadas do discurso de dezoito sujeitos. A primeira Categoria Aberta, denominada Consciência Didático-Pedagógica e Tecnologia na Educação, evidencia que os sujeitos entendem que as tecnologias possibilitam uma consciência pedagógica quando utilizadas em favor de um trabalho pedagógico aberto, flexível e dinâmico. A segunda, denominada Aprendizagem Cooperativa e Interatividade, vem mostrar que a troca, o diálogo são fatores essenciais para que haja um crescimento coletivo. A terceira Categoria, nomeada Desafios Pedagógicos, afirma que ainda existem inúmeros desafios a serem extrapolados para que a aprendizagem seja entendida, apreendida e exercitada nas escolas. Dentre os aspectos relevante evidenciou-se que a Interatividade, entendida como abertura para mais comunicação, mais troca, mais participação, é fator determinante para que aconteça aprendizagem num programa veiculado pela TV, para formação de professores na modalidade a distância. Nesse aspecto, a pesquisa tem como pretensão não só a reflexão, como também extrair dela uma praxis.

Palavras Chaves: Interatividade, Aprendizagem Cooperativa, Olhar, Educação a Distância, Televisão

ABSTRACT

The objective of this study is to explicit the understanding of the persons investigated in relation to Education at Distance, Apprenticeship and Interactivity evinced at the series TV na Escola (TV at school) and the Desafios de Hoje (Nowadays Challenges), broadcasted by Salto para o Futuro/TV Escola/MEC, an exclusive program to capacitate teachers in the Distance mode. Other objective is to observe how the Interactivity occurs between people in the mentioned program. It has as background the phenomenology and the ideas of Husserl, Merleau-Ponty, Pierre Lévy, Maturana and Varela, Freinet, Moran, and others. From the analysis of the research subject, based in the methodology that works in the approaching logical phenomenological of the situated phenomenon, through the reduction of ideas and the constants, we got to three open categories deriving form ten confluences themes, acquired through the one hundred, ninety-three Meaning Units, listed from the speech of eighteen persons. The first Open Category, named Didactic-Pedagogic Conscious and Technology in Education, evinces that the subject understand that technology make possible a pedagogic conscious when used in favor of an opened, flexible and dynamic pedagogical work. The second, named Cooperative Apprenticeship and Interactivity comes to show that the exchange, the dialogue are essential factors in other to have a collective knowledge. The third Category, named Pedagogic Challenges, affirms that there are innumerable challenges to be surpassed in other to the apprenticeship be understood, seized and practiced in schools. Among the relevant aspects, it was evinced that the Interactivity, understood as openness for more communication, more exchange, and more participation, is determinant factor to happen apprenticeship in a program broadcasted by TV, to the formation of teachers in the mode of distance. In this aspect, the research has as pretension not just the reflection, but also to extract from it one praxis.

Key-words: Interactivity, Cooperative Apprenticeship, Aspect, Education at Distance, Television

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Demonstração da primeira fase do olhar	19
FIGURA 2 - DEMONSTRAÇÃO DA SEGUNDA FASE DO OLHAR	19
FIGURA 3 - DEMONSTRAÇÃO DA TERCEIRA FASE DO OLHAR	19
FIGURA 4 - DEMONSTRAÇÃO DA ORIGEM DA CONFLUÊNCIA TEMÁTICA 1 A PARTIR DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO.	110
FIGURA 5 - DEMONSTRAÇÃO DA ORIGEM DA CONFLUÊNCIA TEMÁTICA 2 A PARTIR DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO.	110
FIGURA 6 - DEMONSTRAÇÃO DA ORIGEM DA CONFLUÊNCIA TEMÁTICA 3 A PARTIR DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO.	111
FIGURA 7 - DEMONSTRAÇÃO DA ORIGEM DA CONFLUÊNCIA TEMÁTICA 4 A PARTIR DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO.	111
FIGURA 8 - DEMONSTRAÇÃO DA ORIGEM DA CONFLUÊNCIA TEMÁTICA 5 A PARTIR DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO.	111
FIGURA 9 - DEMONSTRAÇÃO DA ORIGEM DA CONFLUÊNCIA TEMÁTICA 6 A PARTIR DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO.	111
FIGURA 10 - DEMONSTRAÇÃO DA ORIGEM DA CONFLUÊNCIA TEMÁTICA 7 A PARTIR DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO.	112
FIGURA 11 - DEMONSTRAÇÃO DA ORIGEM DA CONFLUÊNCIA TEMÁTICA 8 A PARTIR DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO.	112
FIGURA 12 - DEMONSTRAÇÃO DA ORIGEM DA CONFLUÊNCIA TEMÁTICA 9 A PARTIR DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO.	112
FIGURA 13 - DEMONSTRAÇÃO DA ORIGEM DA CONFLUÊNCIA TEMÁTICA 10 A PARTIR DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO.	112
FIGURA 14 - DEMONSTRAÇÃO DA ORIGEM DA CATEGORIA ABERTA 1 A PARTIR DAS CONFLUÊNCIAS TEMÁTICAS	121
FIGURA 15 - DEMONSTRAÇÃO DA ORIGEM DA CATEGORIA ABERTA 2 A PARTIR DAS CONFLUÊNCIAS TEMÁTICAS	121
FIGURA 16 - DEMONSTRAÇÃO DA ORIGEM DA CATEGORIA ABERTA 3 A PARTIR DAS CONFLUÊNCIAS TEMÁTICAS	122

LISTA DE TABELAS OU QUADROS

TABELA 1 - TRANSCRIÇÃO, NA ÍNTEGRA, DOS DISCURSOS DOS SUJEITOS NOS 20MIN INICIAIS DO PROGRAMA 1	64
TABELA 2 - TRANSCRIÇÃO, NA ÍNTEGRA, DOS DISCURSOS DOS SUJEITOS NOS PRIMEIROS 20MIN DO PROGRAMA 2.	67
TABELA 3 -TRANSCRIÇÃO, NA ÍNTEGRA, DOS DISCURSOS DOS SUJEITOS NOS PRIMEIROS 20MIN DO PROGRAMA 3.	71
TABELA 4 -TRANSCRIÇÃO, NA ÍNTEGRA, DOS DISCURSOS DOS SUJEITOS NOS PRIMEIROS 20MIN DO PROGRAMA 4.	75
TABELA 5 -TRANSCRIÇÃO, NA ÍNTEGRA, DOS DISCURSOS DOS SUJEITOS NOS PRIMEIROS 20MIN DO PROGRAMA 5.	78
TABELA 6 - DEMONSTRAÇÃO DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO DO PROGRAMA 1.	80
TABELA 7 -DEMONSTRAÇÃO DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO DO PROGRAMA 2.	82
TABELA 8 -DEMONSTRAÇÃO DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO DO PROGRAMA 3.	84
TABELA 9 -DEMONSTRAÇÃO DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO DO PROGRAMA 4.	86
TABELA 10 -DEMONSTRAÇÃO DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO DO PROGRAMA 5.	88
TABELA 11 - SÍNTESE DO DIRECIONAMENTO DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO ÀS CONFLUÊNCIAS TEMÁTICAS.....	120
TABELA 12 - DEMONSTRAÇÃO NUMÉRICA DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO ÀS CONFLUÊNCIAS TEMÁTICAS.....	120
TABELA 13 - SÍNTESE DO DIRECIONAMENTO DAS CONFLUÊNCIAS TEMÁTICAS ÀS CATEGORIAS ABERTAS.	123
TABELA 14 -DEMONSTRAÇÃO NUMÉRICA DAS CONFLUÊNCIAS TEMÁTICAS ÀS CATEGORIAS ABERTAS.	123

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I — DESCREVENDO “O OLHAR”.....	17
1.1 — ALUNOS E PROFESSOR: UM OLHAR EM FASES.....	18
CAPÍTULO II — TELEVISÃO NA EDUCAÇÃO.....	21
2.2 — TELEVISÃO E SUA FORMA DE COMUNICAÇÃO.....	23
2.3 — TELEVISÃO E EDUCAÇÃO ESCOLAR.....	24
CAPÍTULO III — DESCREVENDO EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, APRENDIZAGEM E INTERATIVIDADE.....	28
3.1 — EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA.....	28
3.1.1 — <i>Formação a Distância de Professores através da TV Escola.....</i>	<i>30</i>
3.2 — INTERATIVIDADE.....	32
3.2.1 — <i>Televisão Interativa: pessoa entre pessoa e pessoa e tecnologia.....</i>	<i>34</i>
3.3 — APRENDIZAGEM.....	40
3.3.1 — <i>Autopoiese: uma breve descrição da teoria.....</i>	<i>44</i>
3.3.2 — <i>Pedagogia de Freinet: uma ligação com a fenomenologia e com a autopoiese.....</i>	<i>47</i>
CAPÍTULO IV — FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA QUALITATIVA FENOMENOLÓGICA.....	50
CAPÍTULO V — METODOLOGIA APLICADA NA PESQUISA E SEU PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO.....	53
5.1 — DADOS SINTETIZADOS DA PESQUISA.....	55
5.2 — DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	57
5.3 — ANÁLISE IDEOGRÁFICA DA PESQUISA.....	60
5.3.1 — <i>Discurso dos Sujeitos.....</i>	<i>60</i>
5.3.1.1 — <i>Discurso dos Sujeitos da Pesquisa – Programa 1.....</i>	<i>61</i>
5.3.1.2 — <i>Discurso dos Sujeitos da Pesquisa – Programa 2.....</i>	<i>65</i>
5.3.1.3 — <i>Discurso dos Sujeitos da Pesquisa – Programa 3.....</i>	<i>68</i>
5.3.1.4 — <i>Discurso dos Sujeitos da Pesquisa – Programa 4.....</i>	<i>72</i>
5.3.1.5 — <i>Discurso dos Sujeitos da Pesquisa – Programa 5.....</i>	<i>75</i>
5.3.2 — <i>Unidades de Significado e Discurso Articulado.....</i>	<i>78</i>
5.3.2.1 — <i>Unidades de Significado - Programa 1.....</i>	<i>79</i>
5.3.2.1.1 — <i>Discurso Articulado - Programa 1.....</i>	<i>80</i>
5.3.2.2 — <i>Unidades de Significado - Programa 2.....</i>	<i>81</i>
5.3.2.2.1 — <i>Discurso Articulado - Programa 2.....</i>	<i>82</i>
5.3.2.3 — <i>Unidades de Significado - Programa 3.....</i>	<i>83</i>
5.3.2.3.1 — <i>Discurso Articulado - Programa 3.....</i>	<i>84</i>
5.3.2.4 — <i>Unidades de Significado - Programa 4.....</i>	<i>85</i>
5.3.2.4.1 — <i>Discurso Articulado - Programa 4.....</i>	<i>86</i>
5.3.2.5 — <i>Unidades de Significado - Programa 5.....</i>	<i>86</i>
5.3.2.5.1 — <i>Discurso Articulado - Programa 5.....</i>	<i>88</i>
5.4 — CONFLUÊNCIAS TEMÁTICAS.....	88
5.4.1 (CT1) — <i>Consciência Pedagógica.....</i>	<i>89</i>
5.4.2 (CT2) — <i>Sociedade e Tecnologia.....</i>	<i>91</i>
5.4.3 (CT3) — <i>Didática e Tecnologia.....</i>	<i>94</i>
5.4.4 (CT4) — <i>Trabalho e Aprendizagem Cooperativa.....</i>	<i>96</i>
5.4.5 (CT5) — <i>Presença Virtual.....</i>	<i>98</i>
5.4.6 (CT6) — <i>Interatividade.....</i>	<i>100</i>
5.4.7 (CT7) — <i>Informação e Conhecimento.....</i>	<i>101</i>

5.4.8 (CT8) — <i>Educação a Distância</i>	103
5.4.9 (CT9) — <i>Desafios</i>	105
5.4.10 (CT10) — <i>Linguagem Audiovisual</i>	107
5.5 — REPRESENTAÇÃO DAS CONFLUÊNCIAS TEMÁTICAS COM SUAS RESPECTIVAS UNIDADES DE SIGNIFICADO NA SÉRIE PESQUISADA	110
5.6 — MATRIZ NOMOTÉTICA DAS CONFLUÊNCIAS TEMÁTICAS	113
5.7 — DEMONSTRAÇÃO DA QUANTIDADE DE UNIDADES DE SIGNIFICADO QUE EMERGIRAM PARA CADA CONFLUÊNCIA TEMÁTICA ELECADA	120
5.8 — CATEGORIAS ABERTAS	121
5.9 — REPRESENTAÇÃO GERAL DAS CATEGORIAS ABERTAS:.....	122
CAPÍTULO VI — CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
6.1 — LIMITES E PROPOSTA:.....	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	127

INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação marcam presença no fazer, nos gostos e na agenda das pessoas. A televisão por evidenciar e desenvolver formas sofisticadas de comunicação encontra-se em vantagem quando comparada a outros meios de comunicação, como o rádio, o livro e o jornal.

A televisão possui formas variadas de contar, mostrar e fazer os fatos e as notícias. As informações para o telespectador são mais variadas, mais dinâmicas, mais coloridas, menos racionais, mais sensoriais e emocionais. A organização da mensagem é menos precisa, mais intuitiva e menos linear.

Com um olhar mais voltado para o processo de ensino e aprendizagem, que se entende como comunicação, diálogo, interação e construção de conhecimento, busca-se entender a televisão como uma cultura audiovisual, que pode proporcionar às crianças, aos jovens e aos adultos uma gama de informações, valores, conceitos, possibilidades e saberes.

É de grande importância o uso da televisão, seja em nossas residências, nos grupos de estudos, nos encontros comunitários e nas escolas; porém, muito mais importante é entendê-la, para que se possa usufruí-la com qualidade.

Segundo Machado (2000), “a televisão é e será aquilo que nós fizermos dela”. A televisão não é, portanto, a causadora dos males e dos benefícios da sociedade. As pessoas é que decidem o que vão assistir ou fazer na televisão, segundo as suas interpretações e as suas intenções. Decidir, apoiar ou rejeitar determinadas políticas de comunicação contribuem para a construção de um conceito e uma prática televisiva. O que a televisão deixa ou não de fazer não é uma questão indiferente às atitudes, ela é um reflexo do que a sociedade pensa, age e sente. E, possivelmente, será o nosso olhar, a nossa visão que dará uma direção para o que a televisão oferece.

Apesar da sua difusão massiva e de estar em 85% dos lares brasileiros, conforme nos mostra a última pesquisa do IBGE, e de firmar-se como o principal

meio de veiculação de comunicação, porque conseguiu unir, o universo da escrita, das imagens, das cores e do som a televisão ainda não é conhecida com profundidade.

Se se buscar em revistas, jornais e livros, verificar-se-á que a literatura sobre pesquisas qualitativas da televisão é reduzida. O que se vê são inúmeros referenciais de pesquisas relacionadas à quantidade de telespectadores que acessam determinado canal ou programa. Isto se resume em qualificar o programa de bom ou ruim.

Transportando a televisão para o ambiente escolar, percebe-se que ela é realidade. Não raro se vê, nos telhados e pátio das escolas, uma antena parabólica instalada. Dessa forma acredita-se que o sistema educativo deva estar alerta e preparado para perceber a televisão e explorar as suas possibilidades pedagógicas. É preciso estar atento e não limitar o uso da televisão a apenas transmitir informações ou entretenimento. É preciso, sim, buscar e perceber nas entranhas da suas diferentes linguagens as intenções e as possibilidades desse instrumento de comunicação.

Este trabalho faz uma descrição das possibilidades da televisão no ambiente escolar, do entendimento dos sujeitos da pesquisa quanto a Educação a Distância, Aprendizagem e Interatividade porém, limitar-se-á a olhar com mais ênfase a interatividade.

A interatividade é uma forma de possibilitar a participação do telespectador no programa. Esta, longe de ser um tema esgotado e compreendido, continua a evidenciar questionamentos, tanto conceitual como de aplicabilidade. Pouco se tem pesquisado sobre ela e muitas dúvidas ainda pairam sobre o tema, como afirma Lévy (1999). Para o autor, a interatividade não deve ser entendida como a simples possibilidade do telespectador poder participar de um programa, através do telefone ou da Internet, para colocar a sua escolha dentro de duas ou três alternativas previamente delimitadas pelo script do programa. A interatividade vai além da consideração trivial que ressalta a participação ativa do sujeito que recebe a mensagem, numa transação de informações.

A pesquisa procura evidenciar a interatividade dentro de um contexto de aprendizagem, através da Educação a Distância (EAD). Para tanto, uma pergunta acompanha todo o processo da pesquisa: Como funciona a interatividade entre pessoas, em situações de EAD num programa televisivo?

Para tanto, analisar-se-á a série TV na Escola e os Desafios de Hoje: Política de Desenvolvimento e Organização da EAD, oferecida em junho de 2002, através do programa Salto para o Futuro, veiculado pelo canal TV Escola /MEC. Este programa é voltado basicamente para a formação, a distância, de professores das escolas públicas do Brasil.

O trabalho apresenta-se em seis capítulos. No primeiro far-se-á uma reflexão sobre a metáfora “olhar”, uma vez que essa expressão irá permear todo o trabalho; no segundo capítulo abordar-se-á a Televisão na Educação; o terceiro descreverá a Educação a Distância, Aprendizagem e Interatividade; no quarto capítulo far-se-á a Fundamentação Metodológica da pesquisa; o quinto descreverá a metodologia utilizada no trabalho e, no sexto capítulo, as considerações finais do trabalho realizado.

CAPÍTULO I — DESCREVENDO “O OLHAR”

É interessante, ao iniciar se este trabalho, focalizar o seu título: Salto para o Futuro: um **olhar** para a Educação a Distância, Aprendizagem e Interatividade, e buscar entender o significado da palavra olhar.

O vocábulo olhar está centralizado e destacado no título, com a intenção de levar o leitor a perceber a sua importância no contexto do título e no desenvolvimento do trabalho.

No título, ele vem na condição de ser um elo de ligação, para mostrar a possibilidade de se fazer uma descrição mais profunda, menos linear, mais poética do programa Salto para o Futuro. Uma descrição, que não deixará de evidenciar a hermenêutica e a semântica, isto é, será dado às palavras uma interpretação pessoal, porém, sem desloca-las do tempo e do espaço em que estão inseridas.

Segundo Rojas (apud Fazenda 2001), pode-se descrever o olhar como uma metáfora. Sendo metáfora, virá carregada de imaginação e sentimentos, oriundos de um processo mental que se diferencia da condição de apenas enxergar semelhanças. O processo de olhar vai além do simples registro visual. Ele vai até as entranhas do pensamento, alimenta-se do conhecimento já elaborado e vem potencializar-se através de linguagens metafóricas. A linguagem metafórica revela pluralidade e multiplicidade e expressa a poesia existente no que se quer dizer e ser. A pluralidade, associada à multiplicidade, vem reforçar o tom diversificado e heterogêneo que as palavras revestidas de metáforas nos proporcionam. Uma palavra dita não vem só. Está acompanhada, de forma visível ou não, de retóricas, de semelhanças com outras coisas e de transferências de sentidos.

A metáfora em nossa linguagem cotidiana, é normalmente utilizada e pode ser facilmente reconhecida. Não é raro a sua utilização sem a consciência de quanto ela vem influenciar os pensamentos e as emoções.

A metáfora "olhar" pode ser compreendida à medida que se dá ao verbo olhar um sentido além da sua função gramatical.

Para se entender o olhar além da sua função biológica, que é a desvendar de forma superficial e contextualizada o que de imediato é apresentado, é preciso

também despir-se, de forma consciente, dos pensamentos superficiais e contextualizados.

Um olhar ampliado não encontra barreiras, vai além dos muros, das fronteiras. Estende-se de forma horizontal e vertical e nesta extensão, carrega para si uma gama de valores, de lembranças, de gostos, de desgostos, de sabores e dissabores. Ele não poderá ser medido nem comparado, pois é único para cada pessoa que o desenvolve.

Pode-se diferenciar *ver* de *olhar*, embora os dois vocábulos desenvolvam as suas funções biológicas a partir de um mesmo órgão, o olho. O *ver*, segundo Gaeta (apud Fazenda 2001), é um ato mecânico e indica uma passividade, um acomodamento. No ato simplesmente de *ver* o alcance é limitado e desatento, pois fica-se passeando pela superfície das coisas do mundo e registrando-as de forma ingênua. O *olhar*, no entanto, é diferente. Ele não aceita dúvidas: investiga; não é distraído: é atento; não é superficial: vai a fundo; não apenas responde: indaga e questiona. Enfim, deixa sempre aflorar um descontentamento com o estático, com o posto. Numa atitude maliciosa, vai em busca de outros caminhos trazendo-o para dentro de si.

1.1 — ALUNOS E PROFESSOR: UM OLHAR EM FASES

Segundo Fazenda (2001), pode-se identificar a metáfora do olhar em múltiplas camadas e dar a elas diferentes direções. Exemplifica esta afirmação mostrando a posição dos alunos frente ao professor e do professor frente aos alunos numa sala de aula, no decorrer no tempo. A princípio, o aluno é mais um na sala. É visto pelo professor de forma superficial, pois, ainda, não sabe o nome, de onde vem, quais seus desejos, suas dificuldades, suas potencialidades. Este estágio pode-se chamar de primeira fase. À medida que o tempo vai passando, os alunos já são vistos de outra forma. Passam agora a serem observados e a observar com mais atenção e interesse. Começam, então, a fazer parte do professor, isto é, já se comunicam de forma mais aberta, intensa e interativa. Estão na segunda fase.

Na passagem da primeira fase para a segunda, há uma espera, afirma a autora. Este processo de espera é um estágio de amadurecimento que vai sendo

alimentado a cada aula e a cada encontro, a cada trabalho realizado. A partir de então, pode-se perceber uma relação de cumplicidade entre aluno e professor. O aluno demonstra e oferece a sua confiança ao professor e este acolhe e retribui. Ambos estão envolvidos, pois este envolvimento vem dos dois lados e possui características similares a ponto de não se poder evidenciar quem o começou.

O processo acima pode ser demonstrado da seguinte forma:

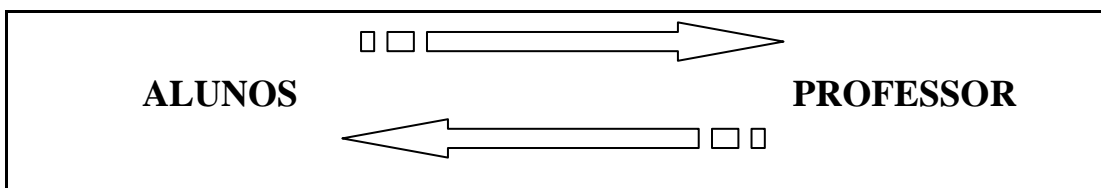


Figura 1 - Demonstração da primeira fase do olhar

Primeira fase do olhar: mesmo estando no mesmo ambiente, num primeiro momento, tanto os alunos como o professor encontram-se isolados, não possuem ligação, vêem-se de forma superficial.

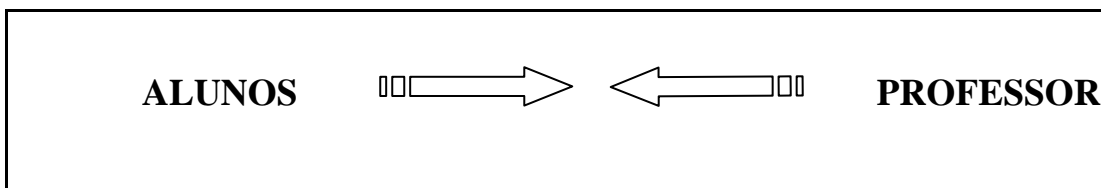


Figura 2 - Demonstração da segunda fase do olhar

Segunda fase do olhar: começa a etapa do desvelamento. Professor e alunos começam a se olhar além do ver. Essa atitude parte de ambos os lados e é oriunda das atividades realizadas em sala de aula, das observações feitas, das emoções suscitadas e dos diálogos permitidos. Começa um envolvimento de confiança entre eles.

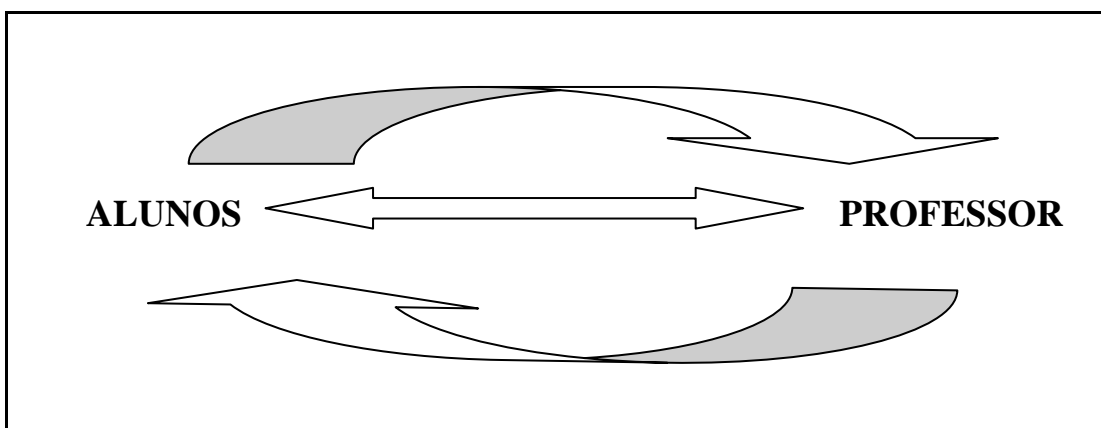


Figura 3 - Demonstração da terceira fase do olhar

Terceira fase: Aprimora-se, neste estágio, a confiança emanada da cumplicidade e dos desvelamentos. Pode-se perceber que começa tanto para os alunos quanto para ao professor o processo do ensino e da aprendizagem.

Com essa perspectiva é que se quer compreender e descrever este trabalho. Primeiramente, vendo-o de forma superficial, sem, no entanto, despi-lo de intenções. A seguir, adentrar-se-á nas fontes teóricas com a intenção de buscar fundamentação e entendimento para o objeto. O terceiro passo pode ser compreendido como a terceira fase, isto é, aquela que levará a olhar além do olho, com o corpo, com a pele, com os sentimentos e com todas as metáforas possíveis, de forma a explorar todos os viés que este trabalho possa proporcionar.

CAPÍTULO II — TELEVISÃO NA EDUCAÇÃO

Com a evolução da humanidade constataram-se diferentes formas de registros das imagens, das cores e dos sons. Com elas veio uma gama de aparatos, capazes de evidenciar e perpetuar as expressões denominadas de linguagem audiovisual.

Dentre os meios de comunicação que concebem a linguagem audiovisual, pode-se destacar a televisão. A partir de 1950, a televisão veio se firmar como um meio capaz de veicular informações, conseguindo unir o universo da linguagem escrita ao audiovisual.

O audiovisual é uma linguagem permeada pelas imagens, cores, sons e desfruta de um grande arsenal de matéria prima, pois, vive-se numa sociedade repleta das mais variadas formas e quantidade.

No campo da educação, a linguagem audiovisual, segundo Laura Coutinho, professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, abre diferentes possibilidades e oportunidades educacionais. Ao utilizá-las, pedagogicamente, estar-se-á fazendo delas instrumentos de criação, expressão e comunicação. Precisa-se, para tanto, extrapolar o uso da linguagem audiovisual não apenas como repassadora de informações e, sim, na busca da leitura crítica das imagens, vistas, tanto no cinema, como na televisão, no cartaz e nos anúncios.

Na tentativa de entender os elementos que fazem parte da linguagem audiovisual, estar-se-á ainda segunda a professora, proporcionando aos telespectadores e leitores uma maior inserção na sociedade contemporânea.

A televisão oferece uma enorme diversidade de programas que podem ser utilizados com finalidades educativas, bastando que seja trabalhado pedagogicamente. Trabalhar pedagogicamente, os programas televisivos, entende-se que seja, a princípio, a possibilidade do professor escolher com segurança e criticidade, dentro de uma quantidade enorme de programas, dos mais diversos formatos e gêneros, aqueles que lhe responde o *para quê* desta escolha. Dentre os diferentes gêneros, destacam-se o jornalístico, o documentário, as entrevistas e os depoimentos. Também os programas de auditório, novelas e seriados poderão ser trabalhados pedagogicamente.

Para se abordar a televisão como uma possibilidade pedagógica, é preciso, a princípio, estar consciente da atitude que se vai ter diante do audiovisual. É a atitude aberta, flexível, crítica e de interação diante do programa, seja ele ao vivo, gravado, ou em vídeo, que vai tornar o audiovisual educativo ou não.

Ao se voltar no tempo, percebe-se que, em 1920, na França, o pedagogo Célestin Freinet não compartilhava com a pedagogia desenvolvida nas escolas. Questionava a eficiência das rígidas normas educacionais: filas, horários, manuais escolares e programas exigidos oficialmente. Foi consciente de que o interesse dos alunos não estava naquela pedagogia. Para ele a escola não era alegre, pois os alunos não faziam aquilo que lhes era de interesse. Tudo partia do professor, o aluno não compartilhava suas idéias, sua criatividade e seus anseios. Levou, então, para a sala de aula a impressora, uma tecnologia da época. Com ela desenvolveu aulas mais dinâmicas, mais participativas e alegres. Foi com este instrumento que desenvolveu o trabalho cooperativo e o intercâmbio do material produzido com outras escolas.

Freinet foi além da escola, saiu das quatro paredes, buscou no cotidiano, na realidade dos alunos e no mundo, a inspiração para o seu trabalho. Ele sabia que alguma coisa teria de ser feita. Era preciso mudar, inovar e trazer elementos novos para enriquecer a prática pedagógica da época.

A nosso ver, só o apelo contínuo às faculdades criadoras permite uma formação verdadeira. Dar à criança um mundo de oportunidades motivadas para criar e agir deve ser a primeira preocupação do educador. Por isso nós preconizamos a utilização pelas próprias crianças de técnicas audiovisuais simples (gravação em fita, fotografia, montagens audiovisuais, filmes curtos. Esta é a chave que lhes abre, ao mesmo tempo, a possibilidade de dominar a técnica e de receber, sem serem enganadas, as informações veiculadas por esses meios quando são espectadores. (Freinet, 1977)

Hoje, a televisão está no cenário escolar, porém, ela sozinha não muda, necessariamente, a relação pedagógica, pois tanto serve para reforçar uma visão conservadora, individualista como uma visão participativa. A pessoa autoritária utilizará os meios de comunicação e da informação para reforçar ainda mais o seu controle sobre os outros, por outro lado, uma mente aberta, interativa, participativa fará das tecnologias uma grande fonte de pesquisa e de interação.

2.2 — TELEVISÃO E SUA FORMA DE COMUNICAÇÃO

Segundo Moran (1993) os meios de comunicação, como o jornal, o rádio e, principalmente, a televisão desenvolvem formas sofisticadas de comunicação sensorial multidimensional, de superposição de linguagens e mensagens, que facilitam a aprendizagem e fomentam outras formas e espaços de comunicação, como o escolar, o familiar e o religioso.

A TV trabalha imediatamente com o sensível pois suas mensagens cheias de movimentos, cores e sons, de imediato, fazem com que os sentidos das pessoas sejam aflorados. Também mostra o concreto, na medida que oferece as informações em tempo real, sem cortes e sem fronteiras. A televisão, ao utilizar as diferentes linguagens, como o som, as cores, os movimentos e as falas, permite combinar a dimensão espacial com a cinestésica e o emocional com o racional.

Percebe-se, segundo o autor, que imagem, palavra e música se integram dentro de um contexto comunicacional efetivo e de forte impacto emocional, fazendo com que a televisão tenha uma forte aceitação. Por ter capacidade de articulação, de superposição e de combinação de linguagens totalmente diferentes, encontra-se num patamar que lhe permite alto grau de incorporação por parte dos telespectadores.

A televisão combina imagens estáticas e dinâmicas, imagens ao vivo e gravadas, imagens de captação imediata, imagens registradas diretamente com a câmera e imagens criadas por um artista no computador. Junta imagens não relacionadas com o real com imagens "reais" do passado (arquivo, documentários) e as mistura com imagens "reais" do presente e imagens do passado não reais.

A televisão permite, ainda segundo o autor, combinar uma multiplicidade de imagens e ritmos com uma variedade fascinante de falas, de música, de sons e de textos escritos. A riqueza fantástica de combinações de linguagens sacode nosso cérebro, nosso eu, através de todos os caminhos possíveis, atingindo as nossas sensações, nosso afeto e nossa razão. Somos "tocados" pela imagem através dos movimentos de câmera, pela música que nos comove, pela narração emocionada de uma vítima ou apresentador. Enquanto a imagem e a música sensibilizam, a palavra

e a escrita, através dos textos e legendas, orientam a decodificação, ou seja, facilitam a interpretação.

Percebe-se, de maneira fácil que a imagem mostra, a palavra explica, a música sensibiliza e o ritmo entretém. Dessa forma, os sentidos são acionados e o *ser e ver*, como um todo, é atingido.

Pode-se verificar que a televisão, entre outras coisas, impõe conceitos, dita normas, cria hábitos e impõe moda, como também abre horizontes e desperta a criticidade. Cabe a cada um, então, ressaltando o que foi colocado por Machado (2000), perceber com os seus sentidos e com o seu olhar o seu potencial.

Moran (1993) mostra também que tecnicamente “a televisão opera com uma lógica inclusiva, cria relações inesperadas entre real e imaginário, presente, passado e futuro”. Um exemplo de inclusão pode ser percebida num comercial da cerveja Antarctica, onde Tom Jobim, já falecido, aparece ao lado de Vínicius de Moraes. As personagens dividem a cena sem estarem no mesmo espaço físico.

Reforça o autor que a força da imagem é tão grande que se tem como premissa que se uma imagem impressiona, ela é verdadeira. Ao mesmo tempo, o não mostrar equivale a não existir, a não acontecer. O que não se vê perde existência. Um fato mostrado com imagens e palavras tem mais força do que se mostrado apenas com palavras. Muitas situações importantes do cotidiano podem perder a força e o significado por não terem sido valorizadas pela imagem ou pela palavra televisiva. Portanto, caberá ao telespectador dar à televisão o sentido e a direção das suas mensagens e, para tanto, é preciso que se tenha maturidade, conhecimento e criticidade suficientes para se conviver, de maneira aberta, participativa e democrática, neste mundo tão avançado da informação.

2.3 — TELEVISÃO E EDUCAÇÃO ESCOLAR

Na era digital, educação e tecnologia estão interligadas. Mas, apesar disso, muitos professores ainda não estão preparados para esta nova realidade.

O avanço das modernas tecnologias, sobretudo, na área da comunicação, e a freqüência com que estes meios se fazem presentes na vida do homem

contemporâneo parecem ter provocado um distanciamento entre o ensino que se faz dentro das instituições escolares e a sociedade em geral.

Para a maior parte das pessoas, os meios de comunicação, como o computador, o jornal e a televisão, significam modernidade, deslumbramento, novidade, fascínio, lazer, relação dinâmica com o mundo. Os meios de comunicação parecem transparentes, evidentes e não problemáticos. Nas escolas, porém, esta visão parece desaparecer. Muitos professores sentem verdadeiro horror pelos meios de comunicação e os criticam de forma radical. Chegam ao ponto de dizer que as tecnologias os substituirão e quando convidados a se manifestarem chegam armados com discursos carregados de preconceitos, colocando a televisão como a causadora dos males da sociedade e da escola.

Esta pesquisadora, enquanto coordenadora de projetos, como o Vídeo Escola, Salto para o Futuro e TV Escola, na Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul (SED), nos anos de 1980 a 2000, registrou que muitos professores sentem-se tímidos frente às tecnologias e negam-se a utilizar a televisão, o vídeo e, mais recentemente, o computador nas suas atividades pedagógicas. Levantamentos realizados pela SED/MS mostram que 60% dos professores utilizam a TV e o Vídeo na sala de aula. Percebe-se, então, que ainda temos professores que vêem os meios de comunicação como problema, e outros que os percebem como auxiliares na sua prática pedagógica.

Diante dessa situação, pode-se, escrever que Lévy (1999) encara esta situação não como problema, mas sim como uma possibilidade para avançar. Para o autor, a heterogeneidade de idéias é importante. O fato de alguns professores utilizarem a TV e o Vídeo na sua prática pedagógica e entenderem esta atitude como importante, e de outros professores negarem-se a utilizá-la, reforçando a idéia de que estes meios não farão diferença em suas atividades, faz com que haja um desencontro de idéias.

Pode-se verificar, dessa forma, que o movimento oposto, a dissintonia, os diferentes olhares e opiniões desestruturam o que se considera acreditado, e levam as pessoas a perceberem uma outra situação. Nessa dissintonia, é preciso que se reconheça as contradições desses olhares e que se façam delas uma ponte para organizar o conhecimento dentro de um projeto integral de crescimento. Ainda segundo Lévy (2001), essa situação, se bem aproveitada, faz com que o educador

atue como um incentivador da aprendizagem e do conhecimento quando coloca em discussão a diferença de opiniões.

O professor torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem, etc. (Lévy, 1999).

É preciso, então, evidenciar essa heterogeneidade de idéias, para que a televisão seja pauta de discussão nas escolas e, a partir daí, ser mais utilizada e mais explorada. Professores, coordenadores, alunos, enfim, a comunidade escolar necessita estudar a televisão, conhecê-la, utilizá-la, incorporá-la e extrapolá-la no contexto pedagógico.

Sabe-se que o uso da televisão nas atividades pedagógicas possibilita uma gama de possibilidades. Com ela pode-se levar o mundo para a sala de aula, transpor fronteiras, viajar, mostrar e demonstrar fatos que seriam impossíveis no real. Os professores poderão utilizá-la como instrumento de comunicação para seu aperfeiçoamento e atualização.

Segundo Moran (1993), a televisão possibilita uma ampliação do imaginário, na medida que é vista como uma fonte de pesquisa e de produção. Tanto alunos como professores podem ser beneficiados com esta tecnologia da informação. Com o uso pedagógico desse meio, a criticidade será despertada e exercitada, e o olhar de cada aluno telespectador tomará uma dimensão sem limite, sem fronteiras, muito além das quatro paredes.

Escreveu Fischer:

De qualquer forma, penso que o trabalho pedagógico se insere justamente aí: como exercício de selecionar determinados objetos – no caso, a televisão e seus produtos – e de transforma-los em documentos para a fruição, investigação e pensamentos, retirando-os por instantes daqueles conjunto de objetos que olhamos “quase sem olhar. Para quê? Em primeiríssimo lugar, para “colocar em ato” as múltiplas possibilidades de nosso olhar e daquilo que nos olha. (Fischer, 2001:57).

Percebe-se, nesse contexto, a possibilidade de projetos que se utilizam das novas tecnologias, mais propriamente da televisão, poderem ampliar e modificar as formas atuais de ensinar, aprender, olhar, sentir e de comunicar.

Para Moran (1993), as tecnologias de comunicação não substituem o professor, mas modificam algumas das suas funções. A tarefa de passar informações, que outrora era de responsabilidade do professor, pode agora ser deixada aos bancos de dados, livros, vídeos, programas em CD. O professor transforma-se no estimulador da curiosidade do aluno por querer conhecer, por pesquisar, por buscar a informação mais relevante, por querer produzir.

A televisão, ainda segundo o autor, permite ao aluno e ao professor um novo encantamento que deve ser buscado através de um jeito novo de ensinar, de olhar e de se relacionar. O processo de ensino e aprendizagem pode ganhar assim um dinamismo, inovação e poder de comunicação inusitados.

Temos, no Brasil, canais televisivos voltados especialmente para a educação: TV Escola, TV Futura e TV Cultura. Suas programações, consideradas pela crítica, como de boa qualidade, objetivam oferecer aos alunos, aos professores e ao público, em geral, informações sobre sua cultura, seu povo, sobre economia, sociedade e também mostrar outros mundos, outras histórias.

Cabe ao professor desenvolver por meio de programas veiculados nestes canais, e também em outros, as necessidades cognitivas, sociais e emocionais dos alunos. Incorporar a TV e o vídeo à educação, significa introduzir outra linguagem, outro modo de pensar e perceber. (Moran, 1993)

A escola, portanto, necessita ser um espaço de mediação entre a TV, as crianças e os jovens, uma vez que poderá influenciar a recepção, a percepção e as reações aos diferentes programas. Destacando o teor educativo dos programas, o professor pode ampliá-lo, reforçá-lo, utilizando como assunto de diálogo e discussão, pode proporcionar aos alunos mais reflexão e criticidade ao ver TV.

É preciso que o professor explore a televisão e o vídeo sem medo de errar, confiante nos seus resultados. Contudo ele deve perceber se a televisão lhe oferece um espaço interativo, onde se possam socializar idéias, trocar experiências, ou apenas pacotes fechados de programação, com nenhuma possibilidade de intervenção.

CAPÍTULO III — DESCREVENDO EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, APRENDIZAGEM E INTERATIVIDADE

3.1 — EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Sabe-se que a Educação a Distância ultrapassa o uso puro e simples de tecnologias e as fronteiras físicas e temporais. Para Lévy (1999), a educação a distância está associada diretamente à interatividade. A interatividade, segundo o autor, vai além da consideração trivial que ressalta a participação ativa do sujeito que recebe a mensagem, numa transação de informações. O homem por natureza é um sujeito ativo. A ativez, ainda segundo o autor, é revelada no pulsar, nas emoções, no negar e no aceitar. A menos que se esteja biologicamente morto, nunca é passivo.

Mesmo sentado na frente de uma televisão sem controle remoto, o destinatário decodifica, interpreta, participa, mobiliza o seu sistema nervoso de muitas maneiras, e sempre de forma diferente de seu vizinho..
(Lévy,1999).

Dessa forma, não basta receber a mensagem, é necessário que ela seja reconhecida como importante e útil para o crescimento e que se faça dela um querer buscar mais. No contexto da educação a distância é evidente, então, que a mensagem seja perpetuada através de idas e vindas, de trocas e de intercâmbios. Uma conexão, uma rede de informações, deverá ser construída com todos os envolvidos nesse processo.

A EAD hoje é levada para os indivíduos, através de diferentes mídias: o rádio, a televisão, o material impresso, as fitas de vídeos, as fitas cassetes e, mais recentemente, o computador ligado a Internet.

Um sistema de educação a distância engloba diversos componentes, como a aprendizagem, o ensino, a comunicação, a instituição, o desenho, o gerenciamento e toda a estrutura editorial. Experiências têm mostrado que projetos em EAD necessitam de um adequado planejamento, que vai desde pensar o projeto

até a sua execução final, sempre permeado por constantes avaliações, responsabilidade e criatividade.

Engana-se quem pensa que fazer EAD é apenas movimentar câmeras na sala de aula, assistir fitas de vídeo, acompanhar pela televisão programas educativos, realizar atividades e remetê-las para o professor ou tutor ler. EAD é muito mais, é interação, é participação.

Cada vez mais os cursos realizados a distância precisam estar permeados pela saber coletivo em detrimento do saber individualizado. Os cursos desenvolvidos a distância e que valorizam o saber coletivo, a interatividade e possibilitam um aprendizado mais cooperativo são os oferecidos pela Coordenadoria de Educação Aberta e a Distância da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Nos referidos cursos, mais propriamente no curso de Pós-Graduação *lato sensu* em Educação e Arte e as Novas Tecnologias, oferecido no ano de 2002, foi proposto, na disciplina O Audiovisual no Ensino, uma produção coletiva de textos. Utilizando-se dos recursos da Internet, tais como o chat¹ e os fóruns² de discussão, os alunos residentes em diferentes estados do Brasil produziram quatro textos que posteriormente foram publicados no jornal interno da Universidade. Grande foi a participação dos alunos e a avaliação positiva da atividade despertou interesse nos demais professores do curso em também desenvolver tal metodologia em suas respectivas disciplinas.

Escreveu uma aluna do curso, quando solicitada a se manifestar frente a atividade proposta:

Quando vi a atividade solicitada achei que não ia dar certo pois trabalhos em grupos já são difíceis quando são presenciais, imagine isso on-line. Mas realmente fiquei surpresa ao perceber que todos conseguiram colocar suas idéias, e a coisa saiu com uma qualidade muito boa. Lógico que a participação ativa da Coordenadora foi muito importante. Para os que acham que cursos a distância são moleza, eu diria que a responsabilidade é bem maior pois tudo que escrevemos é lido por todos e não apenas pelo professor. Outro fator positivo é que pudemos escolher a que grupo gostaríamos de pertencer e, tivemos a chance de interagir em todos os

¹ Chat é uma possibilidade da Internet, onde os usuários comunicam-se de forma síncrona, isto é, em tempo real com os demais usuários.

² Fórum é um espaço assíncrono na Internet, isto é, um espaço onde são postadas as mensagens para serem lidas posteriormente por um usuário.

outros trabalhos. Não consegui ver pontos negativos na atividade, e com certeza aprendi muito em conteúdo e respeito ao próximo. (Fiorela – aluna de Santo André - SP, matriculado no curso de Pós-graduação lato sensu Educação e Arte e as Novas Tecnologias/UFMS)

Diante do exposto pode-se verificar, então, que a educação a distância requer uma interação efetiva entre professores e alunos, entre alunos e alunos, entre alunos e coordenadores, enfim entre todas as pessoas que estão envolvidas no processo.

3.1.1 — FORMAÇÃO A DISTÂNCIA DE PROFESSORES ATRAVÉS DA TV ESCOLA

A Educação a Distância vem sendo uma modalidade de ensino utilizada para minimizar a falta de qualificação dos professores brasileiros. A EAD, no Brasil, data dos anos 60, subsidiada por materiais impressos, pelo rádio, fitas cassetes e outros, mas, é com o TV Escola que essa possibilidade chega em todas as escolas públicas, uma vez que o programa tem uma cobertura nacional e todas as escolas recebem o sinal, através de antenas parabólicas.

O TV Escola é um programa da Secretaria de Educação a Distância do Ministério de Educação e do Desporto/MEC, criado em 1996, para a melhoria da qualidade do ensino público. Com este objetivo transmite programação para todas as escolas de ensino fundamental e médio. Sua programação está voltada para capacitar e aperfeiçoar os professores e auxiliá-los nos seus trabalhos em sala de aula. Possui um canal próprio de TV e é transmitido de segunda-feira a sábado para todo o país em três horários. Seu primeiro horário de programação é inédito e os demais, reprise, facilitando a gravação dos programas pela escola. A programação é captada pelo sistema analógico, via antenas parabólicas, e passará também a ser transmitida pelo sistema digital, através das operadoras DIRECTV, Sky, Teccat e DTCCom, segundo informações do MEC.

Os programas inicialmente estavam organizados em bloco de séries ou conjunto de programas, com temas e formatos semelhantes, os quais facilitavam a gravação dos programas pelas escolas.

Em artigo publicado na edição especial de dois anos da TV Escola, Maria Helena Guimarães de Castro, coordenadora da implantação inicial do programa TV Escola, observou que o uso da televisão por satélite “é uma estratégia adequada para sanar algumas das deficiências mais graves do nosso sistema de ensino, como a capacitação insatisfatória do magistério”. Também o então presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, se pronunciou quando do lançamento do projeto, em maio de 1995: “a TV Escola não vai substituir os professores, mas sim treiná-los e apoiá-los em sala de aula a fim de melhorar a qualidade do ensino no Brasil”.

Pode-se destacar, dentro da programação do TV Escola, o Salto para o Futuro, como um programa voltado essencialmente para a formação de professores a distância. Este programa, antes denominado Um Salto para o Futuro, fora primeiramente veiculado pela TV Cultura do Rio de Janeiro e TVEs dos Estados. Foi somente, a partir de 1996, com a criação do canal da TV Escola, que o Salto passou a fazer parte da sua grade de programação.

O Salto para o Futuro aborda diferentes temas como: Educação Infantil, Educação de Jovens e Adultos, Informática na Educação, Educação Especial, Literatura Infantil, entre outros. Suas séries, geralmente, englobam cinco a seis programas de 1h cada. A metodologia do programa prevê o encaminhamento, via correio, às Secretarias Estaduais de Educação, dos textos denominados boletins, para que os cursistas tenham acesso ao conteúdo antes da exibição do programa. Também, é disponibilizado na Internet, no endereço <http://www.mec.gov.br/seed/tvescola/salto/default.shtm>, um resumo do boletim.

O Salto, segundo o MEC, permite a participação, ao vivo, de professores de diferentes partes do país e recebe questionamentos durante a veiculação do programa, via telefone, fax, carta e email. Para a Secretaria de Educação a Distância do Ministério de Educação e Cultura (SEED/MEC), este processo de recebimento de questionamentos e participação é denominado interatividade.

Interatividade sempre foi a palavra-chave do Salto para o Futuro: trocar experiências, idéias e projetos para fazer nossa atividade educativa mais efetiva e vibrante. Interatividade como um processo constitutivo do desenvolvimento pedagógico. (SEED/MEC, 2003)

Baseado nas colocações acima, este trabalho de pesquisa verificará se realmente a interatividade acontece e se é proporcionada durante a troca de experiências e idéias, no programa Salto para o Futuro.

3.2 — INTERATIVIDADE

A palavra interatividade faz parte do vocabulário cotidiano e facilmente é invocada como se todos soubessem perfeitamente do que se trata. No entanto, Lévy (1999) sai da discussão de que a interatividade é algo resolvido e aponta uma abordagem problemática dessa noção. Embasado no parâmetro de que “a possibilidade de reapropriação e de recombinação material da mensagem por seu receptor” é que vai dar o parâmetro fundamental para se avaliar o grau de interatividade do produto, faz suas colocações a respeito do tema.

O termo interatividade, numa visão mais ampla e amparada pelo parâmetro de Pierre Lévy, pressupõe uma participação ativa daquele que está diante de uma informação.

Vale ressaltar como já fora colocado anteriormente, que a interatividade extrapola a idéia do sujeito estar/ser ativo ao receber uma mensagem. A interatividade, destacada pelo autor, tanto pode estar nos meios de comunicação mais sofisticados como também nos mais antigos. O importante é o movimento das informações, proporcionando para o emissor e o receptor a possibilidade de sua mensagem ir e vir com constantes acréscimos. O ir e vir vai proporcionar a interatividade, uma vez que neste ato será incorporado o pensamento, a manifestação, a resposta, o questionamento, a afirmação, a negação, a dúvida e a certeza das pessoas que estão trocando informações.

Segundo o autor, pode-se comparar a interatividade de um meio de comunicação em graus. Para se comparar o grau de interatividade é necessário ter como parâmetro “a possibilidade de reapropriação e de recombinação material da mensagem por seu receptor”.

Lévy aponta o telefone como modelo de mídia interativa por permitir o diálogo, a reciprocidade, a comunicação efetiva.

... na comunicação telefônica o interlocutor A transmite ao interlocutor B uma mensagem que supostamente deve ajudar B a construir, por inferência, uma imagem de A e da situação comum a A e B. B faz o mesmo em relação a A. A informação transmitida a cada “golpe” de comunicação é muito mais limitada do que no jogo em realidade virtual. O equivalente do espaço de jogo, ou seja, o contexto ou a situação, compreendendo a posição respectiva e a identidade dos parceiros, não é compartilhada por A e B sob forma de uma representação explícita, uma imagem completa e explorável. Com o telefone, a imagem reatualizada da situação deve ser constantemente reconstruída pelos parceiros, cada um por si e separadamente..(Lévy 1999)

Lévy (1999), coloca também, que numa comunicação entre pessoas está envolvido o mundo virtual. O vocábulo *virtual* pode ter três sentidos: *técnico, corrente e filosófico*. O sentido técnico remete a um pensamento puramente mecânico, voltado para a informática e as suas possibilidades de movimento rápido, eficaz e automático. No sentido corrente, é colocado como irreal, aquilo que não existe ao alcance do indivíduo e ao seu olhar. Paira no ar, mas não se pode tocá-lo. É visto e sentido como magia e ilusão. O sentido filosófico entende o virtual como algo *a vir a ser*, isto é, existe em potência, mas não em ato, em ação.

Esses três sentidos misturam-se no entendimento das pessoas e isso, segundo o autor, evidencia um fascínio extraordinário, justamente pela confusão que causa. Pode-se perguntar: afinal uma coisa pode ser real e ao mesmo tempo virtual? Lévy explica que isso é possível, pois o virtual e o real são dois modos diferentes de realidade. Um não se opõem ao outro, mas se completam. O virtual existe sem estar presente e vai manifestar-se na medida que se torna ato, ação.

A comunicação por mundos virtuais implica reconhecer que o passado do sujeito, as suas lembranças, os seus gostos, suas emoções, suas sensações de prazer e desprazer, enfim, a bagagem de conhecimento, informações, sentidos e percepções, que o indivíduo carrega consigo, se manifesta de forma fluente na sua postura diante de um fato ou de uma informação. Nesse sentido, é importante reconhecer que o sujeito não realiza sozinho todo esse processo, uma vez que está inserido num mundo, freqüentado por seus pares, num tempo real ou virtual e num

espaço geográfico palpável ou não. O envolvimento do homem com essa gama de relações revela um sujeito envolvido com o mundo material e espiritual.

A interatividade, portanto, não está no objeto nem nas tecnologias nela embutidas. Está na maneira como se estabelecem as relações com as partes do corpo, por meio do ato de olhar, pensar, gesticular e expressar.

Pode-se verificar, então, que a interatividade vem carregada de um significado muito próprio do sujeito, porém sem que se ignore as influências externas. Por se estar no mundo e ao mundo e no convívio com outras pessoas, as percepções, informações, olhares, valores e conhecimento não são puramente atos desbravados pelos próprios sujeitos, mas sim um acoplado de resíduos e influências que reconhecidas ou não vão juntar-se à forma individual de ver, sentir e manifestar as coisas.

3.2.1 — TELEVISÃO INTERATIVA: PESSOA ENTRE PESSOA E PESSOA E TECNOLOGIA

Em Matuck (1995), percebe-se que “a interatividade mostra-se de forma mais elementar entre o espectador e a televisão”, isto é, a interatividade realizada entre a máquina e a pessoa é inferior quanto comparada à desenvolvida entre pessoas, através das tecnologias. O autor tem razão, pois segundo Lévy (1999), a interatividade extrapola o fato de ligar e desligar a televisão.

Apesar da pesquisa estar olhando a interatividade entre pessoas, não estará, no entanto, se furtando em entender a interatividade entre as pessoas e a máquina.

Para o jornalista Ricardo Anderáos³, “TV Interativa” não seria o termo mais adequado visto que há uma mistura de todas as mídias, de todos os meios de comunicação, gerando uma nova realidade de comunicação, uma nova realidade de pesquisa e de entretenimento. Pensar a televisão, como aquele aparelho convencional, único, retangular, já está ultrapassado. Cabe pensar numa televisão mixada com outros equipamentos: computador, fax-simile, câmera de vídeos. A tela da televisão passa a ser agora, também, o monitor do vídeo do computador.

³ Jornalista, doutor em História pela FFLCH/USP, editor executivo da revista em CD-ROM Neo Interativa

A introdução do VCR (Vídeo Cassete Recorder) em quase todos os ambientes domésticos aumentou qualitativamente o nível elementar da interatividade, uma vez que este equipamento permitiu a auto programação seletiva através do aluguel ou empréstimos de fitas pré-gravadas. Pode-se agora selecionar e gravar a programação das redes, manipular o tempo das seqüências anteriormente teledifundidas, acelerando, retardando ou até mesmo interrompendo o fluxo das emissões registradas. Recentemente, foi instituído pelas companhias de TV a cabo um outro sistema que oferece a possibilidade de escolher filmes, programações e noticiários vindos diretamente da fonte emissora.

Outro sistema que possibilita a interatividade entre pessoas e máquina é o videodisco interativo. Os videodiscos são veículos ótico-eletrônicos, de armazenagem de imagens fixas ou móveis e/ou de sons e textos, nos quais a informação se inscreve num suporte circular de modo analógico⁴ ou digital⁵.

Mais recentemente um novo sistema foi concebido por Peter Armstrong, o TRANSIT (Televisão Interativa Transmitida), segundo Matuck (1995). Trata-se de incluir num videodisco reutilizável uma cabeça gravadora separada, capaz de inscrever imagens e dados. Nesse sistema, os programas televisivos não são concebidos para serem assistidos no momento da transmissão. Quando a transmissão se inicia, o computador acoplado ao televisor, dispara um processo automático de gravação, de modo que, neste momento, o espectador não necessita se ocupar do processo, podendo assistir outro canal ou realizar outra tarefa. Esse sistema, em breve, segundo Peter, terá superado o VCR, o videodisco e o sistema de endereçamento, por permitir ao espectador não só selecionar o programa, como também intervir em seu desenvolvimento.

Além do sistema TRANSIT avançar nas possibilidades de seleção, gravação e intervenção dos programas, uma outra vantagem cabe ser evidenciada: alguns gêneros televisivos poderão ser beneficiados pela interatividade televisiva. Em programas de ensino de línguas, programas esportivos e filmes, entre outros, o telespectador poderá dar o ritmo que lhe convier.

Segundo Matuck (1995), o Brasil apresenta um avanço muito tímido no que se refere às experiências acerca da comunicação bidirecional ou interativa em relação aos países centrais.

⁴ Apresenta de forma contínua, sem hiatos nem lacunas, a variação que está sendo medida.

⁵ Trabalha exclusivamente com valores binários.

O relato de Masahiro Kawahata (apud Matuck, 1995) acerca de uma experiência realizada através da implantação do sistema HI-OVIS (Sistemas Óticos de Informações Visual Altamente Interativos), no Distrito de Higashi Ikoma no Japão, apresenta subsídios para uma apreciação mais concreta e fundamentada das questões levantadas por estes sistemas.

A experiência consistia na combinação do computador, das linhas de transmissão ótica e de terminais residenciais audiovisuais. Todos estes equipamentos estavam conectados com as instalações de um centro especialmente projetado para estimular intensa participação das pessoas, através da melhor utilização da comunicação bidirecional.

Este projeto teve início em 1972 e passou por várias adaptações (substituição dos cabos coaxiais por fibra ótica, por exemplo) até a sua definitiva implantação. Desde 1998, o sistema HI-OVIS está em operação e possui um grande número de assinantes.

O projeto pode apresentar, segundo o autor, respostas para os grandes problemas sociais existentes no Distrito: criação de uma nova comunidade na qual as pessoas participem livremente, auxiliando-se mutuamente na melhoria das condições de vida da comunidade local, aperfeiçoando a integração dos indivíduos à vida social e educação contínua, através da comunicação bidirecional incluindo o contato videofônico face a face.

O sistema constitui um poderoso veículo alternativo aos sistemas convencionais de educação: formação de uma sociedade local motivada pelo bem-estar social de toda a comunidade local, incluindo os velhos, os excepcionais e as crianças. A preservação da saúde e das condições de vida não pode ser estabelecida sem um auxílio mútuo e positivo entre as pessoas que vivem na comunidade. Do mesmo modo, um sistema que institua medidas de segurança contra o fogo, vazamento de gás e roubos em residências, durante a ausência dos residentes, só pode ser efetivado através da cooperação entre os habitantes locais. O sistema HI-OVIS, concluiu Kawahata, “incentiva os indivíduos a readquirirem pensamento independente e criatividade”.

Para essa experiência, Matuck (1995) lembra que o importante não é verificar o experimento em si, mas a própria forma do sistema instaurado no Distrito. Se se comparar o nível de interatividade do sistema HI-OVIS, com o realizado nos

sistemas de endereçamento por TV a Cabo ou a televisão interativa, concebida por Armstrong, pode-se verificar que ele é muito mais intenso.

No entanto, algo comum permeia esses três sistemas: a centralização. Tanto no sistema HI-OVIS, que inclui a interatividade entre agentes humanos, como nos dois outros sistemas, que reduzem a interatividade a contatos entre o espectador e a instituição de teledifusão, percebe-se claramente que estão modelados num sistema irradiativo de comunicação, restringindo a possibilidade de interação a contatos verticalizados entre um centro e os inúmeros pontos irradiados. Essa centralização deve ser denunciada como uma forma residual do modelo unidirecional de teledifusão.

Ainda que o sistema possa responder interativamente a solicitação, o usuário terá uma programação limitada pelo sistema. A ênfase em sistemas interativos que restringem a comunicação entre um centro único e milhares de receptores indica um conceito limitado de interatividade. O conceito de interatividade deve incluir também a interação horizontal interindividual entre os receptores. (Matuck, 1995).

Percebe-se, então, que a interatividade ocorre, de fato, quando há participação de ambos os lados, ou seja, quando não se configurar a forma tradicional de receptor e emissor, mas ambos movimentando-se e alimentando a comunicação com a mesma liberdade de expressão. Quando ocorrer a situação psicológica de isolamento de um dos envolvidos, verifica-se um fator desequilibrante na relação telemediada.

A possibilidade de contato interativo no nível horizontal entre os espectadores pode corrigir esta relação de desequilibrada, oferecendo meios para que os impactos recebidos possam refluir. As duas formas de televisão podem, portanto, coexistir pacificamente. Contudo, presume-se que a mesma liberdade que os interlocutores têm ao telefone, possam também gozar ao videotelefone, que deve se constituir numa rede autônoma e descentralizada, paralela e desconectada de eventuais sistemas irradiados e centralizados de interação. (Matuck, 1995).

É previsível, no entanto, que uma consciência mediática maior conduza as pessoas a lutar por novos direitos no domínio da comunicação permeada pela tecnologia. As possibilidades são inúmeras, mas serão atualizadas se se puder influir politicamente, instituindo a reciprocidade como norma e não como exceção no âmbito da comunicação.

Segundo Marcondes Filho (1994), a democracia e a liberdade dos meios de comunicação são um importante parâmetro para o fenômeno da interatividade. Não é a possibilidade de escolher qual o ângulo pelo qual se quer ver o lance de uma jogada na Copa do Mundo, por exemplo, que vai dar à televisão, ou ao programa, o status de interativa. Trata-se de poder produzir conhecimentos e informações e disseminá-los na rede, seja esta qual for a rede, sobre qual meio físico, para serem recebidos em quaisquer aparelhos do outro lado.

Ainda sobre TV Interativa, Mayra Rodrigues Gomes⁶ coloca que aquilo que se chama de TV Interativa não tem nada de propriamente interativo. Se se tomar a concepção normal do termo interativo, de troca e interferências, ela de fato não existe.

Na observação de alguns programas televisivos ditos interativos, percebe-se que, no estado atual das coisas, ainda se está muito longe de realizar interatividade, segundo os conceitos dos autores citados. No máximo, consegue-se que o receptor comunique ao canal emissor sua opção de compra, seus gostos jornalísticos ou seu programa favorito. Como exemplo, destacamos, na televisão brasileira, os programas, como *Você Decide*, *Casa dos Artistas*, *No Limite*, *Big Brother Brasil*. Nestes programas, ditos interativos, podem-se opinar apenas num item, já pré-determinado pela produção do programa.

Machado (2000) coloca que o que se vê como interatividade na TV é um grande engodo. Para o autor, existe mais interatividade em uma novela, que é constantemente ancorada em checagens de Ibope e audiência do que em um programa como o *Você Decide* (rede Globo), em que existe uma escolha que nem sequer é múltipla, é biunívoca e ponto final. Nesse caso, não se tem interatividade alguma, afirma o autor.

⁶ Mestre em Ciência da Comunicação pela ECA-USP e doutoranda em jornalismo na ECA/USP.

No Brasil, facilmente se confunde interatividade com “ao vivo”, reforça Beltrina Côrte⁷. Mudar o conceito significa, antes de tudo, admitir que, tratando-se do fato de que a interatividade pontualmente é um processo que recai sobre o indivíduo e não sobre a massa, o que temos aí não é mais “meios de comunicação de massa” e sim “meios de comunicação”.

Do ponto de vista filosófico, político e da crítica, Eugênio Rondini Trivinho⁸ coloca que

(...) estamos em uma nova era marcada fundamentalmente pela indústria da interatividade, que se coloca de forma florescente para as próximas décadas. E ao colocar esta questão, gostaria de encará-la de maneira desencantada, sem ilusão. A indústria da interatividade tem na verdade outros nomes. Ela é uma indústria do *self-service*, traduzido no contexto da informática, da participação compulsória inexorável. Mais que isto, é uma indústria da seleção, da seletividade nas mãos do próprio usuário. (...) a interatividade é hoje uma nova mercadoria. Isto significa dizer que a interatividade é um pacote cultural, mercantil, de possibilidades de comportamentos e escolhas de acordo com os critérios e desejos pontuais dos indivíduos. (apud Caderno Atrator Estranho, 1995)

Nos programas televisivos citados acima, pode-se observar que a interatividade proporciona um relacionamento não com as pessoas, mas com a máquina, com o produto cultural e também com as imagens das pessoas. Neste caso, a interatividade é um pacote pago para que se possa interagir com a máquina e seus fluxos. Percebe-se, então, que as pessoas deixam de interferir, de intervir no contexto prático de suas vidas, na mudança das estruturas que formam essa vida, e passam a intervir no espaço da tela, no espaço da telenovela ou numa série, como sendo o real.

(...) a interatividade assinala muito mais um problema, a necessidade de um novo trabalho de observação, de concepção e de avaliação dos modos de comunicação, do que uma característica simples e unívoca atribuível a um sistema específico. (Lévy, 1999).

⁷ Jornalista, mestre em Planejamento Urbano e Rural pela Universidad de Los Angels, Bogodá, Colômbia e doutoranda em Jornalismo na ECA/USP.

⁸ Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP e doutorando em Jornalismo na ECA/USP.

Portanto, a Interatividade requer ainda mais discussão e entendimentos para que se possa olhá-la e senti-la como um universo de trocas, comportamentos, possibilidades, escolhas e crescimento.

3. 3 — APRENDIZAGEM

Para se falar de aprendizagem é necessário rever alguns conceitos existentes. Segundo Merleau-Ponty (apud Rezende, 1990), deveria-se falar de existência humana e não comportamento humano, por entender que o homem não se comporta, mas existe. Entende-se por existir o fato de se poder produzir idéias, emoções e sensações, também ao fato de se poder movimentar, seja num processo físico ou psicológico.

Muitas teorias tentam caracterizar o homem, afirmando que o sujeito se comporta, isto é, está sujeito a moldura-se num estágio onde ainda não avançou para a ordem humana da existência. Neste caso, segundo o autor, o homem é reduzido a menos homem, podendo até ser comparado a um animal. Outras teorias associam a aprendizagem humana ao comportamento das máquinas mais sofisticadas, em especial ao cérebro eletrônico. Esse paradigma submete o homem à condição aparentemente de super-homem.

Pode-se perceber nesses dois pensamentos um denominador comum de desconhecimento da estrutura do fenômeno humano se comparado com o pensamento fenomenológico⁹.

Se comparadas à teoria fenomenológica, verifica-se um distanciamento de pensamento, pois, enquanto a fenomenologia acredita que o homem não aprende somente com a sua inteligência, mas com o seu corpo e suas vísceras, sua sensibilidade e imaginação, as teorias informáticas ou cibernéticas da aprendizagem pretendem programar o conhecimento num sistema mecanicamente testado.

A integração global, que é evidenciada na fenomenologia, pode ser associada ao pensamento de Maturana e Varela (1997), quando oferece uma abordagem autopoietica para se compreender a organização do vivo. Esta associação,

é permitida uma vez que Maturana e Varela comungam com o pensamento fenomenológico na medida que buscaram, como eles mesmo afirmam, beber na fonte de Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty.

Dessa maneira me defrontei com a fenomenologia européia, e comecei uma leitura que continua até hoje, de Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty. Pela primeira vez parecia encontrar nestes autores uma preocupação por mostrar a experiência vivida, que considero fundamental. (Maturana e Varela, 1997:39).

Dessa forma, este trabalho pode caminhar associando pensadores que evidenciaram a *experiência vivida pelos indivíduos* como suporte para se entender o processo da aprendizagem.

Busca-se, então, entender o significado da teoria de Maturana e Varela, denominada autopoiese e associá-la ao pensamento de Merleau-Ponty.

Ao investigarem os fenômenos biológicos, Maturana e Varela (1997) fundamentam teoricamente o funcionamento dos sistemas vivos e a sua cognição. Partem do estudo do metabolismo celular para forjar o conceito de organização autopoietica. A autopoiese, palavra originada do grego que significa produção de si mesmo, caracteriza a necessária e suficiente organização dos sistemas vivos, os quais continuamente renovam a si mesmos, e regulam este processo de forma que a integridade da organização seja mantida. Dessa forma, afirmam os autores, entra-se numa nova época de fluidez e flexibilidade que traz implícita a necessidade de uma reflexão a respeito da maneira de como os homens fazem os mundos onde vivem, já que não os encontram prontos como uma referência permanente.

Percebe-se, então, que a aprendizagem não pode ser adequadamente abordada por uma ciência isolada, ou por uma filosofia reducionista. Portanto, segundo os autores, não há aprendizagem humana enquanto esta for reduzida somente em função do paradigma animal, mecânico, sociológico, econômico, ideológico.

Transportando esses pensamentos para a prática pedagógica, verifica-se que esses conceitos vão se manifestar nas atividades e propostas de ação dos

⁹ Fenomenologia é uma filosofia fundada por Edmundo Husserl, na Alemanha (1859-1938 e continuada por Heidegger e Merleau-Ponty. Tem como princípio que um fenômeno não pode ser conservado, mas sim, ser visto sempre de novo. (Rezende, 1990).

educadores aos seus educandos e nas respostas dos educandos aos educadores. Daí a necessidade de se entender o processo da aprendizagem.

Tanto para a fenomenologia como para a teoria de Maturana e Varela, a aprendizagem humana requer um olhar humano. Isto significa dizer que se trata de aprender de maneira humana a ser homens, para existirem como homens e não máquinas ou animais.

O mundo do homem tomou corpo pelo aparecimento do símbolo. Falar de uma aprendizagem humana é falar, ao mesmo tempo, de sua natureza simbólica. Na medida que o homem não vive os sentidos da vida, torna-se um alienado. Nota-se que a palavra “sentidos” expressa pluralidade e multiplicidade. Para a fenomenologia, segundo Merleau-Ponty (1974), não há *um* sentido na existência, mas há inúmeros sentidos. Estes somente poderão ser percebidos por uma consciência desprovida de ingenuidade.

Para a fenomenologia da educação, a própria palavra sentido é dotada de três significados: *condição corporal do homem, aprendizagem humano significativa e rumos da existência.*

O primeiro sentido é a *condição corporal do homem* e diz respeito à consciência perceptiva. A aprendizagem, neste caso, consiste em se tornar capaz de constatar a realidade através da educação dos sentidos. Aprender a ouvir, a ver, a cheirar, a degustar, a sentir, e lidar com a imaginação. Ainda, segundo o autor, os artistas desempenham um importante papel pedagógico, ensinando a olhar o mundo. Um olhar voltado não somente para o mundo físico das flores, montanhas, animais, mas para o mundo humano dos acontecimentos históricos, de sua significação e relevância.

A *aprendizagem humano-significativa* é a educação da inteligência. O homem conhece e pensa e, portanto, também necessita adquirir conhecimentos e aprender a pensar. Aqui a fenomenologia se faz filosofia *genética*, para mostrar que tanto o conhecimento como o pensamento consistem em acompanhar a “gênese do sentido”, no nível das teorias e da história.

Dessa forma, a aprendizagem significativa leva a reconhecer os limites do conhecimento e das múltiplas manifestações da verdade. A educação da inteligência diz respeito não apenas ao conhecimento, mas ao pensamento, isto é, à capacidade de refletir, meditar e acrescentar sentidos. O refletir, meditar e acrescentar sentidos podem ser incorporados na palavra interpretar. É na

interpretação que se acompanha a essência do sentido e se faz a crítica dos conhecimentos. Assim, vamos observar que, no sentido, há sentidos e que nos sentidos há mais sentidos, interpretações e movimentos.

Percebe-se, então, que a aprendizagem não se dá apenas através do sistema nervoso, como tem sido colocado, até então. Para Maturana¹⁰ e Varela, a aprendizagem é a mudança que o sistema nervoso pode adotar, no domínio de estados possíveis. Assim, a aprendizagem se dá num acoplamento contínuo entre a fenomenologia-estado determinado pelo sistema nervoso e a fenomenologia-estado determinado pelo ambiente.

Assim, é interessante reconhecer que existe uma relação entre a conduta e as condições do meio em que se vive e não apenas a um corpo particular na conectividade do sistema nervoso.

Para se entender o terceiro significado da palavra sentido, *rumos da existência*, é necessário compreender que a presença dos sujeitos humanos no seio da história não é estabelecida apenas entre as coisas, os objetos e os produtos, mas entre os sujeitos e os produtos de uma forma humana. As intenções humanas dos indivíduos e dos grupos têm papel primordial nos conflitos que venham a ocorrer. Estes conflitos são resultados da capacidade do homem de intervir nas decisões ou indecisões, dos rumos ou desvios da história, da qual ele faz parte.

(...) isto se dá pelo reconhecimento da possibilidade da revolução, além de todos os determinismos de um processo meramente evolucionista; e igualmente pelo reconhecimento de que somente os homens, como sujeitos da história, podem fazê-la (Rezende, 1990).

A liberdade, o projeto, a revolução são algumas das manifestações do sentido como “rumo” e “orientação da existência”, tanto no sentido individual como coletivo, que a aprendizagem não pode deixar de reconhecer. O não reconhecimento dessas manifestações leva a um processo de desumanização, de reprodução e de perda de sentido.

¹⁰ Humberto Maturana Romesín, Doutor em Biologia (PHD) da Universidade De Harvard. Professor titular da Universidade do Chile. Prêmio Nacional de Ciências em 1994. Ressalta-se que Maturana teve como aluno Francisco J. Varela Garcia e que ambos elaboram a teoria da aprendizagem denominada autopoiese. Para maior conhecimento desta teoria ler *De máquinas e seres vivos. Autopoiese: a organização do vivo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

3.3.1 — AUTOPOIESE: UMA BREVE DESCRIÇÃO DA TEORIA

A teoria autopoiesiana começa a ser conhecida e reconhecida no meio científico e acadêmico, a partir de 1960, quando o chileno Humberto Maturana retorna ao seu país de origem, após ter obtido o título de doutor em biologia (Phd), na Universidade de Harvard, EUA e de uma estada de seis anos estudando e trabalhando no estrangeiro. Maturana traz consigo uma pergunta que muito o incomodava e para a qual, até então não havia resposta: Que classe de sistema é um ser vivo? Por isso, a partir de 1960, orientou suas reflexões para a procura de uma maneira ou forma de falar sobre os seres vivos que abrangesse a constituição de sua autonomia, isto é, desejava mostrar como o ser vivo surgia na dinâmica relacional de seus componentes de uma maneira diferente da, até então, abordada. Para Maturana (1997), o ser vivo não era um aglomerado de substâncias estáticas, sem vida própria, mas uma dinâmica molecular sempre em movimento.

Na ânsia de encontrar uma resposta para o seu questionamento, Maturana, em 1970, procurou Francisco Varela, que retornava ao Chile, após também ter-se doutorado em biologia, na Universidade de Harvard, EUA. Ressalta-se que Varela fora aluno de Maturana e compartilhava das idéias do mestre. Ambos, agora, de volta à sua Pátria, mantinham um relacionamento de colegas e juntos buscaram escrever, em 1971, numa casa na praia de Cachagua, esta teoria.

Cinco pontos entrelaçados que expressam a especificação da autopoiese como noção e sua ruptura com concepções anteriores podem ser destacados. Cabe ressaltar que estes conceitos não foram imediatamente aceitos pela comunidade científica, conforme descreve Varela:

As dificuldades de publicação, acrescentadas ao momento político pelo qual passava o Chile ao final de 1972, faziam-me sentir alienado ao mundo científico internacional.(...) vi-me ameaçado... a Inteligência Militar veio à Faculdade com listas de ex-partidários, e em duas ocasiões patrulhas noturnas vieram buscar-me na minha residência, na qual já não ia dormir. Fui exonerado de meu cargo universitário por ordens “superiores”. Com minha família, decidimos vender tudo e partir. A grande maioria de meus colegas da Faculdade de Ciências também se dispersava pelo mundo. Com a diáspora dos cientistas da faculdade,

acaba-se uma época da ciência no Chile. (...) Porém, naturalmente, a idéia haveria de ter novas repercussões, sobretudo fora do Chile. (Varela, 1997).

Os cinco pontos¹¹, destacados por Varela, em seu prefácio para o livro, *De máquinas a seres vivos : Autopoiese – a Organização do Vivo*, para definir autopoiese, relacionados aqui, na íntegra, são:

0. O problema da *autonomia* do ser vivo é central e é necessário especificar ou examinar em sua forma mínima, na caracterização da unidade vivente.
1. A caracterização da unidade viva mínima não pode se fazer somente sobre a base de componentes materiais. A descrição da *organização* do ser vivo como configuração ou *pattern* é igualmente essencial.
2. A organização do ser vivo é, fundamentalmente, um mecanismo de constituição de sua *identidade* como identidade material.
3. O processo de constituição de identidade é *circular*: uma rede de produções metabólicas que, entre outras coisas, produz uma membrana que torna possível a existência mesma da rede. Esta circularidade fundamental é portanto uma *autoprodução* única da unidade vivente em nível celular. O termo *autopoiese* designa esta organização mínima do vivo.
4. Toda interação da identidade autopoietica acontece não somente em termos de sua estrutura físico-química, mas também quanto unidade organizada, isto é, em referência a sua identidade autoproduzida. Aparece de maneira explícita um ponto de *referência* nas interações e, portanto, surge um novo nível de fenômenos: a constituição de significados. Os sistemas autopoieticos inauguram na natureza o fenômeno *interpretativo*.
5. A identidade autopoietica torna possível a evolução através de séries reprodutivas com variação estrutural e com *conservação* de identidade. A constituição de identidade de um indivíduo antecede, empírica e logicamente, o processo de *evolução*.

¹¹ Ao enumerar os itens, o autor, por lapso, inicia a partir do zero

Os autores destacam três grandes e reconhecidas implicações da presença da autopoiese: *implicação biológica, implicação epistemológica e implicação gnoseológicas.*

A *implicação biológica* apresenta-se na medida que se reconhece que um sistema é vivo porque é um sistema autopoietico. Portanto, num sistema vivente, a perda de sua autopoiese é sua desintegração, é a perda de sua identidade, é a *morte*.

Na *implicação epistemológica*, pode-se destacar o questionamento da validade das afirmações feitas a respeito dos sistemas biológicos, uma vez que a história social do homem mostra uma busca constante de valores que expliquem ou justifiquem a existência humana.

A *implicação gnoseológica* refere-se ao conhecimento, ao cognitivo. Vale destacar que a validade de todo o conhecimento nos seres vivos, principalmente no homem, se dá, necessariamente, em sua autopoiese continuada. E este conhecimento dependerá do próprio conhecedor e será relativo a ele. Não está sujeito às forças externas, a priori, a condição para se elaborar o conhecimento.

Segundo os autores, os sistemas vivos encontram-se como unidades autônomas, diversas e capazes de reproduzirem-se. A autonomia é uma das características mais relevantes dos sistemas vivos e também a mais instigante. Durante séculos, estudiosos fomentam sua curiosidade a respeito desse processo.

Maturana e Varela associam, ainda, os sistemas vivos à máquina e para isto esclarecem que o uso que o homem dá à máquina não é um aspecto da organização dela em si, mas o domínio, a relação em que ele opera. Em uma máquina produzida pelo homem, como a televisão, há uma organização determinada de processos. No entanto, estes não podem ser considerados processos de produção autônomos, que se movimentam e se reproduzem por si próprios. Os seres vivos, sim, são máquinas que se auto-reproduzem, mantendo constante a sua organização molecular e, para tanto, são denominados autopoieticos.

O homem fabrica máquinas para diferentes fins: entretenimento, defesa, lucro, facilidade para ação e outros. Sabe-se que o mais importante não é o aspecto físico e mecânico da máquina, mas a direção, o olhar, a prática e a utilidade que o homem vai lhe conferir.

A aprendizagem humana, segundo os autores, resulta do fenômeno de transformação do sistema nervoso, associado a uma mudança conduta, , por este sistema ser autopoietico. A aprendizagem, portanto, não dependerá de apenas uma

propriedade particular orgânica do homem. Ela é o resultado da interação de várias propriedades.

3.3.2 — PEDAGOGIA DE FREINET: UMA LIGAÇÃO COM A FENOMENOLOGIA E COM A AUTOPOIESE.

Este texto faz um paralelo entre a pedagogia freinetiana, o pensamento fenomenológico e a teoria da autopoiese. Para tanto, primeiramente, busca-se conhecer a pedagogia de Freinet.

Célestin Freinet foi um pedagogo, autodidata e político. Nasceu na França, no dia 15 de outubro de 1896 e começou o seu trabalho relacionado à educação, em 1920. Insatisfeito com o ensino tradicional nas escolas, ele criou um revolucionário trabalho de modernização e democratização do ensino.

Segundo o pensamento de Freinet, todo o ser humano deve aprender por si mesmo para garantir seu equilíbrio e a continuação da sua vida.

Nesse primeiro estágio, no começo, é a vida vegetativa que importa especialmente. É ela que dará ao organismo sua força e seu movimento. Nosso corpo tem sobre a máquina essa superioridade maravilhosa que tende, não ao desgaste, ao cansaço e à morte, mas à exaltação permanente de seu potencial de força, ao recarregamento desse potencial, à regeneração e à compensação das deficiências; é um organismo perfeito que repara ele próprio o desgaste, cura suas feridas, corrige os próprios erros. Basta ajudá-lo. (Freinet, 1977).

Para Freinet, os homens são inicialmente guiados pelo *instinto* e a experiência faz com que superem com segurança este fenômeno, dando-lhes a condição de superiores. Os animais são irrevogavelmente submetidos ao instinto, sem a aurora de um pensamento. A inteligência é a marca da nobreza do homem. O homem supera o animal, porque o seu organismo, os meios onde viveu, os sucessos e insucessos de suas experiências, suscitaram uma infinidade de pesquisas, cristalizadas em regras de vida, que marcaram as gerações. Todo o homem faz parte da história, viveu nela, com ela e dela. Como um eterno insatisfeito, sempre busca uma nova solução e cria novos problemas para alimentar o conhecimento e as suas ações.

É na multiplicidade das pesquisas que visam satisfazer a multiplicidade das necessidades, que medimos o grau de humanidade. No decorrer dessa infinidade de pesquisas criaram-se novas relações que o indivíduo utilizou para prolongar o poder e a ação de suas mãos. O homem inventou o instrumento, que é a base do progresso técnico contemporâneo.(Freinet, 1977).

Para o pedagogo, a aprendizagem se dá por um conjunto de fatores: associação, procura, repetição, imitação, pela experiência, pela troca de idéias, pelo convívio social, pela situação econômica e política vivenciada. Segundo o autor, os educadores são os únicos a operarem sem métodos comprovados de aprendizagem. Estes foram convencidos de que os conhecimentos escolares só poderiam ser adquiridos através de processos científicos, na realidade, falsamente científicos. Chama a atenção para a idéia ultrapassada de que é preciso conhecer o 1 e o 5 antes da noção de 10, e não se devem identificar as palavras enquanto não se conhecem as letras, nem construir uma frase enquanto não se conhecem as palavras, como se a construção natural da linguagem infantil não fosse a todo instante uma síntese baseada na vida, onde o elemento constitutivo desempenha inteiramente seu papel, nunca isolado do contexto de criação e de ação.

Uma longa tradição levou os educadores a acreditar, assim como os pais, que a educação é uma atividade a parte, que não se organiza e nem funciona segundo as normas correntes.

(...) existiriam segredos a serem conhecidos, um comportamento especial a adquirir, reflexos a condicionar, sem os quais não se poderia ser admitido no reino do conhecimento; a escola seria – e é na realidade – como uma ilha intencionalmente cortada ao meio, onde só se entra na ponta dos pés, onde se fala uma linguagem particular com palavras e uma entonação que tem maior valor na medida em que são diferentes da expressão ativa das crianças na rua e na família. (Freinet, 1977).

Para Freinet, a criança aprende a falar naturalmente, seja em casa ou na rua. Na realidade da aprendizagem infantil, só acidentalmente se parte da palavra; parte-se sempre da idéia, da coisa sensível, que primeiro se traduz em gestos e depois

em sons, que lentamente tomam forma, segundo o processo da pesquisa experimental.

Freinet introduziu em sua prática pedagógica, na escola em Vence, *as fitas gravadas e educativas*. Muitas escolas públicas da época adotaram esta técnica. As *fitas gravadas e educativas* eram produzidas com a colaboração do professor e dos alunos. Deste modo, a participação era cooperativa, todos podiam colaborar. As crianças, neste processo, ao organizarem e opinarem sobre a produção do material testavam a eficiência da prática pessoal, uma vez que elas mesmas, segundo o autor, colocam em ordem as seqüências de aprendizagem, com minúcia e precisão, revelando aptidões que não constam dos habituais relatos de experiências.

Não basta analisar, testar, pesar, experimentar um cavalo; é preciso sobretudo ensinar-lhe a saltar e a trotar; a avaliação virá depois...(...) é preciso mudar de técnica de aprendizagem, conceber ou encontrar outra mais viva e decisiva, mesmo que para isso se faça necessário destruir estoques dos livros eruditos que nos conduziram a esse impasse. O progresso pedagógico de modo algum é um assunto pessoal. Precisamos, custe o que custar, para a sociedade de 1965, uma pedagogia de 1965. (Freinet1979).

Diante do exposto, pode-se verificar que o pensamento fenomenológico, a teoria da autopoiese e a pedagogia de Freinet se assemelham na medida em que comungam a idéia de que o ser humano não é estático, não se encontra completo, não está submetido a pensamentos prontos e imutáveis. O ser humano, para Merleau-Ponty, Maturana e Varela e para Freinet sempre estará em constante mudança, em constante devir, pois ele é corpo com vida própria, e corpo com vida reage e se manifesta diante de qualquer situação que venha a ocorrer.

CAPÍTULO IV — FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA QUALITATIVA FENOMENOLÓGICA

Segundo Bicudo (2000), é importante que a pesquisa qualitativa fenomenológica seja entendida como filosofia, isto é, que se encontre na essência do fenômeno o caminho para se encontrar a verdade. Respeitar filosoficamente esse método é colocar no processo deste trabalho uma visão e um entendimento inicialmente contemplativo, em que os sujeitos, envolvidos na pesquisa, sejam olhados como seres humanos, como alguém que está em busca da sua própria compreensão da realidade que o cerca.

Neste contexto, a pesquisa qualitativa fenomenológica aceita a intencionalidade emanada do próprio sujeito, reflexo da sua concepção de consciência, entendido por ele e envolvido pelo que está a sua volta através do percebido e revelado, através das suas ações e de seus discursos.

O percebido, segundo Merleau-Ponty (1994), é um ato único, individual que irá ser demonstrado na percepção.

A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. (Merleau-Ponty, 1994).

Também Bicudo (2000) descreve a percepção como a possibilidade de se perceber alguma coisa de acordo com os órgãos do sentido. Dessa forma, entende-se percepção como uma experiência do corpo, da pele, das emoções e dos sentidos.

O método da pesquisa fenomenológica, de acordo com Edmundo Husserl, filósofo alemão, fundador da fenomenologia (1859-1938), consiste na descrição exaustiva do fenômeno e dos invariantes percebidos e destacados nas diferentes descrições, baseadas na inteligibilidade do que permitem compreender. É

um método¹² discursivo que valoriza e reconhece a significação de uma essência existencial ao ser descrita. Por possuir esta característica, torna-se complexa, uma vez que absorve todas as formas de intencionalidade.

O discurso, base da pesquisa fenomenológica, evidencia as manifestações individuais nunca fora de um contexto maior. Uma palavra, uma frase, uma expressão isolada não serão suficientes para se chegar à densidade semântica, ao entendimento do fenômeno revelado pelo ser humano.

O discurso é um dos caminhos, que esta corrente filosófica percorre, sempre acompanhada pela descrição. Sem o atrelamento do discurso com a descrição não haverá percepção fenomenal. A ligação entre descrição e discurso se justifica-se pelo fato do homem ser, a priori, sujeito do seu próprio discurso. Este discurso já se apresenta caracterizado pela complexidade do mundo e da história.

Rezende(1990) relaciona algumas características do discurso fenomenológico descritivo: é significante, pertinente, relevante, referente, provocante e suficiente.

Descrever de forma significante é ter em vista os aspectos mais importantes para se localizar e reconhecer a existência do fenômeno. Estes aspectos estão embutidos nos sentidos que o fenômeno apresenta, visto que *o sentido* torna-se *sentidos*, na medida em que o buscamos.

Descrever é colocar à mostra o que existe e o que acontece, de uma maneira aberta para novas percepções. Podem-se reconhecer estas afirmações na obra intitulada, *A fenomenologia da percepção*, de Merleau Ponty (1994).

Merleau-Ponty propõe deixar de lado a idéia de um mundo transcendental, de um mundo caracterizado pela razão pura para se voltar a um mundo mais existencial, mais concreto, mais palpável, mais sentido. O ser humano é elemento do mundo, ele é *um-ser-no-mundo*.

Ser no mundo é fazer parte, é estar engajado, é ser reconhecido e reconhecer-se como sujeito capaz de dar a este mundo existência, dar significado, dar rumos e fazer revoluções.

Desta forma, podemos afirmar que o fenômeno não se entende em uma única palavra ou mesmo em uma única frase, necessitando, então, de um discurso a

¹² A fenomenologia reconhece que sua filosofia é um método na medida em que não se separa da atitude filosófica correspondente: não é um método indiferente aos conteúdos, mas decorrentes da própria essência do fenômeno, a tal ponto que as variações na compreensão de um estão intimamente relacionados com as variações na percepção do outro. (Rezende, 1990. p.13)

seu respeito. Um discurso provido de significado e pertinência, oriundo das entranhas da sua estrutura semântica.

A relevância vem precisar a pertinência, como a significação vem caracterizar melhor a significância. A relevância permite que a estrutura se organize e sua multiplicidade seja vista como um fator unificador em função de uma ordem vivida, no contexto de uma situação existencial.

Uma outra característica que se pode perceber no discurso descritivo é que ele é referente, isto é, estabelece relacionamentos no interior da estrutura (entre seus diferentes aspectos) e no contexto, aqui, denominado mundo. Estes diferentes e cúmplices relacionamentos vêm desestruturar uma estrutura já fixada, fazendo assim o que se pode chamar de revolução. A verdadeira revolução acontece quando se coloca o homem diante de uma nova estrutura, provocada pela mudança significativa em um dos elementos. O mundo não pode ser reduzido ao meu mundo. Para que isto não aconteça é necessário que se amplie o quadro de referências e se multipliquem as relações para que a descoberta de outros mundos seja possível, bem como o surgimento de outras possibilidades de percepção, de descrição, de compreensão, de interpretação e de resposta ao sentido e aos sentidos que os fenômenos possam apresentar.

A provocação para a fenomenologia é dar ao discurso um tom instigante, não se contentando com as diferentes formas das respostas, mas de que outras maneiras elas poderiam ou deveriam ser dadas. A importância desta provocação encontra-se no sentido de dar ao homem a possibilidade de perceber que o discurso não é estático, absoluto, verdadeiro, mas que ele é passível de ambigüidade. Uma ambigüidade que o levará a procurar novos sentidos, novas respostas, extrapolando o limite de um discurso acabado e pleno. Deste modo, o homem dá sentido à sua ativez e a fenomenologia mostra que a provocação supera o estímulo, o pronto e a passividade.

CAPÍTULO V — METODOLOGIA APLICADA NA PESQUISA E SEU PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO

A partir da escolha da série TV na Escola e os Desafios de Hoje: Política de Desenvolvimento e Organização da EAD, do programa Salto para o Futuro/ TV Escola/MEC, desencadeou-se a presente pesquisa. Esta escolha se deu pela relevância do tema e porque a série foi veiculada recentemente (junho 2002).

A princípio, verificou-se qual instrumento iria ser utilizado para elencar os dados. Sendo um programa televisivo, optou-se por gravar a série e se trabalhar na decupagem a partir das fitas gravadas. Foi realizada exaustivamente durante uma hora e quarenta minutos, a decupagem de discurso. Este exercício girou em torno de retroceder e avançar a fita inúmeras vezes, até que fosse esgotado e registrado, a contento, todo o discurso dos sujeitos da pesquisa. Após a observação de toda a série percebeu-se que se podiam dividir os sujeitos da pesquisa em quatro categorias, assim denominadas: Equipe Produtora, Consultor da Série, Professores Convidados e Professores Participantes.

A Equipe Produtora, os Professores Convidados e os Consultores da Série estavam no estúdio, enquanto que os Professores Convidados participaram do programa através do telefone. No total participaram dezoito sujeitos.

A pesquisa deteve-se à transcrição dos discursos realizados no primeiro bloco de cada programa, uma vez que a intenção era registrar até o momento do primeiro contato telefônico e este parâmetro já se evidenciava no primeiro bloco.

Registrou-se a transcrição, na íntegra, dos discursos num quadro denominado Discursos dos Sujeitos da Pesquisa. Primeiramente, fez-se um registro, utilizando a caneta, posteriormente, o computador.

Como a série pesquisada continha cinco programas, foram elaborados, então, cinco quadros. Os sujeitos foram nomeados com letras do alfabeto brasileiro. No primeiro programa registrou-se a participação de cinco sujeitos (A, B, C, D e P), no segundo, seis sujeitos (A, E, F, G, Q e E), no terceiro programa, cinco sujeitos (A, C, H, I, e R), no quarto, seis sujeitos (A, C, J, L, P, e C) e no quinto programa registrou-se o discurso de cinco sujeitos (A, M, N, O e S). Percebeu-se que havia sujeitos participando de mais de um programa. Os seus discursos foram considerados, mas eles foram nomeados como sendo apenas um sujeito. Num resumo

de identificação ficaram evidenciados dezoito sujeitos: A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, L, M, N, O, P, Q, R, S.

Após o registro dos discursos, iniciou-se o processo de redução de idéias, para que evidenciassem as Unidades de Significado e, então, se fizesse o Discurso Articulado, conforme orienta o método da pesquisa qualitativa fenomenológica. O processo para evidenciar as Unidades de Significado deu-se verificando, dentro do Discurso do Sujeito, uma frase, um parágrafo, ou mesmo uma palavra que viesse fazer sentido à luz do nosso objeto e da nossa interrogação: verificar o entendimento dos sujeitos quanto a Educação a Distância, Aprendizagem e Interatividade, bem como, o funcionamento da Interatividade, entre pessoas, em situação de Aprendizagem num programa de televisão.

Nas Unidades de Significado, conservou-se a identificação do sujeito, acrescentando a ele um número.

No primeiro programa evidenciaram-se quarenta e três Unidades de Significado, no programa dois, trinta e três, no programa três, cinquenta e duas, no programa quatro, trinta e quatro e no programa cinco registraram-se trinta e uma Unidades de Significado. Num total, evidenciaram-se cento e noventa e três Unidades de Significados.

O processo de redução prosseguiu às Unidades de Significado, um único Discurso Articulado, de forma que abrangesse todas as Unidades de Significado de cada programa. Dessa forma, permaneceram cinco grandes Discursos Articulados.

A partir dos Discursos Articulados elencaram-se doze Confluências Temáticas e foram direcionadas a elas as Unidades de Significado que se relacionavam ao tema e que se esforçavam para permanecer evidenciadas de forma invariante.

As Confluências Temáticas foram assim nomeadas e enumeradas: CT1- Consciência Pedagógica, CT2- Sociedade e Tecnologia, CT3 – Didática e Tecnologia, CT4- Trabalho e Aprendizagem Coletiva, CT5- Presença Virtual, CT6- Interatividade, CT7- Tecnologia e Aprendizagem, CT8-Educação a Distância, CT9- Criatividade, CT10- Linguagem Audiovisual. Vale ressaltar que foram direcionadas para algumas Confluências Temáticas mais de uma Unidade de Significado, por se enquadrarem em vários temas.

Para cada Confluência Temática procurou-se escrever num texto breve o entendimento que se dava a cada uma delas, segundo os teóricos da pesquisa. Os

textos foram permeados com Unidades de Significados, com o intuito de exemplificá-los e enriquecê-los.

Nesta etapa elaborou-se a Matriz Nomotética para que visualizasse melhor o processo da pesquisa. A Matriz Nomotética permite perceber de uma maneira mais clara e sintetizada as invariantes.

A Matriz Nomotética indicou cento e cinqüenta e duas Unidades de Significado para a CT1, trinta e três para a CT2, cento e sete para a CT3, trinta e nove para a CT4, sete para a CT5, quatorze para a CT6, vinte e oito para a CT7, treze para a CT8, cinqüenta e quatro para a CT9 e vinte para a CT10. Estes dados levaram a evidenciar as Categorias Abertas.

Entendem-se como Categoria Aberta (CA) as Confluências Temáticas que recolheram para si um número significativo de convergências emanadas das Unidades de Significado. As CA evidenciadas foram CA1- Consciência Didático-Pedagógica e Tecnologias; CA2- Aprendizagem cooperativa e Interatividade e CA3 - Desafios Pedagógicos. A partir da evidência das três Categorias Abertas fez-se a descrição das mesmas, procurando relacioná-las com o objeto de pesquisa.

5.1 —.DADOS SINTETIZADOS DA PESQUISA

Canal de veiculação: TV Escola/SEED/MEC/Brasil

Programa pesquisado: Salto para o Futuro

Nome da série pesquisada: TV na Escola e os Desafios de Hoje- Política de Desenvolvimento e Organização da Educação a Distância

Objetivo da série:

- ✓ Resgatar as dimensões importantes da experiência de articulação intencional da Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação/SEED/MEC com

a Universidade Virtual Pública do Brasil/UniRede e as Secretarias Estaduais de Educação.

- ✓ Oferecer aos educadores da rede pública de ensino básica, em todo o país, formação a distância para utilização de tecnologias da informação e da comunicação, em especial, as audiovisuais.
- ✓ Abordar as dimensões dessa iniciativa, incorporando reflexões e relatos da experiência concreta de alguns participantes do curso de extensão a distância "TV na Escola e os Desafios de Hoje"¹³.

Formato: Cinco programas com duração de 60 minutos cada, divididos em três blocos de 20 minutos cada um. Cada programa foi identificado com um número: programa 1, 2, 3, 4 e 5.

Data da veiculação: 24 a 28 de junho de 2002.

Horário da veiculação: 19h (horário Brasília)

Material pesquisado: Fitas de vídeo VHS (gravadas)

Número de programas pesquisados: cinco

Tempo analisado: 1 hora e 40 minutos (foram analisados os primeiros blocos de cada programa (aproximadamente vinte minutos de cada bloco)).

Método utilizado: Pesquisa Qualitativa Fenomenológica.

Categorias de sujeitos pesquisados:

Elencaram-se quatro categorias de sujeitos, assim nomeadas: Equipe Produtora, Consultor da Série, Professores Convidados, Professores Participantes.

- 1- **Equipe Produtora:** todos os envolvidos na produção técnica e pedagógica do programa: Educadores da Secretaria de Educação a Distância/MEC e Equipe de Produção da TVE Brasil do Rio de Janeiro.

¹³ "TV na Escola e os Desafios de Hoje" foi um curso a distância promovido pela SEED/MEC em parceria com a UniRede. O curso atendeu 35 mil professores em todo o país, em sua primeira edição. O objetivo do curso é qualificar professores, diretores, coordenadores pedagógicos, supervisores e outros profissionais de escolas públicas do Brasil para melhor utilização dos recursos proporcionados pelas novas tecnologias de comunicação e informação no cotidiano escolar, com ênfase na comunicação educativa audiovisual (TV e vídeo). Em Mato Grosso do Sul o projeto é Coordenado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e já capacitou mais de mil professores.

- 2- **Consultor da Série:** cada Série do programa Salto para o Futuro há um Consultor responsável pelo conteúdo do tema a ser veiculado nos programas.
- 3- **Professores Convidados:** Foram doze professores que, ao vivo, compuseram a mesa de debate do programa, no estúdio da TVE Brasil, Rio de Janeiro e que elaboraram textos especificamente para a série pesquisada. Estes professores conceberam e coordenaram o desenvolvimento e a organização da política de educação a distância para capacitar professores para o uso das tecnologias audiovisuais nos processos educativos, por meio do curso de extensão a distância "TV na Escola e os Desafios de Hoje". Vale ressaltar que um mesmo professor convidado participou do programa um, três e quatro.
- 4- **Professores Participantes:** Os educadores de diferentes regiões do país que participam, ao vivo, do programa, através do telefone. Foi considerado apenas um participante por programa, priorizando sempre a primeira ligação telefônica. Um mesmo professor participante interagiu no programa um e quatro.

Número de sujeitos pesquisados: dezoito

5.2 — DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos foram descritos a partir dos dados disponibilizados durante a veiculação do programa, através de caracteres posto na tela, das informações dadas pela apresentadora do programa e por dados retirados do Boletim impresso que subsidia a série TV na Escola e os Desafios de Hoje- Política de Desenvolvimento e Organização da Educação a Distância.

Destaca-se que o referido Boletim foi retirado do site <http://www.tvebrasil.com.br/salto/>

Sujeito A - Equipe Produtora. Fazem parte da equipe produtora todos os que participaram da produção técnica do programa: apresentadora, voz em off, diretor do programa, cinegrafista e outros.

Sujeito B - Consultor da Série: Professora com graduação em Pedagogia pela Universidade de São Paulo/USP, Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Especialista em Educação a Distância e Doutoranda em Ciências da Educação (Uned- Espanha), Professora do Departamento de Métodos e Técnicas da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Coordenadora Pedagógica do Curso de Extensão "TV na Escola e os Desafios de Hoje". Atua em duas linhas de pesquisa: Concepção de Cursos e Materiais Escritos para o Ensino a Distância e Formação de Professores.

Sujeito C - Professor Convidado do Prog 1 , 3 e 4. Professor da FE/UnB. Elaborou os seguintes textos para a série: *TV e vídeo na formação de professores: desafios e conceitos, Televisão e educação: aproximações, Produção audiovisual na escola: desenvolvimento da análise e da expressão.*

Sujeito D - Professor Convidado do Prog 1. Professor do DEE/SEED/MG. Elaborou os seguintes textos para a série: *Aspectos pedagógicos nas relações tutor-cursista, no contexto do curso "TV na Escola e os Desafios de Hoje", em Minas Gerais.*

Sujeito E - Professor Convidado do Prog 2. Professora da Universidade de São Paulo/USP/SP. Elaborou o seguinte texto para a série: *As tecnologias invadem nosso cotidiano.*

Sujeito F – Professor Convidado do Prog 2. Professor da Universidade de São Paulo/USP/SP . Elaborou o seguinte texto para a série: *Desafios da televisão e do vídeo à escola.*

Sujeito G - Professor Convidado do Prog 2. Atua na Secretaria de Educação a Distância do Ministério de Educação e Cultura/SEED/MEC e é professor da FCM/UERJ. Elaborou o seguinte texto para a série: *Conhecendo as tecnologias para a formação de professores e alunos para o ensino e aprendizagem a distância: do impresso às redes eletrônicas.*

Sujeito H - Professor Convidado do Prog 3. Professor da LIV/UNB . Elaborou o seguinte texto para a série: *A leitura da imagem*

Sujeito I - Professor Convidado Prog do 3 . Atua na Secretaria de Educação a Distância do Ministério de Educação e Cultura/SEED/MEC. Elaborou o seguinte texto para a série: *Uma nova dinâmica na gestão educacional*

Sujeito J - Professor Convidado do Prog 4 . Atua na Secretaria de Educação a Distância do Ministério de Educação e Cultura/SEED/MEC. Elaborou o seguinte texto para a série: *Processos de produção de vídeos educativos*

Sujeito L – Professor Convidado do Prog. 4. Professor em Vilhena/RO. Elaborou o seguinte texto para a série: *Experimentação: planejando, produzindo, analisando.*

Sujeito M - Professor Convidado do Prog 5. Professor da UNIR . Elaborou o seguinte texto para a série: *A organização e infra- estrutura do Núcleo Amazônia Oeste do curso de extensão a distância TV na Escola e os desafios de Hoje.*

Sujeito N - Professor Convidado do Prog 5. Professor da Universidade Federal de Pernambuco/ UFPB . Elaborou o seguinte texto para a série: *Organização em educação a distância- a experiência do Núcleo Paraíba do curso de extensão a distância TV na Escola e os desafios de Hoje.*

Sujeito O - Professor Convidado do Prog 5. Professor da Universidade Federal de Goiás/ UFGO. Elaborou o seguinte texto para a série: *A experiência do Núcleo de Goiás do curso de extensão a distância TV na Escola e os desafios de Hoje.*

Sujeito P - Professor Participante do Prog 1 e 4-. Professora do Colégio Estadual Vereador Pedro Xavier Teixeira do município de Nova Roselândia, Tocantins.

Sujeito Q - Professor Participante do Prog 2- Professor do Rio de Janeiro/RJ

Sujeito R - Professor Participante do Prog 3 –Professora do Rio Grande do Norte.

Sujeito S - Professor Participante do Prog 5- Professora do Tocantins

Unidades de Significado elencadas dos discursos dos sujeitos : Cento e noventa e três

Confluências Temáticas elencadas: dez

Categorias Abertas evidenciadas: três

Parâmetros para a análise geral da pesquisa: Verificar o entendimento dos sujeitos quanto a Educação a Distância, Aprendizagem e Interatividade.

Interrogação que orientará as evidências das Unidades de Significados: Como funciona a Interatividade, entre pessoas, em situação de Aprendizagem num programa de televisão?

5.3 — ANÁLISE IDEOGRÁFICA DA PESQUISA

A Análise Ideográfica permite perceber todos os dados obtidos a partir dos discursos dos sujeitos. Estes dados estarão embasando o elenco das Unidades de Significado, as Confluências Temáticas e a Categorias Abertas, permitindo e permitirão elaborar a matriz nomotética e evidenciar os grandes invariantes.

5.3.1— DISCURSO DOS SUJEITOS

Será mostrado neste item, o discurso, na íntegra, realizado pelos sujeitos da pesquisa no primeiro bloco de cada programa da série TV na Escola e os Desafios de Hoje - Política de Desenvolvimento e Organização da Educação a Distância, do programa Salto para o Futuro, veiculado pela TV Escola, em junho de 2002. A partir dessa transcrição, elencaram-se as Unidades de Significado dos discursos.

5.3.1.1 — Discurso dos Sujeitos da Pesquisa – Programa 1

Sujeito A: Está entrando no ar pela TV Escola mais um Salto para o Futuro. De acordo com o último censo do IBGE, o aparelho de TV é um eletrodoméstico presente em 87% dos domicílios brasileiros, o que comprova que as imagens mostradas na televisão estão mais do que incorporadas às nossas vidas. Também segundo o último censo, o número de computadores em domicílios brasileiros é superior a 17 milhões, o que demonstra que a Internet já pode ser acessada por uma parcela da população. Incorporar estes audiovisuais na prática pedagógica é a principal proposta do curso de extensão TV na Escola e os Desafios de Hoje, assunto da série que vamos discutir nesta semana. Hoje, no primeiro programa vamos debater como os audiovisuais contribuem para a construção do conhecimento.

Mande já a sua mensagem. Você pode participar do Salto, ao vivo, pelo telefone (...), via Internet (...), ou ainda pelo fax (...). Nosso fax e email estão 24h a sua disposição. Você também pode entrar em contato conosco pela nossa caixa postal (...) Envie suas perguntas, relate as suas experiências. Participe!

Uma pesquisa sobre a TV desenvolvida pelo Núcleo de Estudos de Políticas Públicas da UNICAMP, em 1999, revelou um fato importante: entre os professores entrevistados, 86% demonstraram o desejo de utilizar melhor o canal. Com base nos resultados desta pesquisa, foi elaborado o curso de extensão TV na Escola e os Desafios de Hoje, que vamos conhecer um pouco mais a partir de agora.

Bem, basicamente neste primeiro vídeo (trata-se de um vídeo produzido pela produção do programa e veiculado no programa), nós falamos sobre os desafios. E agora eu gostaria que cada um dos nossos convidados aqui, hoje, falasse um pouco do que eles pensam a respeito destes desafios. Leda, você poderia começar?

Sujeito B: Bem, o maior desafio que nós temos num curso a distância é de como superar a ausência física, como torná-la menor e como garantir que, através de materiais didáticos que elaboramos, as experiências sejam ricas e proporcionem a qualidade da aprendizagem que nós queremos. Há também um fator de que todos somos telespectadores. A televisão faz parte do nosso cotidiano, nós vemos televisão, nós assistimos a novela, nós vamos ao cinema e assim por diante. Como trabalhar com este universo da comunicação através de

um conjunto de matérias, que as pessoas possam trabalhar na escola com isso dentro das várias áreas do currículo, no projeto político pedagógico da escola. Uma das coisas que nós estamos fazendo com referência a essa memória que nos temos é que a nossa participação social é super-rica e deve ser trabalhada. Nós precisamos partir de que as pessoas não nasceram no momento que começaram o curso, ao contrário, eles têm toda uma riqueza de experiências, provavelmente não se detiveram a estudá-la. Partindo desse princípio, nós tivemos que organizar experiências que permitissem às pessoas não se sentirem intimidadas com a própria linguagem audiovisual que ela nos é familiar, ao mesmo tempo que permitisse ao professor estudar, apreender, porque ele aprende também pelo audiovisual., ele não só ensina. Esses são os dois pontos mais difíceis de trabalhar a distância. Nós estamos acostumados com o fazer fácil, a ouvir rapidamente a palavra do outro, a ler na face o impacto das nossas observações. Creio que a gente conseguiu com a variedade de experiências da equipe pontuar a série de atividades que permitisse ler, analisar, elaborar, se deter, conhecer o acervo, organizar, vamos dizer assim, trabalhar com o material do visual a ponto de poder tomar decisões pedagógicas consistentes.

Sujeito A: Vânia, no seu ponto de vista quais seriam os maiores desafios?

Sujeito C: Eu acho que os grandes desafios desse curso ele não se limita à presença da tecnologia em si, do equipamento, mas das informações que estão sendo disponibilizadas, dos espaços que estão sendo construídos, dos novos modos de compreender que são provocados que passam a exigir assim uma nova formação do educador. Então o objetivo deste curso, de preparar o educador para a integração do audiovisual na sua prática pedagógica, na verdade se trata não da incorporação de um aparato, mas da integração de uma cultura audiovisual. Daí, então, a nossa grande dificuldade porque a linguagem audiovisual é totalmente diferente da língua escrita que é a linguagem que a escola tem como centro. Daí o nosso grande desafio e também o fato das tecnologias dentro deste curso elas estarem sendo abordadas tanto na perspectiva do aprender através dela e como aprender com elas e também de aplicá-las a sua prática pedagógica. Então ao meu ver são estes os desafios.

Sujeito A: E para você Estevão, Quais seriam os maiores desafios?

Sujeito D: Para mim, no bojo desse projeto há um desafio muito interessante. Diz respeito a um desafio de formação, da capacitação de tutores. Vejamos o nosso exemplo lá em Minas Gerais. Eu imagino pelo Brasil afora isso poderia estar acontecendo anteriormente ao curso. Antes do TV Escola e os Desafios de Hoje o que nós fazíamos era treinar técnicos das Superintendências Regionais de Ensino... na esperança que estes técnicos passassem, chegassem ao professor e passassem ao professor lá na escola o que ele, técnico, havia recebido no treinamento que era de âmbito nacional, regional... caracterizado por metodologias convencionais. O que imperava era muito principalmente aula expositiva, que não leva muito, que não há lá muito de afetividade. A rigor, o que nós conseguimos quando muito, de fato, intelectualizar pessoas. No caso, intelectualizar os técnicos. Agora, com o TV Escola e os Desafios de Hoje que é um curso a distância, nós estamos chegando diretamente ao professor e o técnico foi transformado em tutor e nós estamos, então, capacitando tutores. O que é realmente algo muito importante, estamos indo bem nessa faixa aí e porque, afinal, tutores constituíssem um elemento crucial desse processo.

Sujeito A: Ou seja, pensando bem, esse desafio está sendo sucesso...

Sujeito D: Eu acho isso um grande desafio muito importante. Estamos formando novos quadros, no caso quadro de tutores.

Sujeito A: Ok. Bem, vamos agora à primeira participação do Salto de hoje que é da Andréia de Tocantins. Olá, Andréia, pode fazer a sua pergunta.

Sujeito P: Olá! Falo do Teleposto do Colégio Estadual Vereador Pedro Xavier Teixeira, município de Nova Roselândia. A Educação a Distância é um processo que está em plena expansão nos tempos atuais. No entanto, sabemos que muitas vezes a atenção dos alunos ou cursistas fogem quando participam de um curso presencial, imagine num telepresencial. Pergunto, então, como deve ser avaliado a aprendizagem de um curso de formação a distância. Boa noite e obrigada

Sujeito B: Bem, eu diria o seguinte: a questão da avaliação da aprendizagem ela é tão difícil no presencial quanto no a distância. Claro que a distância da pessoa de centros com mais recursos pode dificultar um pouco qualquer trabalho. Mas a nossa idéia foi de que a

pessoa tivesse um tempo para aprender e tivesse paciência com ela mesma, tolerância com a sua própria dificuldade, no sentido que ela fosse gradativamente superando. As atividades eram progressivamente mais complexas, elas passavam por todas as questões de conhecimento, porque o conhecimento não é uma informação que nós estamos transmitindo, é um processo de construção ativa do sujeito que aprende. Também nós idealizamos que haveria necessidade sim de alguns momentos de pausa, de sistematização maior e que a pessoa devia entrar em contato com o seu tutor remetendo o trabalho. E, junto com estes dois movimentos, nós idealizamos um processo de relato, como um diário de bordo, em que a pessoa considerasse como que ela estava conseguindo realizar as atividades. Que já que ela não está ao lado do tutor e que ele não pode ver o que está ocorrendo com ela, o memorial, como nós chamamos, que é um instrumento de trabalho, permitia estabelecer este contato e este universo de experiências do cursista. Isso não quer dizer que é suficiente, nós sabemos as dificuldades das pessoas, mas nós introduzimos, também, algo que na teoria de Educação a Distância se chama tutoria em papel, ou seja, eu não posso ficar ligando toda hora para o meu tutor, meu orientador acadêmico. Algumas coisas do próprio texto permitiam à pessoa já ir confrontando a qualidade de suas respostas com aquelas dos professores que elaboram o material e que não estão diretamente ao seu lado diretamente. Ele coteja pra ver se havia uma aproximação válida ou se ele precisasse redefinir o rumo de suas atividades. Nós esperávamos, também, que o acervo da TV Escola permitisse, tivesse ao alcance das pessoas, pudesse ajudar a realizar a maioria das atividades. O fato de que a televisão seja um meio discriminado, não se trata de ter o material, mas ter acesso a ele. Que isso garantisse o mínimo de condições para as pessoas trabalharem.

Tabela 1 - Transcrição, na íntegra, dos discursos dos sujeitos nos 20min iniciais do programa 1

5.3.1.2 — Discurso dos Sujeitos da Pesquisa – Programa 2

Sujeito A: Está entrando no ar pela TV Escola mais um Salto para o Futuro. Dos textos impressos às redes eletrônicas, hoje, a escola passa por mudanças significativas. Se antes, giz, quadro e livros didáticos eram os únicos recursos disponíveis para o professor, de uns tempos para cá, livros, literatura, jornais, revistas, jogos, TV, vídeo, computadores, também passaram a fazer parte do ambiente escolar. Hoje no segundo programa da série TV na Escola os Desafios de Hoje, vamos discutir a utilização das tecnologias na educação básica. Participam do programa a professora Vani Moreira Kenski/USP, professor José Manuel Moran/USP e professor Paulo Pavarini Raj/SEED/MEC. Professores, direto do Estado de Santa Catarina, também participam ao vivo do programa de hoje.

Mande já a sua mensagem. Você pode participar do Salto, ao vivo, pelo telefone..., via Internet..., ou ainda pelo fax... Nosso fax e email estão 24h a sua disposição. Você também pode entrar em contato conosco pela nossa caixa postal... Envie suas perguntas, relate as suas experiências. Participe!

Todos os conhecimentos, recursos, ferramentas e equipamentos desenvolvidos pelos seres humanos são tecnologias e ao contrário do que muita gente pode pensar esses recursos são chamados de tecnologia, independente de serem ou não frutos de avançados processos de produção. Não é de hoje que o homem vive sua odisséia tecnológica (neste momento a produção veicula um vídeo).

Pois é ,Vani, como é que você vê o aproveitamento da tecnologia na escola hoje?

Sujeito E: Bem, o que eu vejo é que a televisão, rádio, filme, eles são como um professor tradicional que apresenta uma aula expositiva, e que não tem diálogo. Ele não aceita nem uma intervenção na fala. Então, o espaço complementar, a arte, e o espaço da troca e o espaço da discussão é o espaço da pergunta, é o espaço onde as pessoas vão poder utilizar aquela informação ou aquele tipo de momento que ela viu, ouviu e discutir com os seus pares, com seus colegas, com os professores aquilo que está sendo colocado. E nós, com a escola, neste caso é o espaço da pergunta e o espaço de aprender a se perguntar, aprender a trabalhar com estas informações de uma forma crítica para poder ir mais longe, aprender a ver mais do que aquilo que está sendo apresentado.

Sujeito A: Ok. Moran, como é que são as novas tecnologias de informação, de

comunicação e como que fica essa incorporação dentro do cotidiano escolar. Como é que você vê esta questão?

Sujeito F: Bom, as tecnologias, elas estão presentes em todo o cotidiano, em casa, na escola. As informações são aquelas que nos ajudam a ver o que está acontecendo, a organizar o que está acontecendo. Às de comunicação a estabelecer troca, intercâmbio, estabelecer relações. Hoje nós temos informações como nunca nenhuma geração teve. O grande problema que eu vejo é a questão da comunicação. Apesar que usamos muito a palavra, eu creio que informação não é igual a comunicação.. Temos muita informação e creio que temos pouca comunicação. E a escola, como disse Vani, ela é um espaço que pode e deve caminhar para ser um espaço mais participativo, mais de troca. É um espaço que podemos aprender a trocar junto com a família. Então, aprender a informação, transformar em conhecimento e mediada pela comunicação.

Apresentadora: Ok. Paulo, e você, como é que você conceitua tecnologia?

Sujeito G: Bem, definir a tecnologia, digamos para quatro aspecto do que significa a palavra tecnologia. Primeiro, o conceito mais geral é como se fosse um estudo de uma arte, um tratado, em geral, quais são as técnicas empregadas, como é que a gente usa essas técnicas. Depois, um segundo conceito tem a ver com a linguagem, quais são os termos, quais são as palavras, qual o sentido que a gente dá dentro de uma dada ciência. O terceiro aspecto volta-se, digamos assim, para um processo. Um processo de construção, como os artefatos são construídos, que tipo de tecnologia, e aí se usa a tecnologia para explicar como um artefato ou uma plataforma é construído, como os CDs são aplicados, assim por diante, que tipo de técnicas são usadas e, finalmente, como o quarto conceito, a questão da explicação. A questão da plataforma, quais são os terminais que nós utilizamos para ter acesso, para nos comunicarmos uns com os outros. Que tipo de suporte que a gente usa para ter acesso, então, a diferentes informações, nessa comunicação como um todo.

Sujeito A: Ok. Nós vamos agora à primeira participação do Salto de hoje que é da Isabel do Tocantins. Ô! Isabel, pode fazer a sua pergunta.

Sujeito Q: Sou a professora Isabel Francisca do Teleposto do Colégio Estadual João Dias

Sobrinho em Divinópolis, Tocantins. Hoje nossos alunos têm um contato mais mais amplo com a tecnologia, como, por exemplo, os jogos eletrônicos. Diante dessa realidade, como uma escola que não dispõe desses recursos pode educar para a cidadania, deixando estes alunos preparados para atuar numa sociedade que está em contato com a globalização e com as tecnologias do novo milênio? Boa noite, obrigada!

Sujeito A: Muito obrigado a você pela sua participação . Vani, você poderia responder?

Sujeito E: Eu acredito que a primeira coisa é , e aí eu cito muito a idéia de Pierre Babin que é um educador e um pesquisador francês e que ele diz que nós, professores, precisamos mergulhar nesse universo que os jovens estão atuando, eles estão se divertindo. Compreender o espaço educativo que pode ser aproveitado a partir desses jogos. Nada melhor do que a gente aproveitar um jogo, uma brincadeira, alguma coisa que der prazer ao jovem e transformar isso, com os jovens, num projeto prá criar, por exemplo, um vídeo jogo, um vídeo game educativo. Então eu acho que esta parceria do professor com os alunos é que vai fazer com que haja educação, conhecimento e prazer. É nesse sentido que eu acredito que a gente possa trabalhar e aproveitar essa nova realidade.

Tabela 2 - Transcrição, na íntegra, dos discursos dos sujeitos nos primeiros 20min do programa 2.

5.3.1.3 — Discurso dos Sujeitos da Pesquisa – Programa 3

Sujeito A: Está entrando no ar pela TV Escola mais Um Salto para o Futuro. É pela televisão que muitas vezes somos informados do que acontece no mundo e a nossa volta. Também é na tela da televisão que encontramos diversão e entretenimento e é pela TV que você cursista, acompanha as séries e as discussões aqui no Salto, além de outros programas da TV Escola. Mas além de tudo isso, a TV pode representar uma abertura de caminhos e de novas possibilidades para o processo educativo. Somados ao vídeo, a televisão se transforma em um importante recurso pedagógico a ser utilizado na escola. E esse é o nosso assunto no programa de hoje. São nossos convidados para o debate a professora da Universidade de Brasília, Vânia Lúcia Quinta Carneiro, a professora também da Universidade de Brasília, Lucilia Helena do Carmo Garcez e a Diretora do Departamento de Políticas de Educação a Distância da Secretaria de Educação a Distância do Ministério de Educação e Cultura, Carmem Moreira de Castro Neves. E você, como sempre, é o nosso convidado especial. Participe!

Mande já a sua mensagem. Você pode participar do Salto, ao vivo, pelo telefone..., via Internet..., ou ainda pelo fax... Nosso fax e email estão 24h a sua disposição. Você também pode entrar em contato conosco pela nossa caixa postal... Envie suas perguntas, relate as suas experiências. Participe!

Televisão é uma invenção que possibilitou novas formas de ver o mundo. Na metade do século XX, experimentamos várias sensações, via satélite, ao vivo pela TV. Imagens que marcaram várias gerações e que sempre são assuntos nas ruas, em casa e, é claro, na escola. A importância da TV como veículo de comunicação hoje não é mais discutida. Estão em discussão a qualidade da programação e a forma de levar para o ambiente escolar essa tecnologia tão presente na vida de todos (neste momento a produção veicula um vídeo).

Pois é, Vânia, a partir disso, né, como integrar, então, a TV, vídeo e escola?

Sujeito C: Bom, como a gente viu, na verdade, a televisão ela já está presente na escola. Ela já está integrada à cultura da criança, à cultura do jovem. Hoje, né, tem muita da influência da televisão, existe aí toda uma cultura televisiva. O primeiro passo para fazer essa integração é o professor conhecer essa televisão, é estudar televisão e essa relação da televisão com a educação de três perspectivas complementares: a primeira seria o educar

para a televisão, no sentido de estar contribuindo assim para o desenvolvimento de uma leitura crítica da televisão, de análise crítica da televisão, pra estar formando, na verdade, telespectador mais seletivo, mais exigentes. Uma outra seria o educar com a televisão, ou seja, o professor utilizar a televisão na sala de aula como instrumento pra informar, pra motivar, como meio de também expressão. Quer dizer, hoje, o importante também é de se comunicar com a linguagem audiovisual não apenas recebendo, mas se expressando também através dessa linguagem. Uma outra perspectiva, que seria a de educar por meio da televisão. Então, o importante que o professor também conheça esse espaço educativo da produção, da produção e comercial, da produção e televisão, de modo geral, para conhecer assim, as possibilidades, né, de se trabalhar também a educação dentro das emissoras, né, e uma forma de tá cobrando mais e melhores programas, uma televisão de mais qualidade.

Sujeito A: Pois é, Lucila, na sua concepção, como você acha que as pessoas podem estar preparadas pro vídeo, para a TV e pro cinema?

Sujeito H: Olha, nós estamos expostos, hoje em dia, a uma quantidade enorme de informações. Elas constituem uma nova linguagem. Assim como nós devemos nos preparar para a matemática e prá linguagem verbal, nós precisamos também nos preparar para a linguagem audiovisual, que envolve uma montagem, que envolve um uso especial do som, da sombra, da cor e de uma porção de elementos que são conjugados para passar uma mensagem. Então, para que o sujeito seja crítico dessa mensagem, ele precisa compreender como esses elementos foram utilizados. Assim como a gente estuda na linguagem verbal, nós devemos também desconstruir a linguagem audiovisual. A maneira mais prazerosa de fazer isso é fazer junto com os outros. Nós precisamos de discutir essa linguagem com outras pessoas, com o professor, com os colegas, com a família, desconstruindo como essa linguagem foi elaborada de maneira a compreender melhor as segundas, as terceiras e as quartas intenções que vêm nessa elaboração.

Sujeito A: Carmem, e quais seriam as implicações da inserção das tecnologias na gestão da escola?

Sujeito I: São muitas. A entrada da tecnologia na escola traz uma nova dinâmica pra educação, uma dinâmica prá sala de aula e prá gestão escolar como um todo. Então, quando

a TV, o vídeo, o computador entram na sala de aula, o professor tem que ser o gestor de um novo espaço educacional. Então, isso é muito interessante, o professor passa a preparar a sua aula de uma forma diferente. Passa a organizar as atividades, as estratégias de uma forma diferente, de uma outra maneira de ser gestor da sala de aula. Mas há também a dimensão dos dirigentes da escola que são os diretores, coordenadores pedagógicos, coordenadores de tecnologias. Os nomes variam de estado para estado, mas esses agentes tem um papel tão importante quanto os professores. Na verdade eles podem dar um grande suporte aos professores. O professor Moran falou que há três dimensões importantes: precisa primeiro ter acesso, ou seja, nós precisamos ter os equipamentos na escola. Isso, os diretores, os coordenadores, junto com os professores, têm que ir atrás. Algumas escolas que usam bem a TV Escola e que já descobriram a importância da asserção dessa tecnologia, já não tem mais uma televisão, já, por meios próprios, têm duas, três, quatro televisores. E o papel do gestor é fundamental. Não basta, como o professor disse no vídeo, não basta ter o acesso ao equipamento, é preciso que eu saiba manuseá-lo, e não basta também que eu saiba só manuseá-lo, que as duas professoras disseram antes. É, eu preciso saber usar este material pedagogicamente. Isso é uma nova dinâmica na sala de aula e na escola

Sujeito A: Com certeza, viu. Bem, a primeira participação no Salto de hoje é do Dione do Rio de Janeiro. Oi, Dione, pode fazer a sua pergunta?

Sujeito R: : Boa noite, Titi. Estamos aqui no Teleposto Polo do Rio das Ostras. Eu tô com um grupo aqui de professores também interessados em fazer o curso de extensão. Eu consegui concluir a primeira edição, gostaria de parabenizar os idealizadores, pois tanto o material impresso quanto o de vídeos foram apresentados de forma muito fácil, excelente, de boa qualidade. E nós temos uma dúvida aqui: teria uma forma mais direta nos vídeos educativos de se abordar a questão da sexualidade frente aos jovens, tal como foi tratada na novela Clone com relação às drogas? Muito obrigado e boa noite!

Sujeito A: Dione, muito obrigada pela sua participação e pela participação de todos vocês aí que estão nos assistindo. Vânia, o que você tem a dizer pro Dione, aliás, ontem era até uma questão que eu queria levantar, foi que eu tava falando sobre a questão da educação né, como as telenovelas, enfim, poderiam, e realmente essa novela O Clone apresentou um

assunto muito importante que foi a questão das drogas, que passou a ser debatido nas escolas, enfim, como é que você avaliaria isso.

Sujeito C: Olha, existe assim programas que têm uma finalidade, às vezes, primeira de entreter e que também conseguem educar. Então, eu vejo que esta novela O Clone, ela consegue aliar o entretenimento e a informação. Então, ela pode ser utilizada também em sala de aula, prá tá discutindo estas questões. Então, na verdade, o vídeo na sala de aula não tem que ser um vídeo construído exclusivamente com a intenção de educar. Você pode utilizar também programas de televisão de entretenimento.

Tabela 3 -Transcrição, na íntegra, dos discursos dos sujeitos nos primeiros 20min do programa 3.

5.3.1.4 — Discurso dos Sujeitos da Pesquisa – Programa 4

Sujeito A: Está entrando no ar pela TV Escola mais um Salto para o Futuro. Incentivar a produção de audiovisuais na escola é a principal proposta do módulo 3 do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje. Neste módulo, o professor conhece as etapas de produção de audiovisuais e os elementos que compõem esta linguagem. Mas como pode acontecer a produção dos audiovisuais na escola? Este é o nosso assunto no programa de hoje. São os nossos convidados para o debate a professora da Universidade de Brasília, Vânia Lúcia Quintão Carneiro, a Coordenadora de Produção de Vídeos da TV Escola, Lígia Giran e a Coordenadora Pedagógica da Secretaria de Estado de Educação de Vilhena, em Rondônia, Maristela Mitie Tanaka. Professores direto do estado do Pará também participam ao vivo do programa de hoje. Participe você também do Salto para o Futuro. Veja como:

Mande já a sua mensagem. Você pode participar do Salto, ao vivo, pelo telefone..., via Internet..., ou ainda pelo fax... Nosso fax e email estão 24h a sua disposição. Você também pode entrar em contato conosco pela nossa caixa postal... Envie suas perguntas, relate as suas experiências. Participe!

Através dos vídeos do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje, o cursista pode entender um pouco mais sobre a produção de programas para a televisão. Mas é exercitando essa produção de audiovisuais que a compreensão de diferentes linguagens e a análise dos vídeos podem ser feitas de formas críticas (neste momento a produção veicula um vídeo).

Pois é, Vânia, qual seria o maior desafio da produção do vídeo em educação?

Sujeito C: Como a gente está vendo o processo de produção de um vídeo em educação, ele não se difere muito de um processo usual de produção de um vídeo. E o grande desafio que se coloca hoje é essa articulação. A gente tem falado muito da linguagem audiovisual, então é articulação da linguagem audiovisual, da formulação de visual com os objetivos pedagógicos. É importante pra nós superarmos a concepção daquele vídeo didático, chato, como se fosse uma teleaula que utiliza, na verdade, métodos, às vezes eficazes em sala de aula, mas não utiliza a linguagem da televisão. Esse a meu ver é o grande desafio da gente produzir programas televisivos interessantes, desafiadores, que incentivem a experimentação, a reflexão. Enfim, eu acho que a produção de vídeo em educação ele é também uma prática de aprendizagem e experimentação. A gente aprende muito também

nesse processo de produção.

Sujeito A: Tá certo! Lígia Girão, na sua concepção quais são as etapas pra realização de um vídeo na escola?

Sujeito J: Eu queria, inclusive, retomar esse gancho da Vânia que exatamente isso na hora que você pensa num vídeo educativo você imagina didático, uma coisa chata e tal, e o vídeo educativo, até mesmo a questão dos módulos, três módulos de TV na Escola e os Desafios de Hoje é interessante porque ele aborda já de cara duas linguagens: uma é a narrativa e a outra é a ficção, porque ele intercala cenas familiares. Então, eu imagino, eu acredito que a forma como esse curso é dado, ele já trás de cara, ele já abre a possibilidade de várias linguagens. Então, eu diria que a etapa principal de um vídeo educativo seria em primeiro lugar uma familiaridade com o equipamento. A partir do momento que você sabe como operar, você sabe o que você quer daquele vídeo, você, imediatamente, você tem a capacidade de criar, de transformar aquela realidade. Na verdade pra você produzir um vídeo, as etapas de um vídeo, é você desconstruir a realidade e reconstruir essa realidade numa forma, numa linguagem que é diferente da nossa linguagem. Tem que editar esse vídeo. Ele é real, mas ele, na verdade, ele não é bem a transferência da realidade. Ele é uma edição de várias partes que compõem essa realidade. Então, eu diria que as etapas são várias, cinco: o processo de criação, o planejamento, a roteirização, depois a gravação e eu ressalto a questão da linguagem e a questão da intimidade com o equipamento. Se você sabe o que você quer do equipamento, você, automaticamente, vai se direcionar para isso. Então, eu suponho que isso são passos importantes nesse processo.

Sujeito A: Maristela, pois é, o professor no caso tem que estar interado dentro de todo esse processo. Como é que ele pode ter uma compreensão maior do vídeo que ele está realizando?

Sujeito L: O próprio vídeo mostra a produção de um vídeo (*está referindo-se ao vídeo veiculado anteriormente a sua fala no programa*). Nem é tão simples, mas também não é tão complexo. Pra entender esses recursos audiovisuais tão presentes no nosso cotidiano, que é as tecnologias da informação e comunicação, é preciso compreender as suas formas de produção. O professor, ele não pode ser, não deve ser somente usuário daquilo que os

outros produziram. Em um determinado momento, ele deve ser um produtor, um construtor de conhecimento. E ele vai ser um construtor e um produtor na medida em que ele puder experimentar, analisar um vídeo produzido por outros e, fazendo uma análise, uma leitura crítica, também são produtor desse recurso e que ele pode estar utilizando também como recurso pedagógico. Mas o grande desafio é fazer uma transposição didática dessa experimentação, desse manuseio, desse conhecimento de equipamento, da produção de vídeo, e o seu papel seria também produzir vídeo. A possibilidade de produção de vídeo com seus alunos. Ambos, professores e alunos nesse processo de construção, eles serão autônomos, não só usuários. E os alunos, telespectadores mais críticos e mais seletivos, através dessa aprendizagem de interpretação e análise de vídeos produzidos pela mídia.

Sujeito A: Ok. Nós vamos à primeira participação do Salto hoje que é da Andréia de Tocantins. Pode fazer a sua pergunta.

Sujeito P: Olá! Falo do teleposto do Colégio Estadual Vereador Pedro Xavier do Município de Nova Roselândia, Tocantins. Trabalhar com os alunos na produção de vídeo deve ser empolgante e instigador. Gostaria de saber dos especialistas qual seria o assunto, tema para se trabalhar pela primeira vez na produção do mesmo, principalmente, enfocando ensino fundamental. Boa noite e obrigado!

Sujeito A: Obrigada a você pela participação. Bem, Vânia, como é que você responderia a Andréia?

Sujeito C: Andréia, a escolha do que comunicar, do tema é algo também muito empolgante. Geralmente quando se está com um grupo de alunos o problema é que, às vezes, surge várias idéias. O desafio, tente expressar uma idéia própria, então, geralmente, a gente permite, a gente incentiva que cada um experimente criar uma idéia, um texto, tente fazer um roteiro, então, em grupo a gente seleciona aquele tema que o grupo achar mais interessante. Mas é muito importante que o próprio grupo escolhe, que cada um experimente também expressar uma idéia .

Tabela 4 -Transcrição, na íntegra, dos discursos dos sujeitos nos primeiros 20min do programa 4.

5.3.1.5 — Discurso dos Sujeitos da Pesquisa – Programa 5

Sujeito A: Está entrando no ar pela TV Escola mais Um Salto para o Futuro. A Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação, a UNIREDE e as Secretarias Estaduais de Educação integram a rede responsável pelo curso de extensão TV na Escola e os Desafios de Hoje. E os desafios de oferecer um curso a distância para os professores da educação básica de todo o país são o assunto do programa de hoje, o último desta série. São nossas convidadas para o debate a Coordenadora Geral do Núcleo Paraíba do Curso TV na Escola e os Desafios de Hoje, Claudia da Cunha Barros, a Pró-reitora de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Goiás, Ana Luiza Lima e a Gerente de Educação a Distância da Universidade federal de Rondônia, Angela Aparecida de Souza Souto. Saiba como você também pode participar do programa.

Mande já a sua mensagem. Você pode participar do Salto, ao vivo, pelo telefone..., via Internet... , ou ainda pelo fax... Nosso fax e email estão 24h a sua disposição. Você também pode entrar em contato conosco pela nossa caixa postal... Envie suas perguntas, relate as suas experiências. Participe!

Na escola, em casa, numa conversa descompromissada com os amigos, enfim, no nosso dia a dia, estamos sempre trocando experiências e adquirindo informações. Essa é uma prática que tem a ver com a noção de rede de conhecimentos. Uma rede tecida por todos nós, a todo instante (neste momento a produção veicula um vídeo).

Pois é, Angela, devem ser muitos desafios. Eu queria começar perguntando para você: na sua opinião, qual seria o conceito de rede dentro da escola?

Sujeito M: Em primeiro lugar boa noite, Titi! Boa noite a todos que estão nos ouvindo, né. Eu acho que o primeiro desafio que a gente tem nesse processo é desmistificar o que vem a ser rede. A partir, daí a gente vai conseguir desenvolver um trabalho onde a organização vai ser estruturado a partir de um conjunto de pessoas; em que vai ser socializado o conhecimento. Então a rede, nesse caso, seria a socialização do conhecimento. E, dessa forma, a gente estaria rompendo antigas formas de trabalhar, de socializar esse conhecimento. E rede, pra gente, é uma coisa natural, porque nós, seres humanos, somos formados a partir de uma rede, a gente tem uma interligação. E, a partir

disso, a gente tem a família, a gente tem a escola, a gente tem o trabalho, a gente também tem a possibilidade de estar se atualizando. E o curso TV na Escola e os Desafios de Hoje tem essa proposta, a gente tá se atualizando, a gente tá colaborando, e não só colaborando, mas também trocando idéias, opiniões prá que a gente possa produzir um conhecimento a partir do coletivo. A partir do coletivo, também, é que a gente vai descobrir como é que a gente pode se organizar, porque a gente tem que se organizar a partir da nossa realidade, a partir do que temos. Então, é nesse sentido. Então, a rede, ela nada mais é do que uma organização e uma socialização desse conhecimento a partir das nossas vivências, das nossas realidades.

Sujeito A: Tá certo, bem, Cláudia, a Ângela começou falando um pouco sobre essa questão do conceito de rede. Eu queria que você continuasse falando um pouco sobre o conceito de rede, mas também dizendo como é que esta rede está sendo estruturada.

Sujeito N: Boa noite a todos, boa noite Titi. O Conceito que a Ângela aborda de rede nos remete a uma visão que vem realmente a desmistificar, porque embora seja um conceito que ele começa a ser comentado e for mais presente na educação com a Internet, com a tecnologia, mais nós observamos que a rede de comunicação é uma rede, isso já é uma idéia de rede de possibilidades de construção de conhecimento. Então nessa idéia de rede, enquanto possibilidade de construção coletiva, colaborativa de conhecimento, é importante que se crie uma estrutura e organização que possibilite esse processo de comunicação para que esse trabalho de construção coletiva possa se efetivar. Nesse sentido, nós temos que essa organização não é única. Ela precisa respeitar as diversidades de cada região do nosso país. E como foi colocado no vídeo, porque vocês assistiram, é preciso ter uma certa autonomia. É nessa autonomia ela vai contemplar, inclusive, essa possibilidade dessas diferenças. Nós temos, por exemplo, que, ao máximo, viabilizar o melhor sistema de comunicação. Nesse sistema de Gestão Eficiente, o que é que nós temos procurado fazer no Núcleo Paraíba, coordenado pela Universidade Federal de Paraíba: nós não temos o trabalho interligado pela Internet, pois nossa realidade não permite, mas através de uma eficiente articulação com a Secretaria Estadual de Educação, temos, através das regionais de Ensino, permitido ampliar e potencializar essa comunicação da Secretaria de Educação com os diversos cursistas, professores cursistas. Além disso, nós temos uma infraestrutura de tutoria, uma central de tutoria, com sistema de telefone gratuito 0800, onde a

comunicação tutor/cursista ocorre em tempo real. Isso permite uma comunicação mais efetiva. Os tutores têm a possibilidade de fazer um acompanhamento individualizado, tirar todas as dúvidas e ter possibilidade de dar uma orientação mais próxima, uma comunicação onde há trocas não só de conhecimentos e conteúdos acadêmicos, mas toda a relação efetiva que se passa nessa possibilidade de comunicação. Isso requer uma infraestrutura própria para que se possa ocorrer. Mas isso não é a única questão: eu acho que é essa infraestrutura a partir da qual se precisa implantar um sistema onde as questões de caráter pedagógico possam se efetivar para que essa interação possa de fato ocorrer e essa rede de comunicação se efetive.

Sujeito A: Ok. E qual seria a importância da participação das Universidades e Núcleos dessa sistematização em rede?

Sujeito O: Bem, a professora Dóris fala no vídeo sobre a questão da própria organização do conhecimento e desse desenvolvimento de uma cultura de rede. A professora Dóris é a Coordenadora da UNIREDE e é muito feliz quando ela coloca isso para todos nós, porque que o que a gente está assistindo a partir do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje. Eu acho que o grande desafio que a gente está vencendo é dentro das Universidades, porque as Universidades, responsáveis pela formação dos nossos professores, ex-professores que agora são cursistas no curso TV na Escola e os Desafios de Hoje, passaram por uma Universidade que não deu a formação que ele precisava ter hoje. Então, eu acho que o curso TV na Escola e os Desafios de Hoje e a participação das Universidades, esse esforço das Universidades de se organizarem, de participarem dessa rede, de fazerem parte dessa estrutura e rede, dessa transformação de cultura e isso levanta um melhor resultado do que a gente poderia esperar, que a Ângela comenta aqui conosco, da questão da socialização desse conhecimento, da organização desse trabalho em rede. É fundamental, é um produto extra que o curso está conseguindo trazer para todos nós.. E o produto é um produto esperado, que é um produto para vocês, cursistas, mas nós que estamos na organização do trabalho, que estamos participando dessa rede, estamos também recebendo um grande benefício, um grande produto desse curso.

Sujeito A: Bem, nós vamos agora à primeira participação do Salto para o Futuro hoje que é da Maria Lia de Tocantins. Olá, Maria Lia, pode fazer a sua pergunta.

Sujeito S: Falo do teleposto da Escola Silvia Albano..(não consegui entender), Guaraíba, Tocantins. Em primeiro lugar, a Direção dessa Unidade Escolar, juntamente com os cursistas e orientadores de aprendizagem parabenizam esse magnífico trabalho que a TV Escola vem desenvolvendo em prol da educação, com ótimos apresentadores e convidados que atenderam as expectativas dos cursistas. Hoje queremos saber: como deve ser feita a capacitação dos tutores e qual a forma que facilita o acompanhamento dos tutores na capacitação dos cursistas? Obrigada e boa noite!

Sujeito A: Maria Lia, muito obrigada pelo elogio. Nós ficamos assim muitos felizes e satisfeitos de saber que essa série foi objetivo para vocês. Que vocês puderam ter um aproveitamento bom dela. Eu gostaria que Ângela respondesse.

Sujeito M: Bem, Maria Lia, boa noite! Em primeiro lugar eu queria dizer para você que a capacitação, ela pode ser feita de forma presencial, num primeiro momento, como nós fizemos em Rondônia, e ela também é feita ao longo do processo. Então, nós tivemos a oportunidade de reunir todos os tutores após a seleção dos nossos tutores. A gente reuniu-se e se organizou no sentido de discutir todo o material que nós tínhamos, a questão da metodologia, a questão da forma, a questão da interatividade com o cursista, o conteúdo. Então nós fizemos uma discussão toda em cima destes pontos para melhor atuar. Agora, houve também e está ocorrendo a capacitação em vários momentos porque ela é contínua. A medida em que vão ocorrendo algumas dúvidas, alguns problemas, a gente pára para discutir esse problema, e procura socializar com os nossos tutores, não só pra um, porque as vezes os problemas acontecem, no caso, com um tutor, com a questão de um aluno, mas ele também pode ocorrer com outros. Então a gente está sempre procurando socializar o trabalho que a gente vem desenvolvendo no decorrer do curso.

Tabela 5 -Transcrição, na íntegra, dos discursos dos sujeitos nos primeiros 20min do programa 5.

5.3.2 — UNIDADES DE SIGNIFICADO E DISCURSO ARTICULADO

Nos quadros abaixo foram registradas todas as Unidades de Significados relevantes, retiradas dos discursos dos sujeitos de cada programa da série TV na Escola e os Desafios de Hoje – Política de Desenvolvimento e Organização da Educação a Distância, do programa Salto para o Futuro. As Unidades de Significado foram destacadas com um olhar voltado para o objeto da pesquisa: verificar a interatividade dentro de um contexto de aprendizagem, através da Educação a Distância (EAD), porém não se limitará somente ao objeto. Foram retiradas, também, as expressões que levassem a entender e sentir o entendimentos dos sujeitos em relação à utilização das tecnologias na educação escolar, à didática e ao trabalho cooperativo.

Abaixo de cada quadro, elaborou-se um discurso sintetizando o entendimento dos sujeitos quanto ao assunto discutido em cada programa da série. Ressalta-se que a análise dos discursos foi realizada integrando, num texto único, todos os discursos dos sujeitos.

O fato de se reunir num único texto, a análise dos discursos dos sujeitos se deve pelo entendimento de que o conjunto de todas as pessoas constitui um sujeito coletivo.

5.3.2.1 — Unidades de Significado - Programa 1

A1- O aparelho de TV é um eletrodoméstico.
A2- As imagens mostradas na televisão estão mais do que incorporadas às nossas vidas.
A3- Computadores em domicílios brasileiros é superior a 17 milhões.
A4- A Internet já pode ser acessada por uma parcela da população.
A5- Incorporar estes audiovisuais na prática pedagógica.
A6- Os audiovisuais contribuem para a construção dos conhecimentos.
A7- Você pode participar do Salto ao vivo.
A8- Participe!
A9- Entre os professores entrevistados 86% demonstram o desejo de utilizar melhor o canal.
B10- O maior desafio que nós temos num curso a distância é de como superar a ausência física.
B11- Garantir que através dos materiais didáticos...proporcionem a qualidade da aprendizagem.
B12- A televisão faz parte do nosso cotidiano.
B13- Como trabalhar com este universo da comunicação...no projeto político pedagógico da escola.
B14- A nossa participação social é super-rica e deve ser trabalhada.
B15- Precisamos partir de que as pessoas não nasceram no momento que começaram o curso... provavelmente não se detiveram a estudá-la.

B16- Organizar experiências que permitisse às pessoas não se sentirem intimidadas.
B17- A própria linguagem audiovisual.
B18- Ele aprende também pelo audiovisual, ele não só ensina.
B19-Nós estamos acostumados com o fazer fácil.
C20- Os grandes desafios...não se limitam a presença da tecnologia em si... mas das informações que estão sendo disponibilizadas.
C21-Novos modos de compreender.
C22-Uma nova formação do educador.
C23- Integração de uma cultura audiovisual.
C24- Daí então a nossa grande dificuldade porque a linguagem audiovisual é totalmente diferente da língua escrita que é a linguagem em que todas a escola tem como centro.
C25- ...aprender através dela.
C26-...aprender com elas.
D27- Há um desafio muito interessante de formação, da capacitação de tutores.
D28-Antes da TV Escola e os Desafios de Hoje o que nós fazíamos era treinar técnicos.
D29- Na esperança que estes técnicos passassem... o que havia recebido do treinamento.
D30- O que imperava era a aula expositiva, que não leva muito, que não há lá muito de afetividade.
D31- A rigor o que nós conseguimos... de fato, intelectualizar pessoas.
D32- Nós estamos chegando diretamente ao professor.
D33- O técnico foi transformado em tutor.
A34- Este desafio está sendo sucesso.
P35- A educação a distância é um processo que está em plena expansão nos tempos atuais.
P36- Muitas vezes a atenção dos alunos ou cursistas fogem quando participam de um curso presencial, imagine num telepresencial.
P37- Como deve ser avaliado a aprendizagem de um curso a distância?
B38- A questão da avaliação da aprendizagem ela é tão difícil no presencial quanto no a distância.
B39- Mas a nossa idéia foi de que a pessoa tivesse um tempo para aprender e tivesse paciência com ela mesma.
B40- Tolerância com a sua própria dificuldade, no sentido que ela fosse gradativamente superada.
B41- O conhecimento não é uma informação que nós estamos transmitindo; é um processo de construção ativa do sujeito que aprende.
B42- Nós introduzimos , também, algo que na teoria da EAD se chama tutoria em papel.
B43- O fato de que a televisão seja um meio discriminado, não se trata de ter o material, mas ter acesso a ela.

Tabela 6 - Demonstração das Unidades de Significado do programa 1.

5.3.2.1.1 — DISCURSO ARTICULADO - PROGRAMA 1

A televisão está sendo comparada a um eletrodoméstico básico das residências, dada a sua simplicidade de manuseio. As imagens por ela veiculada refletem na maneira de viver das pessoas e podem ser facilmente visualizadas através de seus gostos, maneira de vestir e falar. Acreditam que a televisão e o computador já estão sendo incorporados pela sociedade e que a escola também

precisa utilizá-los, pois eles disseminam informações e podem ampliar o conhecimento. Os sujeitos acreditam que possa haver interação na TV, por meio de fax, carta e e-mail . Também sentem que os professores, que ainda não utilizam as tecnologias, possuem uma vontade, um interesse em utilizá-las, bastando para isso serem despertados.

Percebe-se que há um entendimento de que as pessoas já possuem um saber quando postas frente a uma nova informação e que dependerá de cada sujeito o grau de interpretação da informação, segundo seu conhecimento virtual.

Referem-se a EAD como uma possibilidade de oferecer capacitação continuada aos professores e a outros profissionais. Destacam que ainda não foi superada na EAD a ausência física e que a esta modalidade de ensino suscitou um novo elemento na educação, o tutor.

5.3.2.2 — Unidades de Significado - Programa 2

A44- Dos textos impressos às redes eletrônicas hoje a escola passa por mudanças significativas.
A45- Antes, giz, quadro e livros didáticos eram os únicos recursos disponíveis para o professor.
A46- TV, vídeo, computadores também passaram a fazer parte do ambiente escolar.
A47- Discutir a utilização das tecnologias na educação.
A48- Todos os conhecimentos, recursos, ferramentas e equipamentos desenvolvidos pelos seres humanos são tecnologia.
A49- Não é de hoje que o homem vive sua odisséia tecnológica.
E50- A televisão, rádio, filme... são como um professor tradicional que apresenta uma aula expositiva.
E51- Ele não aceita nem uma intervenção na fala.
E52- O espaço complementar, a arte e o espaço da troca e o espaço da discussão é o espaço da pergunta.
E53- Discutir... aquilo que está sendo colocado.
E54- A escola... é o espaço da pergunta.
E55- Aprender a trabalhar com estas informações de uma forma crítica para poder ir mais longe.
E56- Aprender a ver mais do que aquilo que está sendo apresentado.
E57- As tecnologias, elas estão presentes em todo o cotidiano.
F58- As informações são aquelas que nos ajudam a ver o que está acontecendo, a organizar o que está acontecendo; a comunicação estabelece troca, intercâmbio.
F59- Hoje nós temos informações como nunca nenhuma geração teve.
F60- Temos muita informação e pouca comunicação.
F61- A escola... é um espaço que pode e deve caminhar para ser um espaço mais participativo, mais de troca... podemos aprender a trocar junto com a família.
F62- Aprender a informação, transformar em conhecimento mediada pela comunicação.

F63- Como é que se conceitua tecnologia?
G64- Definir a tecnologia... primeiro o conceito mais geral, é como se fosse um estudo de uma arte.
G65- Um segundo conceito tem a ver com a linguagem... qual o sentido... dentro de uma dada ciência.
G66- O terceiro aspecto... volta-se para um processo.
G67- O quarto conceito, a questão da explicação.
Q68- Hoje, nossos alunos têm um contato mais amplo com a tecnologia, como por exemplo, os jogos eletrônicos.
Q69- Educar para a cidadania.
Q70- Muito obrigada a você pela sua participação.
E71- Nós professores precisamos mergulhar nesse universo que os jovens estão atuando.
E72- Eles estão se divertindo.
E73- Compreender o espaço educativo que pode ser aproveitado a partir de jogos.
E74- Alguma coisa que der prazer ao jovem e transformar isso, com o jovem, num projeto pra criar.
E75- Esta parceria do professor com os alunos é que vai fazer com que haja educação, conhecimento e prazer.
E76- Acredito que a gente possa trabalhar e aproveitar essa nova realidade.

Tabela 7 - Demonstração das Unidades de Significado do programa 2.

5.3.2.2.1 — DISCURSO ARTICULADO - PROGRAMA 2

As redes eletrônicas estão adentrando nas escolas e compartilhando espaços com textos impressos. Hoje, a escola não dispõe apenas do giz, quadro e livros didático. A televisão e o computador fazem parte do cenário escolar, e, por isso, urge colocar as tecnologias nas pautas de discussões. Os sujeitos têm consciência de que as tecnologias mais antigas não devem ser descartadas em função das mais modernas, pois o que vai dar qualidade a sua função não é a tecnologia em si, mas a atribuição dada a ela. As tecnologias, por si só, não mudam o fazer pedagógico.

As informações, oriundas dos meios de comunicação, não são necessariamente conhecimento, pois o conhecimento é obtido a partir da elaboração desta informação e cabe aos educadores motivar os alunos para encontrar o caminho para que o conhecimento seja efetuado.

Está evidenciado nos discursos que as constantes trocas de idéias proporcionam conhecimentos e este processo de troca não deverá apenas ocorrer na escola e sim na família e na comunidade como um todo. Os sujeitos entendem que a troca de idéias, a socialização de pensamentos e o fazer com os outros proporcionam a comunicação, a interatividade e, assim sendo, o crescimento coletivo. Há uma

grande preocupação em fazer das tecnologias um aliado dos alunos e professores, para que ambos as utilizem de forma prazerosa, criativa e produtiva.

5.3.2.3 — Unidades de Significado - Programa 3

A77- É pela televisão que... somos informados do que acontece no mundo e a nossa volta... encontramos diversão e entretenimento e... acompanha as séries e as discussões aqui no Salto, além de outros programas.
A78- A TV pode representar uma abertura de caminhos e de novas possibilidades para o processo educativo.
A79- Somados ao vídeo, a televisão se transforma em um importante recurso pedagógico.
A80- E você como sempre é o nosso convidado especial.
A81- Televisão é uma invenção que possibilitou novas formas de ver o mundo.
A82- Na metade do século XX experimentamos várias sensações via satélite, ao vivo, pela TV.
A83- Imagens que marcaram gerações.
A84- Sempre são assuntos nas ruas, em casa e, é claro, na escola.
A85- A importância da TV como veículo de comunicação hoje não é mais discutida. Estão em discussão a qualidade da programação e a forma de levar para o ambiente escolar essa tecnologia.
C86- A televisão já está presente na escola.
C87- Ela já está integrada à cultura da criança, à cultura do jovem.
C88- Hoje tem muita da influência da televisão.
C89- Existe aí toda uma cultura televisiva.
C90- O primeiro passo ... é o professor conhecer essa televisão.
C91- Estudar ... essa relação da televisão com a educação.
C92- Educar para a televisão.
C93- Estar formando ... telespectadores seletivos, mais exigentes.
C94- Educar com a televisão.
C95- Utilizar a televisão na sala de aula
C96- Como instrumento para informar, pra motivar, como meio de ... expressão.
C97- O importante também é de se comunicar com a linguagem audiovisual.
C98- Não apenas recebendo, mas se expressando também através dessa linguagem.
C99- Educar por meio da televisão.
C100- Conhecer ... as possibilidades.
C101- Trabalhar também a educação dentro das emissoras.
C102- Tá cobrando mais e melhores programas.
C103- Uma televisão de mais qualidade.
C104- Como ... que as pessoas podem estar preparadas pro vídeo, para a TV e pro cinema?
C105- Estamos expostos, hoje em dia, a uma quantidade enorme de informações.
H106- Assim como nós devemos nos preparar para a matemática e pra linguagem verbal, nós precisamos também nos preparar para a linguagem audiovisual.
H107- A linguagem visual... envolve uma montagem... um uso especial do som, da sombra, da cor e de uma porção de elementos... para que o sujeito seja crítico... ele precisa compreender como esses elementos foram utilizados.
H108- Desconstruir a linguagem audiovisual... junto com os outros.

H109- Precisamos discutir essa linguagem com outras pessoas, com o professor, com os colegas, com a família.
H110- Compreender melhor as segundas, as terceiras e as quartas intenções.
A111- Quais seriam as implicações da inserção das tecnologias na gestão da escola?
I112- A entrada da tecnologia na escola traz uma nova dinâmica pra educação,
I113- O professor tem que ser o gestor de um novo espaço educacional.
I114- O professor passa a preparar a sua aula de uma forma diferente.
I115- Mas há também a dimensão dos dirigentes da escola... esses agentes têm um papel tão importante quanto os professores.
I116- Eles podem dar um grande suporte aos professores.
I117- Não basta ter acesso ao equipamento é preciso que eu saiba manuseá-lo.
I118- Não basta ... que eu saiba só manuseá-lo ... eu preciso saber usar este material pedagogicamente.
I119- É uma nova dinâmica na sala de aula.
R120- Eu tô com um grupo aqui de professores também interessados em fazer o curso.
R121- O material impresso quanto o de vídeo foram apresentados de forma muito fácil.
R122- Nós temos uma dúvida... a sexualidade frente aos jovens.
A123- Muito obrigada pela sua participação e pela participação de todos vocês aí.
A124- Essa novela O Clone apresentou um assunto muito importante.
C125- Existe assim programas que têm uma finalidade as vezes primeira de entreter e que também consegue educar.
C126- Esta novela O Clone ela consegue aliar o entretenimento e a informação.
C127- O vídeo em sala de aula não tem que ser um vídeo construído exclusivamente com a intenção de educar.
C128- Você pode também utilizar programas de televisão de entretenimento.

Tabela 8 -Demonstração das Unidades de Significado do programa 3.

5.3.2.3.1 — DISCURSO ARTICULADO - PROGRAMA 3

Os sujeitos percebem que a televisão oferece informações vindas de todo o planeta como também proporciona entretenimento com seus variados gêneros televisivos. Ela deve ser entendida como uma possibilidade de avanços e também de estagnação para quem a assiste.

Hoje, a televisão conta com o vídeo que pode ser acoplada a ela. Estes dois equipamentos, juntos, formam uma parceria e podem auxiliar a prática pedagógica do professor. Nos programas veiculados pela televisão e pelos vídeos podem-se perceber hábitos, valores, modas e costumes do nosso meio e também de outros lugares. Por isso, segundo os sujeitos, a necessidade de ser entendida e discutida por pessoas de diferentes idades e profissões, nas escolas e na comunidade como um todo.

A televisão ocupa um lugar de destaque no cotidiano das pessoas, razão pela qual a escola deva discutir e entender este meio de comunicação. Mesmo que a

escola não possua o equipamento, a televisão deve ser pauta de discussão nas escolas, pois os alunos trazem de casa os assuntos, as modas, as informações e as falas por ela veiculada.

5.3.2.4 — Unidades de Significado - Programa 4

A129-Incentivar a produção de audiovisuais na escola.
A130- Como pode acontecer a produção dos audiovisuais na escola?
A131- É exercitando essa produção de audiovisual que a compreensão de diferentes linguagens e a análise dos vídeos podem ser feitas de formas críticas.
C132- O processo de produção de um vídeo em educação não se difere do processo usual de produção de um vídeo.
C133- O grande desafio que se coloca hoje é essa articulação.
C134- É importante para nós superarmos a concepção daquele vídeo didático
C135- Uma teleaula que utiliza na verdade métodos... eficazes em sala de aula mas não utiliza a linguagem televisiva.
C136- O grande desafio da gente produzir programas televisivos interessantes.
C137- A produção de vídeo em educação, ele é também uma prática de aprendizagem e experimentação.
A138- Quais são as etapas pra realizar um vídeo?
J139- Familiaridade com o equipamento.
J140- Na hora que você pensa num vídeo educativo, você imagina didático, uma coisa chata.
J141- A partir do momento que você sabe como operar, você sabe o que quer daquele vídeo, você tem a capacidade de criar.
J142- Transformar a realidade.
J143- Desconstruir a realidade e reconstruir essa realidade.
J144- Ele é real, mas ele na verdade não bem a transferência da realidade.
J145- Ele (o vídeo) é uma edição de várias partes.
A146- O professor, no caso, tem que estar interado dentro de todo este processo.
A147- Como é que ele (professor) pode ter uma compreensão maior do vídeo que ele está realizando?
L148- Nem é tão simples... não é tão complexas.
L149- É preciso compreender as suas formas de produção.
L150- O professor... não deve ser somente usuário daquilo que os outros produziram.
L151- Ele deve ser um produtor, um construtor de conhecimento.
L152- Ele vai ser um construtor e um produtor na medida em que ele puder experimentar.
L153- O grande desafio é fazer uma transposição didática dessa experimentação.
L154- Ambos, professores e alunos, nesse processo de construção, eles serão autônomos, não só usuários.
L155- Alunos telespectadores mais críticos e mais seletivos através dessa aprendizagem de interpretação e análise do vídeo produzidos pela mídia.
P156- Trabalhar com os alunos na produção de vídeo deve ser empolgante e instigador.
P157- Qual seria o assunto tema para se trabalhar pela primeira vez na produção?
C158- A escolha do que comunicar é algo também empolgante.
C159- O desafio é expressar uma idéia própria.
C160- A gente incentiva que cada um experimente criar uma idéia.

C161-E muito importante que o próprio grupo escolha.
C162- Que cada um experimente também expressar uma idéia.

Tabela 9 -Demonstração das Unidades de Significado do programa 4.

5.3.2.4.1 — DISCURSO ARTICULADO - PROGRAMA 4

Os sujeitos evidenciam a importância de se produzir material audiovisual nas escolas uma vez que vai proporcionar aos alunos e professores compreender melhor a linguagem audiovisual. Afirmam que no exercício de escolherem cores, cenários, textos, closes e equipamentos estarão desenvolvendo e entendendo o processo da produção audiovisual.

Entendem como desafios na educação, aliar, numa produção, os fatos que ocorrem fora e dentro da escola. A produção e o uso do vídeo extrapolam uma aula sem prazer e enriquece o conhecimento, pois o conhecimento é elaborado e construído pelos próprios alunos. A produção deve ser vista como um momento para incentivar a criação e troca de idéias entre alunos e professores.

5.3.2.5 — Unidades de Significado - Programa 5

A163- Desafios de oferecer um curso a distância para os professores da educação básica de todo o país.
A164- Na escola, em casa, numa conversa descompromissada ... estamos sempre trocando experiências e adquirindo informações. Essa é uma prática que tem a ver com a noção de rede de conhecimento
A165- Uma rede tecida por todos nós, a todo instante.
A166- Qual seria o conceito de rede dentro da escola?
M167- O primeiro desafio que a gente tem nesse processo é desmistificar o que vem a ser rede.
M168- Desenvolver um trabalho onde a organização vai ser estruturada a partir de um conjunto de pessoas.
M169- Rede ... seria a socialização do conhecimento.
M170- Rompendo antigas formas de ensinar.
M171- Nós, seres humanos, somos formados a partir de uma rede.
M172- Produzir um conhecimento a partir do coletivo.
M173- Se organizar a partir da nossa realidade.

M174- Rede ... uma organização e uma socialização desse conhecimento.
A175- Como é que esta rede está sendo estruturada?
N176- Um conceito que começa a ser comentado e for mais presente na educação com a Internet.
N177- Então, nessa idéia de rede enquanto possibilidade de construção coletiva, colaborativa de conhecimento é importante que se crie uma estrutura de organização que esse trabalho de construção coletiva possa se efetivar.
N178- Essa organização não é única.
N179- Viabilizar melhor o sistema de comunicação.
N180- Além disso, nós temos uma infraestrutura ... com sistema de telefone gratuito ... onde a comunicação ... ocorre em tempo real.
N181- Uma comunicação onde há trocas não só de conhecimentos e conteúdos acadêmicos, mas toda a relação efetiva que se passa nessa possibilidade de comunicação.
A182- Qual seria importância da participação das Universidades e Núcleos dessa sistematização em rede?
O183- As Universidades ... que não deu a formação que ele precisava ter hoje.
O184- Esse esforço das Universidades se organizarem, de participarem dessa rede, de fazerem parte dessa estrutura e rede ... levanta um melhor resultado do que a gente poderia esperar.
O185- A Direção dessa escola ... parabeniza esse magnífico trabalho que a TV Escola vem desenvolvendo em prol da educação.
S186- Atenderam às expectativas dos cursistas.
S187- Como deve ser feita a capacitação de tutor e qual a forma que facilita o acompanhamento dos tutores na capacitação dos cursistas?
M188- A capacitação pode ser feita de forma presencial ... e feita ao longo do processo.
M189- A gente reuniu-se e se organizou no sentido de discutir todo o material que nós tínhamos.
M190- Está ocorrendo capacitação em vários momentos porque ela é contínua.
M191- A medida em que vão ocorrendo algumas dúvidas ... a gente pára para discutir.
M192- Procura socializar com os nossos tutores, não só pra um, porque, às vezes, os problemas acontecem ... com os outros.
M193- A gente está sempre procurando socializar o trabalho.

Tabela 10 -Demonstração das Unidades de Significado do programa 5.

5.3.2.5 .1 — DISCURSO ARTICULADO - PROGRAMA 5

Os sujeitos entendem que a troca de idéias, seja ela na família, na escola ou na comunidade, proporciona a formação de uma rede de conhecimentos. O vocábulo rede começou a ser evidenciado a partir da entrada da Internet na sociedade, porém compreendem que estão inseridas nela antes mesmo de nascerem, pois vivem em comunidades e sempre estão interagindo com outras pessoas.

A rede evidencia um trabalho de construção coletiva colaborativa, uma vez que as pessoas envolvidas têm a oportunidade de trocar idéias. Existem várias redes formadas na imensidão do nosso planeta, cada qual com suas características.

O telefone foi citado como um instrumento muito capaz de comunicação, pois permite aos indivíduos trocaram idéias em tempo real e contínuo.

As Universidades são vistas como não cumpridoras da sua obrigação no que se refere a dar subsídios teóricos e práticos aos seus acadêmicos, principalmente na formação de professores, mais propriamente relacionado ao tema Tecnologia e Educação.

O programa TV Escola e os Desafios de Hoje é visto como uma iniciativa de grande valor, pois proporciona aos educadores informações diversificadas em relação ao uso das tecnologias da comunicação na educação escolar.

5.4 — CONFLUÊNCIAS TEMÁTICAS

Neste parágrafo, pretende-se, a partir da análise das Unidades de Significado, na continuidade da redução fenomenológica, definir as Confluências Temáticas, visando destacar, posteriormente, as categorias abertas.

Entende-se como Confluência Temática uma classe de unidades de significado que apresenta algo em comum, destacado pela leitura do fenômeno observado.

Foram delimitadas dez Confluências Temáticas, assim denominadas: CT1: Consciência Pedagógica, CT2: Sociedade e Tecnologia, CT3: Didática e Tecnologia, CT4: Trabalho e Aprendizagem Cooperativa, CT5: Presença Virtual, CT6: Interatividade, CT7: Informação e Conhecimento, CT8: Educação a Distância, CT9: Desafios e CT10: Linguagem Audiovisual.

Para que o texto ficasse mais inteligível buscou-se exemplificar as Confluências Temáticas com o discurso do sujeitos. Estes discursos possuem uma aproximação do entendimento dos sujeitos com a teoria utilizada nas Confluências Temáticas.

5.4.1 (CT1) — CONSCIÊNCIA PEDAGÓGICA

Estão incluídas nessa confluência todas as unidades destacadas do discurso do sujeito da pesquisa que expressam uma preocupação, uma consciência, uma intenção ou, até mesmo, um desejo de melhor compreender a inserção das tecnologias na educação escolar.

É imprescindível buscar uma compreensão de consciência, para posteriormente, escrever sobre a consciência pedagógica. Para tanto, buscou-se na filosofia de Husserl (1980) uma melhor compreensão.

Segundo o autor, a consciência é uma revelação da percepção de cada indivíduo, que vai se apresentar de forma diferente para cada ser. Entende-se por percepção a capacidade que o homem possui de observar, sentir e entender as coisas que lhe são apresentadas. Para Husserl (1980), o homem é um ser capaz de pensar e realizar atividades, sentir e expor seus sentimentos. Estas possibilidades são chamadas pelo autor de *atos*. Atos são atividades cabíveis de serem pensadas e sentidas. A própria consciência é uma atividade envolta por atos, conforme coloca o autor:

(...) a consciência não é uma substância (alma), mas uma atividade constituída por atos (percepção, imaginação, especulação, volição, paixão, etc), com as quis visa algo. (Husserl, 1980)

No *ato* de cada indivíduo está embutido uma expressão, um pensar individual, uma intenção permeada por um conhecimento acumulado, por experiências bem ou mal sucedidas, por um passado que também foi resultado de um ato.

Podemos dar expressão a atos de toda a espécie - representações, juízos, suposições, perguntas, desejos, etc. - e, ao fazermos isto, eles nos fornecem as significações das respectivas formas da fala, dos nomes, dos enunciados. (Husserl, 1980)

No discurso, “novos modos de compreender”, (C21) está evidente que o sujeito possui uma consciência de que existe outros modos de compreender o que, até então, já estava compreendido. O fato de querer buscar uma nova compreensão e ir à busca dessa compreensão, denota um ato, pois o indivíduo, nesse processo, movimenta algo já estruturado para acrescentar uma nova visão.

Ainda, segundo o autor, a consciência revela um sentimento ou conhecimento que permite ao homem evidenciar, vivenciar, experimentar ou compreender aspectos ou a totalidade de seu mundo interior.

Remetendo para o ambiente educacional, consciência pedagógica é a percepção que o educador possui do que é moralmente certo ou errado, funcionando como o juiz que ordena acerca de coisas futuras e que se traduz em sentimentos de alegria, satisfação, de culpa ou remorso, acerca das suas práticas pedagógicas e da sua postura como educador. O discurso “o que imperava era a aula expositiva, que não leva muito, que não há lá muito de afetividade” (D30), mostra que este sujeito percebe, tem consciência de que a prática que estava sendo desenvolvida na sala de aula não era dinâmica, e que aquela forma de trabalhar não permitia que a afetividade fosse sentida. Este sujeito, por exemplo, percebe de uma forma profunda, pois além de sentir que a metodologia utilizada não seria a mais adequada, ele entende que isto vai refletir na parte afetiva dos alunos.

Sabe-se que, para outros observadores, este fato poderia ficar apenas na percepção de que a aula estaria sendo expositiva demais e não teria percebido que isto estaria influenciando nos sentimentos dos alunos. Husserl explica esta situação:

Isto não significa, contudo que a consciência vise seus objetos de uma mesma maneira, nem também que estes esses objetos se apresentem para

a consciência de um mesmo modo. É nesse ponto que o papel da fenomenologia se destaca: cabe a ela distinguir, revelar o que há de essencial na percepção, na recordação, na imaginação (Husserl, 1980).

Para exemplificar, com mais ênfase, *atos de consciência pedagógica*, foram levantados os seguintes discursos: “incorporar estes audiovisuais na prática pedagógica” (A5), “entre os professores pesquisados 86% demonstram o desejo de utilizar melhor o canal” (A9) e “aprender a ver mais do que aquilo que está sendo apresentado” (E56). Percebe-se que o discurso destes sujeitos não apenas evidenciam questões acerca do seu fazer pedagógico, da sua situação profissional, dos recursos técnicos necessários, mas ressaltam, uma preocupação em relação aos alunos, com sua aprendizagem, com sua afetividade, com o seu prazer em estar na escola.

Toda vez que o professor evidenciar uma preocupação acerca do seu fazer pedagógico, da sua situação profissional, do aprendizado dos seus alunos, estará, então, evidenciando um *ato*, um fazer futuro, uma consciência pedagógica.

5.4.2 (CT2) — SOCIEDADE E TECNOLOGIA

Trata-se de relacionar nesta Confluência todas as unidades que manifestam alguma relação entre a sociedade e a presença da tecnologia. O interesse em considerar essa confluência deve-se ao fato de se entender que uma proposta educacional necessita estar atenta ao avanço das tecnologias e sua influência na sociedade.

A tecnologia sempre acompanhou a evolução humana. Foi exercitada e explorada para facilitar o trabalho do homem. As primeiras ferramentas a serem reconhecidas como tecnologia são as chamadas alavancas, que podem ser consideradas como extensões do corpo e que foram utilizadas para facilitar o deslocamento de objetos de grande porte e de peso elevado, substituindo a força humana que seria necessário empregar. Mais tarde, a máquina a vapor, já com uma tecnologia mais avançada (pois dispunha de artefatos mais complexos incorporados

em seu instrumental, como, por exemplo, ferro fundido, porte especial para suportar a energia emanada da força do calor provida da queima de madeira), veio mudar hábitos e conceitos daquela sociedade. Hoje, uma gama de tecnologias permeia a vida do homem. Diante disso, esclarece Lévy:

Essas técnicas criam novas condições e possibilitam ocasiões inesperadas para o desenvolvimento das pessoas e das sociedades, mas que elas não determinam automaticamente nem as trevas nem a iluminação para o futuro humano. (Levy, 1999).

Lévy mostra que as tecnologias tanto vieram para facilitar, ajudar, unir pessoas, como também para desagregá-las. Podem fazer paz ou fazer guerra, facilitar ações, excluir e incluir pessoas na sociedade, transportar, ou, até mesmo, substituir as pessoas em determinadas tarefas. Porém, não podemos ignorar que os recursos tecnológicos atuais, a multimídia, a Internet, a telemática trazem novas formas de ler, escrever e, portanto, de pensar e de agir. Também aproximam o indivíduo de uma relação onde, ainda, segundo o autor, o mesmo “realiza as suas decisões não mais alheia à máquina, mas sim acoplada a ela”. Para afirmar as palavras do autor pode ser citado o discurso do sujeito C89: “existe aí toda uma cultura televisiva”. Percebe-se, então, que a própria sociedade já reconhece que a televisão, por exemplo, criou hábitos, gostos e desgostos no telespectador. Em outro discurso, pode-se perceber que “televisão é uma invenção que possibilitou novas formas de ver o mundo” (A81). Este sujeito vê nas tecnologias uma forma de sair do seu mundo sem precisar se esforçar. Este sair, significa ir além de uma extensão geográfica, significa adentrar no seu mundo virtual para buscar elementos que lhe dêem subsídios para olhar de forma mais clara, mais profunda, mais interessante o que lhe é apresentado.

Sabe-se que, diante das tecnologias, idéias de espaço foram alteradas, crenças substituídas e valores repensados. Trata-se de um processo que ainda está em mudança, ele não é estático, uma vez que por traz destas tecnologias, destas novas máquinas está o homem, um ser ativo por natureza, capaz de criar, inventar, transformar e, o mais importante, capaz de dar caminhos e funções para a sua criação.

As tecnologias trazem para a sociedade uma nova forma de construir e elaborar o conhecimento. Este tempo, permeado pelas tecnologias de grande potencial, tanto de alcance geográfico como de persuasão, Lévy denomina “espaço cibernético”.

Espaço cibernético é o local onde está funcionando a humanidade hoje e tem uma importância enorme no plano econômico e científico, e ... vai estender-se a vários outros campos como o da Pedagogia, Estética, Arte e Política. (Lévy,1999)

Nesse espaço, há uma outra forma de comunicação, movimentos, cores, sons e imagens, produzidos graças a uma memória numérica. No espaço cibernético, o homem continua vivo e ativo, pois suas vísceras estão ativas, seus olhos se movimentam e sua pele sente as emoções. Longe de dizer, então, que o mundo cibernético é estático, parado, sem vida.

Há dois mundos paralelos e duas possibilidades, graças às tecnologias. Pode-se adentrar no espaço cibernético sem deixar de existir no mundo real, tudo isso graças aos avanços tecnológicos, graças aos computadores de última geração, às fibras ópticas e aos satélites.

No entanto, as tecnologias remetem a um desafio: a sociedade precisa entender a evolução dos tempos e fazer das inovações e invenções tecnológicas um aliado para discutir e analisar a sua utilização, seus efeitos e as mudanças por elas provocadas.

O homem não pode se deixar dominar pela máquina, porém não pode ficar alheio à evolução do seu tempo. Ignorar o seu tempo, não acompanhar a sua evolução, não se fazer partícipe do processo é uma possibilidade evidente de se sentir excluído deste mundo em movimento.

Vive-se num mundo permeado pelas tecnologias. Um mundo onde a informação, as cores, os gestos, a música, os closes apresentam-se sem pedir licença. Os meios de comunicação e o homem já entenderam este momento, de forma a buscar estas linguagens e incorporá-las no seu dia a dia. Exemplo disso é a grande busca por uma comunicação televisiva e computadorizada, pois os equipamentos oferecem uma gama de movimentos, cores, sons e possibilidades. No entanto, a

linguagem da modernidade, segundo Patrícia Corsino¹⁴, não é mais a narrativa que trazia experiências passadas de pessoas para pessoa, mas sim a informação que traz a brevidade da notícia, carregada de explicações. A verdadeira narrativa deixa o sujeito livre para interpretar a história como quiser.

Há, portanto, em decorrência, da inovação tecnológica uma nova linguagem que necessita ser percebida e entendida. Este entendimento pode ser reconhecido no discurso do sujeito H109: “precisamos discutir essa linguagem com outras pessoas, com o professor, com os colegas, com a família”.

Percebe-se, então, que já existe na sociedade uma preocupação em se exercitar o diálogo e assim criar laços de coletividade. Tanto a escola como a família podem ser o cenário onde a fala, a escuta, a expressão, a crítica e a reflexão encontrem espaço para permear os fazeres, os ditos e os não ditos.

5.4.3 (CT3) — DIDÁTICA E TECNOLOGIA

Nesta Confluência buscaram-se discursos que mostrassem como os sujeitos entendem a didática e sua relação com as tecnologias existentes.

O vocábulo didática deriva da expressão grega *techné didaktiké*, que se traduz por arte ou técnica de ensinar. Grosso modo, pode-se dizer que a Didática é uma ciência cujo objetivo fundamental é ocupar-se das estratégias de ensino, das questões práticas relativas à metodologia e das estratégias de aprendizagem, funcionando como elemento transformador da teoria na prática.

Para Martins (apud Fazenda 1988), no entanto, o conceito de Didática passa primeiro pela concepção que se tem de educação. Para a autora, já não serve uma concepção de educação que vê o ensino como um processo de socialização de um acontecimento previamente definido, desvinculado dos problemas postos pela prática social. Precisa-se hoje, ainda, segundo a autora, de uma Educação que não se limite apenas à questão da socialização, da distribuição do conteúdo pronto e da transmissão de informações.

¹⁴ Doutoranda em Educação/PUC- Rio. Consultora da Série Linguagens e Sentidos do Programa Salto para o Futuro/MEC.

Não se trata apenas de transmitir conhecimentos – embora isso esteja incluído no processo – mas, sobretudo, de fornecer instrumentos, teóricos e práticos, para que as pessoas se tornem capazes de resolver problemas práticos. (Martins, apud Fazenda, 1988).

A partir dessa concepção de educação, passa a ser fundamental para a Didática a questão do processo de ensino numa perspectiva teórico-prática, ou seja, a forma de se vivenciar, discutir e sistematizar coletivamente o conteúdo em função de um problema prático dá um novo significado ao conteúdo. Diante disso, não basta, então, apenas transmitir conteúdos, é necessário vivenciar, trabalhar juntos, professores e alunos, um novo processo, sem ignorar o tempo e o espaço no qual está se está fazendo a educação.

Precisa-se fazer Didática, com um olhar voltado ao tempo no qual está inserida, para reforçar, mais uma vez, o que pensava Freinet (1979) “precisamos, custe o que custar, para a sociedade de 1965, uma pedagogia de 1965”.

Diante do exposto, entende-se que a Didática, hoje, precisa ser desenvolvida aliada às tecnologias do seu tempo. O sujeito A44 valida esta afirmação com o discurso “dos textos impressos às redes eletrônicas hoje a escola passa por mudanças significativas”. Vê-se neste discurso que o sujeito não está alheio às mudanças do seu tempo e afirma a necessidade da escola incorporar as tecnologias como forma de acompanhar as mudanças pedagógicas que possam vir a ocorrer. Um outro discurso, porém, alerta: “a televisão, rádio, filme... são como um professor tradicional que apresenta uma aula expositiva” (E50), isto significa dizer que se as tecnologias não forem contextualizadas, discutidas, aproveitadas de forma a proporcionar aos alunos criticidade e capacidade para produzir e extrapolar a própria tecnologia, estar-se-á correndo o risco de fazer uma Didática com a concepção de educação centrada no eixo transmissão-assimilação.

Fazer Didática com as novas tecnologias consiste em oferecer ao aluno a possibilidade de aprender como, porquê e para quê as mensagens são veiculadas. Neste momento, entra em cena o papel do professor bem preparado, bem formado. Um professor que saiba dialogar com os novos valores tecnológicos. Um professor que vê as tecnologias como um acelerador pedagógico de eficácia antes impensável .

Uma Didática coerente com o nosso tempo, adaptada aos avanços tecnológicos é aquela em que o educador busca respostas e formula indagações sobre em favor de quê, contra quê, contra quem, a favor de quem ele faz docência.

5.4.4 (CT4) — TRABALHO E APRENDIZAGEM COOPERATIVA

Nessa confluência evidenciaram-se as unidades que demonstram uma referência, um entendimento ao trabalho desenvolvido de forma cooperativa e sua influência na aprendizagem do homem.

Trabalho coletivo, cooperativo, colaborativo são palavras em voga. Enriquecem discurso de professores, empresários, políticos e religiosos. São vocábulos credenciados e aprovados na metodologia das modalidades de ensino presencial e a distância

Em se tratando sobre a cooperação, através das tecnologias, assim descreve Pierre Lévy:

Uma das vantagens dos ambientes computacionais cooperativos, é a disposição constante do trabalho para toda a comunidade. Com os groupwares, o debate se dirige para a construção progressiva de uma rede de argumentação e documentação que está sempre presente aos olhos da comunidade, podendo ser manipulada a qualquer momento. (Levy 1999).

Com o advento das tecnologias, surgem possibilidades de se trabalhar em grupo. Nota-se que existe uma rede exposta à humanidade e cabe ao homem buscar um espaço para ajudar tecer este processo, dando-se a autoridade para crescer com ela, ser manipulado por ela ou manipular com ela. Lévy esclarece:

É preciso compreender aqui a inteligência coletiva no sentido da educação, das faculdades da aprendizagem (aprender em conjunto com os outros!), das competências adquiridas e colocadas em sinergia, das reservas dinâmicas de memória comum, das capacidades de inovar e de acolher a inovação. Mas é preciso também, entender a inteligência no sentido da união e conformidade de sentimentos. A inteligência coletiva

também pressupõem, portanto, a capacidade de criar e de desenvolver a confiança, a aptidão para tecer laços duráveis. (Lévy, 1999)

Percebe-se, então, que a cooperação parte do princípio de que dois ou mais indivíduos trabalhando, conjuntamente, possam chegar a uma situação de equilíbrio, onde as idéias possam ser trocadas e distribuídas, gerando, assim, novas idéias e uma rede de conhecimentos.

Esse pensamento de Lévy pode ser associado às idéias do educador francês Célestin Freinet¹⁵, que, em 1927, evidenciou em suas atividades pedagógicas uma participação ativa de todos os alunos. Todas as decisões eram tomadas em conjunto, de forma que todos se sentissem responsáveis pelo sucesso e pelos fracassos que pudessem ocorrer. A idéia de rede e de desenvolvimento de atividades em conjunto com outras pessoas pode ser sentida nos discursos “rede... seria a socialização do conhecimento” (M169) e “ produzir um conhecimento a partir do coletivo” (M172) e “desenvolver um trabalho onde a organização vai ser estruturada a partir de um conjunto de pessoas” (M168);

Sabe-se que as pessoas envolvidas neste processo não devem ser intimidadas ou que não lhes pode ser imposta alguma idéia. Toda a discussão deve fluir livre e espontaneamente, caso contrário, corre-se o risco de se cair na coação social. Portanto, a cooperação é um método e o indivíduo deve ser motivado para querer ser cooperativo.

A aprendizagem cooperativa, apoiada pelas tecnologias contemporâneas, como o computador e a televisão pode apoiar os processos de aprendizagem, promovidas através de esforços colaborativos entre estudantes trabalhando em uma dada tarefa. Pode-se ainda dizer que aprendizagem cooperativa é uma técnica com a qual os estudantes se ajudam no processo de aprendizagem, atuando como parceiros entre si e com o professor, visando adquirir conhecimento sobre um dado objeto.

Ressalta-se a importância do professor neste processo, pois apesar das modificações acontecidas no mundo, o educador ainda tem uma grande influência no processo educacional por ser uma figura insuperável no sentido da relação que ele estabelece com o aluno.

¹⁵ Para saber mais sobre Célestin Freinet ler: FREINET, Elise. *O itinerário de Célestin Freinet: a livre expressão na Pedagogia Freinet*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

Pensamentos, como os de Lévy e Freinet , contribuem para o entendimento de aprendizagem cooperativa, pois têm em comum o fato de concordarem que indivíduos são agentes ativos na busca e construção de conhecimento dentro de um contexto significativo.

Portanto, com a noção de comunidade e um suporte tecnológico adequado, pode-se detectar um ambiente propício ao aprendizado, à troca de idéias e de experiências teóricas. Obviamente, tal ambiente pode também servir para os mais baixos fins, mas não é disso que se trata mas da possibilidade de se criarem grupos produtores de conhecimento. Pessoas de todo o mundo, com interesses semelhantes, podem agora interagir muito mais rápido com outras formas de pensar, distantes de seu mundo geográfico, de sua vizinhança. Escreveu Lévy:

A ajuda ao trabalho em equipe representa uma aplicação particularmente promissora dos hipertextos: ajuda ao raciocínio, à argumentação, à discussão, à criação, à organização, ao planejamento, etc. O usuário desses programas para equipes é explicitamente um coletivo. (Lévy, 1993)

5.4.5 (CT5) — PRESENÇA VIRTUAL

Nesta confluência, foram agregados os discursos que davam noção ou se aproximavam do entendimento de virtualidade.

Primeiramente, é interessante definir o que é o virtual. Para tanto, buscase a literatura de Lévy (1999), que descreve que a virtualidade pode ser entendida em três sentidos, assim definidos: técnico, corrente e filosófico.

O sentido técnico remete, num primeiro momento, às questões ligadas à informática, ou seja, a um ramo do conhecimento dedicado ao tratamento da informação mediante o uso de computadores e demais dispositivos de processamento de dados.

O segundo sentido, chamado “corrente”, refere-se ao uso cotidiano da palavra, ao uso vulgar, não científico. Nesse sentido, a palavra virtual tem uma

conexão de fantasia, coisa do imaginário. Essa relação é dada, visto “o virtual” não ser um objeto tocável, concreto, uma materialização.

O terceiro sentido, denominado filosófico, traz no seu bojo a idéia do existir potencialmente e não em ato. Um existir a *espera*¹⁶ de atualizar-se, a espera de revelar-se, de concretizar-se.

A sociedade, até então, deu à expressão “realidade virtual” uma interpretação de palavras isoladas, por entender que possuíam sentidos opostos e que uma coisa deveria ser ou *real* ou *virtual*, não sendo admitidas duas qualidades ao mesmo tempo.

Para a filosofia, o virtual não se opõe ao real, mas, sim, ao atual. Isto significa dizer que virtualidade e atualidade são dois modos diferentes da realidade. Pierre Lévy exemplifica, mostrando que a árvore está presente no grão, na semente, a espera para mostrar-se, revelar-se, vir a tona.

É virtual toda o elemento “desterritorializado”, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular.
(Lévy,1999)

Para o autor, as palavras são exemplos de elementos virtuais, pois podem ser pronunciadas no mesmo instante, por uma pessoa no Brasil e por outra em Portugal. Estão, portanto, livres do impedimento de serem pronunciadas somente num determinado espaço e tempo. Vê-se então que as palavras não estão vinculadas a nenhum momento em particular e que o virtual existe sem estar presente.

Dentro deste contexto, pode-se sentir a virtualidade nos discursos “as imagens mostradas na televisão estão cada vez mais do que incorporada às nossas vidas” (A2, “precisamos partir de que as pessoas não nasceram no momento que começaram o curso...provavelmente não se detiveram a...” (B15) e “aprender a ver mais do que aquilo que está sendo apresentado” (E56).

Isto significa dizer que, antes do telespectador se manifestar a respeito de uma informação oriunda das mensagens televisivas, previamente, ele já possui dentro de si, na sua virtualidade, um conceito ou alguma informação sobre este assunto, pois, anteriormente a estas informações, outras já haviam se apresentado, ficando

¹⁶ Grifo da pesquisadora

registradas no inconsciente do indivíduo. Agora, acopladas a uma nova informação, vem tornar-se real e ao mesmo tempo se metamorfosear em virtual.

5.4.6. (CT6) — INTERATIVIDADE

Nesta confluência, foram elencados os discursos dos sujeitos que mostram ou que se aproximam do conceito de interatividade segundo a visão de Lévy (1999).

Num primeiro momento, parece muito simples falar sobre interatividade. Para alguns, interatividade é sinônimo de interação. Para outros, interatividade significa simplesmente uma “troca”, um conceito muito superficial para todo o campo de significação que abrange o que tem contribuído para que o termo seja usado em larga escala e na maioria das vezes de forma difusa. Para Lévy, no entanto:

A interatividade assinala muito mais um problema, a necessidade de um novo trabalho de observação, de concepção e de avaliação dos modos de comunicação do que uma característica simples e unívoca atribuível a um sistema específico. (Lévy, 1999)

Percebe-se que o autor coloca a interatividade como um problema, isto é, como um desafio a ser extrapolado, pois a interatividade vai além do que está sendo entendido hoje pela sociedade. Ela é muito mais que uma resposta, que uma simples posição. Ela é troca, é pergunta e resposta, é diálogo, é respeito pela idéia do outro, é confiança, é aceitação. Interatividade é provocar uma discussão e estar aberto para continuá-la, enfim, é um crescer junto. O sujeito A7 mostra ser interativo quando convida outro sujeito para participar das discussões no programa: “você pode participar do Salto ao vivo” . Percebe-se que o sujeito convida, mas, ao mesmo tempo deixa-o livre para escolher quando coloca a expressão “você pode”.

Discutir Interatividade é perceber que ela é interruptibilidade, é não-linearidade, é potência, é cooperação, é permutabilidade e é predisposição do sujeito a falar... ouvir... argumentar..., é disponibilizar-se conscientemente para mais

comunicação. Ou seja, transitar, transmigrar e desenvolver um modo de pensar e agir segundo uma racionalidade-em trânsito.

Portanto, não é apenas um ato de troca, nem se limita à interação digital. Interatividade é a abertura para mais e mais comunicação, mais e mais trocas, mais e mais participação. Percebe-se que a interatividade acontece quando há um envolvimento efetivo dos envolvidos. O discurso, “nós estamos chegando diretamente ao professor”, (D32) evidencia a segurança que o emissor possui da informação ter chegado até o seu destino, fazendo com que o outro seja partícipe deste processo. Chegar diretamente significa que quem enviou a mensagem preocupou-se com que a informação chegasse de forma transparente e sem pressão ao seu destino, da mesma forma que está aberto para acolher a resposta que a mensagem fará despertar no outro, exercitando assim uma verdadeira troca de idéias. Também no discurso “o espaço complementar, a arte e o espaço da troca e o espaço da discussão é o espaço da pergunta” (E52), afirma-se que a troca é uma característica primeira da interatividade.

É importante se fazer um alerta aos programas televisivos ditos interativos. O programa *Você Decide* da Rede Globo, por exemplo, não pode, de acordo com Lévy, ser considerado Interativo. O programa dita para o telespectador escolher uma, entre duas ou três opções, previamente definidas, numa determinada situação. Não há, portanto, a participação efetiva do telespectador. Embora isso seja apresentado como interatividade, alguns autores definem como reatividade (Machado, 2000), uma vez que nada mais resta ao espectador senão reagir aos estímulos a partir das alternativas que lhe são oferecidas.

5.4.7 (CT7) — INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO

Relacionam-se, nesta confluência, os discursos que sugerem um entendimento ou uma relação mais próxima quanto ao conceito de informação e conhecimento que o sujeito demonstra conhecer ou exprimir.

De imediato, é interessante deixar claro que informação não é sinônimo de conhecimento. Percebe-se uma utilização não adequada do termo em discursos realizados em seminários, encontros ou até mesmo num bate-papo informal. No sentido epistemológico da palavra, verifica-se que informação refere-se à recepção

primeira do fato ou da notícia. Pode-se dizer que informação é um sinal de uma possível comunicação entre o sujeito e a mensagem, que num processo individual e único vai transformar-se em conhecimento. Conhecimento é algo mais profundo, mais elaborado, é mais corpo, mais reação, é coisa conhecida, é cognição.

É o meio compreensivo por meio do qual o pensamento do homem captura, representativamente, um objeto qualquer, utilizando a sua percepção, enriquecida de recursos investigativos, de intuição, contemplação, classificação, mensuração, analogia, experimentação, observação empírica e a sua experiência com o outro e com o mundo do qual faz parte

No entanto, informação e conhecimento estão intimamente ligados, uma vez que um necessita do outro para manter-se vivo, manter-se em movimento.

De imediato, o homem pode receber muitas informações que não necessariamente vão se transformar em conhecimento. Uma informação sem a percepção, sem um olhar mais atento, pode perder-se no tempo. Uma informação sem a alquimia da comunicação, sem o impacto, sem a reação interna do eu para eu, está condenada a não se tornar conhecimento e ficar somente na superficialidade.

Buscando em Deleuze (1996), verifica-se como este processo acontece. Para o autor, todo o conhecimento atual do homem, aquele conhecimento, que ele manifesta sob um determinado objeto, coisa ou situação e que foi adquirido através do processo informação/comunicação, está envolto de uma névoa virtual. Esta névoa virtual é entendida como as leituras realizadas, os gostos e desgostos manifestados, as lembranças suscitadas, enfim, tudo aquilo que ficou armazenado no eu de cada um, após ter recebido a informação e tê-la processado. No momento em que o conhecimento é manifestado ele já está permeado pela névoa virtual e vale-se dizer que, neste mesmo momento, o conhecimento atual torna-se virtual. É o conhecimento presente que passa que irá definir o conhecimento atual.

A manifestação do conhecimento se dá através de diferentes linguagens, tais, como a verbal, gestual, reações do corpo, da pele, do olhar, sonora, visual, e outras.

Esse é um processo individual, contínuo e que somente deixará de existir no momento em que este sujeito, protagonista desse movimento, perder a vida.

Vale destacar que a vida aqui é entendida como o ato final do corpo carne, a morte física.

Todo atual rodeia-se de círculos sempre renovados de virtualidades, cada um deles emitindo um outro, e todos rodeando e reagindo sobre o atual (“no centro da nuvem do virtual está ainda um virtual de ordem mais elevada... cada partícula virtual rodeia-se de seu cosmo virtual, e cada uma por sua vez faz o mesmo indefinidamente. (Deleuze,1996).

As informações hoje se apresentam, infinitamente, na sociedade, através dos diferentes meios de comunicação, seja elas impressas, eletrônicas , por satélites ou digitais. Porém, esta gama de informações não muda, necessariamente, a relação da sociedade, não modifica, por si só, os rumos da humanidade. Cabe, então, um olhar mais atento acerca das informações veiculadas, para poder se apropriar delas, fazer comunicação e dar-lhes o standart de conhecimento. O discurso, “o conhecimento não é uma informação que nós estamos transmitindo; é um processo de construção ativa do sujeito que aprende” (B41), exemplifica a afirmação acima.

Moran (1993) escreveu que “vivemos num mundo onde há muita informação e pouca comunicação”. Precisa-se então, “aprender a trabalhar com estas informações de uma forma crítica para poder ir mais longe”, como mostra o discurso (E55). Não saber trabalhar com as informações significa dizer que a informação não conseguirá chegar ao seu transcurso final e cumprir com o seu papel que é o de oferecer conhecimento para toda a humanidade. Um conhecimento que irá mover a sociedade, que registrará a história, desta sociedade, enfim, é o conhecimento que dará ao homem a possibilidade única de estar neste mundo, permanecer neste mundo e avançar para outros mundos: mundos da imaginação, da descoberta, da reflexão, da alegria, da dor, do ódio e da paz. Mundo das igualdades e também das desigualdades.

5.4.8 (CT8) — EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Verificam-se e elencam-se nesta Confluência os discursos que têm uma aproximação ou um entendimento quanto a modalidade de educação a distância.

A Educação a Distância (EAD) aparece cada vez mais no contexto das sociedades contemporâneas, como uma modalidade de educação viável para atender às novas e antigas demandas educacionais. Ela veio para atender não só a educação escolar como também a empresarial e pessoal e conta com uma gama de

possibilidades tecnológicas para lhe dar aparato. Canais de televisão, Internet, material impresso, teleconferências, videoconferências, fitas cassete, fitas de vídeo e outros subsídios poderão ser utilizados com grande eficácia neste contexto.

Hoje, esta modalidade de ensino tornou-se fundamental no mundo inteiro como firmou o sujeito P35 “a educação a distância é um processo que está em plena expansão nos tempos atuais”. Antes, cercada de mistérios e desconfianças, hoje já é reconhecida e utilizada em universidades públicas e privadas, bem como em grandes e pequenas empresas. No Brasil, as bases legais da educação a distância foram estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), pelo Decreto nº 2.494, de 10 de fevereiro de 1998 (publicado no D.O.U de 11/02/98), Decreto nº 2.561, de 27 de abril de 1998 (publicado no D.O.U de 09/04/98).

A educação a distância, nesse contexto, mostra-se como uma possibilidade para dar resposta à sociedade que procura incansavelmente acompanhar a velocidade dos tempos e buscar a evolução dos saberes.

Não será possível aumentar o número de professores proporcionalmente à demanda de formação que é, em todos os países do mundo, cada vez maior e diversa. A questão do custo do ensino se coloca, sobretudo, nos países pobres. Será necessário, portanto, buscar encontrar soluções que utilizem técnicas capazes de ampliar o esforço pedagógico dos professores e dos formadores. Audiovisual, “multimídia” interativa, ensino assistido por computadores, televisão educativa, cabo, técnicas clássicas de ensino a distância repousando essencialmente em material escrito, tutorial por telefone, fax ou Internet...todas essas possibilidades técnicas, mais ou menos pertinentes de acordo com o conteúdo, a situação e as necessidades do “ensinado”, podem ser pensadas e já foram amplamente testadas e experimentadas (Lévy (1999:169).

Segundo Lévy (1999), há um grande reconhecimento dos especialistas da área em afirmar que a distinção entre ensino presencial e ensino a distância será cada vez menos pertinente, já que o uso das redes de telecomunicações e dos suportes multimídia interativos vem sendo progressivamente integrados às formas mais clássicas de ensino.

Percebe-se também que os indivíduos já não se contentam com cursos estáticos, lineares e uniformes. Almejam um ensino que venha atender às especificidades de seu trajeto de vida, isto é, buscam soluções para atender as distâncias geográficas, a dificuldade de deslocamento e a falta de tempo. Pode-se perceber no discurso, “eu tô com um grupo aqui de professores também interessados em fazer o curso”, (R120) o quanto esta possibilidade de ensino está despertando vontades e anseios nos educadores.

Nesse sentido, a EAD pode atender estes anseios de forma individual e também coletiva. A coletividade se apresenta-se como uma característica forte dessa modalidade de ensino quanto à aprendizagem dos usuários. As tecnologias, principalmente o computador e a televisão, quando bem exploradas, podem proporcionar crescimento intelectual, formando uma rede, sem fim, do conhecimento.

No contexto das mudanças que caracterizam o nosso mundo globalizado, permeado por diferentes e avançadas tecnologias e pensando numa educação para o futuro, pode-se dizer que a EAD, sem dúvida, é um instrumento com o qual pode-se contar e prosperar, basta, para isto, competência institucional e política da parte dos sistemas educacionais, das universidades, públicas e particulares, de forma a reunir forças técnicas e científicas num projeto institucional de mudança que atenda às demandas existentes.

5.4.9 (CT9) — DESAFIOS

Nesta confluência, relacionaram-se as unidades de significado, que, de alguma forma, demonstram os desafios que os educadores têm em relação ao uso das tecnologias na educação escolar.

Os desafios encontram-se em todas as atividades novas e diferentes, num projeto a ser implantado, numa idéia inovadora, num olhar diferente, num fazer pedagógico desvinculado do fazer tradicional, numa atitude de professor inovador, aberto, flexível e atuante.

Os desafios aparecem na medida que se ousa desestruturar o que está posto, consolidado, aprendido. Desafiar é mostrar que pode ser possível, é lançar-se de corpo e alma num objetivo, conscientes de que barreiras serão construídas.

No universo da educação, mais propriamente na educação escolar, muitos são os desafios:

Na reflexão a propósito das grandes questões educacionais sempre vivemos o desafio de perceber o limiar entre a utopia e a realidade {...} o desafio maior desse momento é portanto repensar a função essencial da escola onde predomine muito mais com o processo de formação do aluno do que com o simples repasse de informações {...} a escola virtual será um espaço de muito mais desafios, tanto para os professores como para os alunos, onde deverá valorizar de forma mais acentuada a resolução de problemas e a criatividade deverá se diferenciar dos métodos da repetição {...} se essa nova temporalidade é um desafio para todas as pessoas, também no contexto escolar se faz necessário refletir para a busca de melhores opções do uso do tempo pedagógico (Capisani, 2000).

Para firmar o texto de Pais, destacou-se o discurso do sujeito C20, “os grandes desafios... não se limitam a presença da tecnologias em si... mas das informações que estão sendo disponibilizadas”. Este sujeito tem consciência de que muito mais que disponibilizar tecnologias nas escolas, é necessário um movimento que prepare os educadores para o uso pedagógico dos equipamentos, isto é, prepará-los para receber e perceber as informações que emanam destes equipamentos. Disponibilizar equipamentos na escola é um processo rápido, pois requer apenas recursos financeiros. Porém, preparar os professores para acompanhar a velocidade dos tempos e despertar neles a possibilidade de fazer um ensino mais dinâmico, mais prazeroso, mais produtivo é um desafio mais complexo, pois envolve o querer de cada um e um projeto político-pedagógico bem estruturado.

Publicou Capisani :

Um dos desafios no processo educacional hoje é o envolvimento das novas tecnologias nos projetos pedagógicos. As novas tecnologias, pressupõe tanto do professor como do aluno, distintas formas do fazer. O fazer como um processo de invenção e produção onde as soluções das idéias se concretizam no fazer, ou seja, na produção que é, ao mesmo tempo indissolúvelmente, invenção (Capisani, apud www.ead.ufms.br/artigos, em 30/10/2002).

Segundo Capisani, o maior desafio hoje é envolver as tecnologias no fazer pedagógico do professor, pois, muitas vezes, elas apenas estão na escola como mais um aparato de luxo, de modernidade. Precisam se entender as tecnologias na educação escolar como possibilidades de avanço intelectual e produção cultural. O sujeito C firma esta declaração nos discursos 25 e 26, “aprender através dela (televisão)” e “com ela” .

Quando são vistas desta forma, elas proporcionam mudanças e colocam o homem acima do seu teor técnico, isto é, a máquina fica a serviço do homem e para o homem. Já dizia Chaplin *mais do que máquinas, homens é que sois!*

5.4.10 (CT10) — LINGUAGEM AUDIOVISUAL

Nessa confluência, elencam-se os discursos que evidenciavam referências à linguagem audiovisual .

O audiovisual não é uma questão de meios e sim de linguagem. A linguagem do audiovisual ou as linguagens audiovisuais, que hoje estão na televisão e em outros meios de comunicação, estão representadas por imagens, cores, sons, closes, luzes e movimentos.

Uma informação permeada por estas diferentes alegorias pode causar tristezas, alegrias, revolta, compaixão, certezas, dúvidas, surpresas, gostos e desgostos. Tudo isso porque, diante dessas imagens e textos, as pessoas são capazes de agir. Pode-se desligar o aparelho, barrar a informação, ou simplesmente ignorá-la. De outra forma, pode-se também incorporar o enunciado, acreditar nos fatos, consumir o produto anunciado, chorar sem estar triste e rir sem ter pretexto.

Segundo Fischer (2001), “a linguagem audiovisual portanto, precisa ser vista e estudada, com o cuidado de não separar forma e conteúdo, emissor e receptor, imagem e idéia, meio e mensagem, pois todos estes elementos fazem parte da “gramática audiovisual”.

Para firmar a colocação de Fischer, pode-se citar o discurso do sujeito H106, “assim como nós devemos nos preparar para a matemática e pra linguagem verbal, nós precisamos também nos preparar para a linguagem audiovisual” . Percebe-se neste discurso uma preocupação em evidenciar que as mensagens transmitidas pelos audiovisuais possuem características próprias e que é preciso estar

atentos para entendê-la e interpretá-la.

Entender e interpretar a linguagem da televisão é condição fim para que o telespectador amplie a compreensão das informações que diariamente são repassadas. Da mesma forma é preciso que o telespectador esteja preparado para controlar suas emoções, para entender os valores sociais, políticos e financeiros do país e do mundo no qual se vive e no qual a TV, majestosamente, cumpre, sem vacilar, com o seu papel de repassadora de informações, de fatos, de conceitos e de idéias. No discurso, “ a televisão é uma invenção que possibilitou novas formas de ver o mundo” (A81), encontramos um sujeito que percebe que, com a linguagem televisiva, os conhecimentos podem ser acrescidos e modificados. A linguagem audiovisual pode proporcionar estagnação, comodismo, aceitação e passividade, como também levar o sujeito a ultrapassar as evidências, a ir além do imediato.

Para P. Babin e M.F. Kouloumdjian (1989), a linguagem audiovisual é definida mediante sete aspectos fundamentais:

- *Mistura* . Na mesa de mixagem é realizada a alquimia som-palavra-imagem, com a intenção de criar no receptor uma experiência unificada.
- *Linguagem popular*. A linguagem não é discurso nem conferência, nem linguagem literária e intelectualizada: é linguagem popular, entendida por todos.
- *Relação ótima entre fundo e figura*. Estabelecimento de relação entre todos os elementos: correspondências e distâncias que criam o relevo.
- *Presença*. O canal eletrônico faz-se presente, amplifica o efeito de presença. Vê ou escuta com todo o corpo.
- *Composição por “flashing”*. Apresentação de aspectos sobressalentes, aparentemente sem ordem, sobre um fundo comum.

Concatenamento “de mosaico”. Não linear, dedutivo ou casual. Os elementos de um mosaico aparecem desconexos se forem isolados alguns fragmentos; somente se entende o sentido ao contemplar o conjunto, a coerência interna global.

Diante das características da linguagem audiovisual, os autores alertam:

A imagem aprendida nos livros, controlada e vigiada pelos professores, bloqueia a imaginação. Efetivamente, o que bloqueia a imaginação é a imagem imposta, intelectualizada, a imagem pré-concebida, estereotipada. Quando um país impõe um estilo uniforme de imagens e as propagas, subjuga a imaginação. A livre difusão de imagens, pelo contrário, como se dá agora no cinema, na televisão e na publicidade, estimula as forças

imaginativas. {...} a imaginação se desenvolve mais quando a imagem é indeterminada (P. Babin e' M.F Kouloumdjian, 1989).

Percebe-se que os autores defendem a liberdade de expressão, a liberdade da leitura das imagens tanto dos livros didáticos como da televisão. O ato de bloquear a leitura livre impõe a negação da criatividade. Portanto, é importante o discurso do sujeito C90, “ o primeiro passo...é o professor conhecer essa televisão”. Conhecer a televisão significa desvendar toda a sua linguagem e as suas possibilidades para que os educadores a vejam como um recurso capaz de proporcionar aos seus alunos diferentes leituras, diferentes olhares, diferentes produções.

É preciso estar atento, pois utilizar a televisão e o vídeo de forma instrumental é considerá-lo apenas como *mais um* recurso didático pedagógico. Considerar que as novas tecnologias da comunicação são puramente novos instrumentos, é atribuir-lhes uma importância técnica e uma capacitação operativa dos profissionais da educação. Portanto, utilizar o recurso como instrumentalidade significa deixar a educação como está; é credenciá-la a uma tecnologia avançada, porém com uma pedagogia ultrapassada para os nossos tempos.

Verifica-se que as escolas, cujas metodologias ainda persistem no tradicional, têm privilegiado uma visão do mundo preestabelecido, uma pedagogia unidirecional, uma didática centrada na pura transmissão de conteúdos verbais para sua posterior memorização. Por outro lado, há escolas, cuja metodologia é aberta, participativa, cooperativa onde a linguagem audiovisual é explorada de forma coletiva, como afirma o sujeito H108 “desconstruir a linguagem audiovisual...junto com os outros”.

Percebe-se, então, que, na educação escolar, muitos professores vêem no audiovisual um auxiliar precioso para transformar um ensino puramente verbal. No entanto, é preciso estar atentos, pois também existe um verbalismo da imagem como também um verbalismo das palavras, que podem substituir a primazia da atividade espontânea e da pesquisa pessoal.

5.5 — REPRESENTAÇÃO DAS CONFLUÊNCIAS TEMÁTICAS COM SUAS RESPECTIVAS UNIDADES DE SIGNIFICADO NA SÉRIE PESQUISADA

Procurou-se, nestas figuras, demonstrar a origem das confluências temáticas a partir da reunião das unidades de significado que evidenciassem um diálogo, comungando a mesma idéia e um mesmo entendimento.

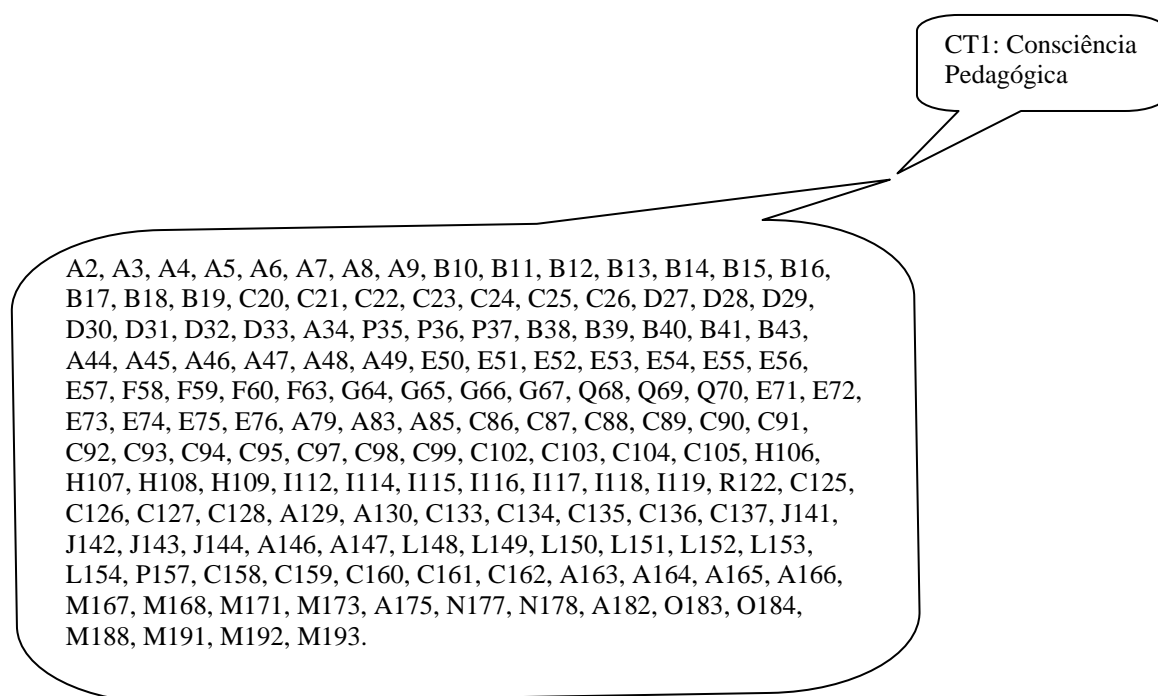


Figura 4 - Demonstração da origem da Confluência Temática 1 a partir das Unidades de Significado.

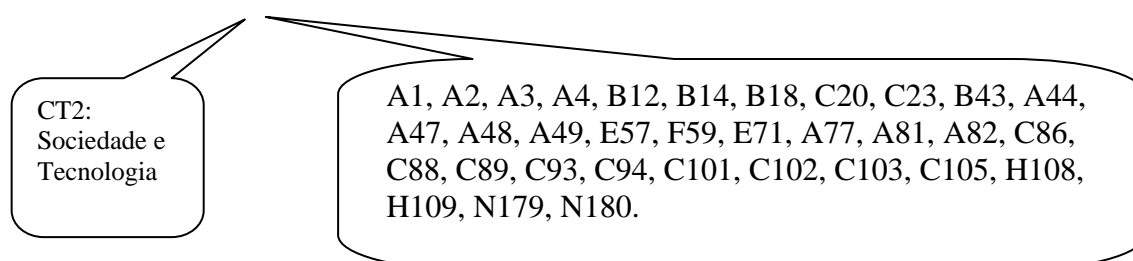


Figura 5 - Demonstração da origem da Confluência Temática 2 a partir das Unidades de Significado.

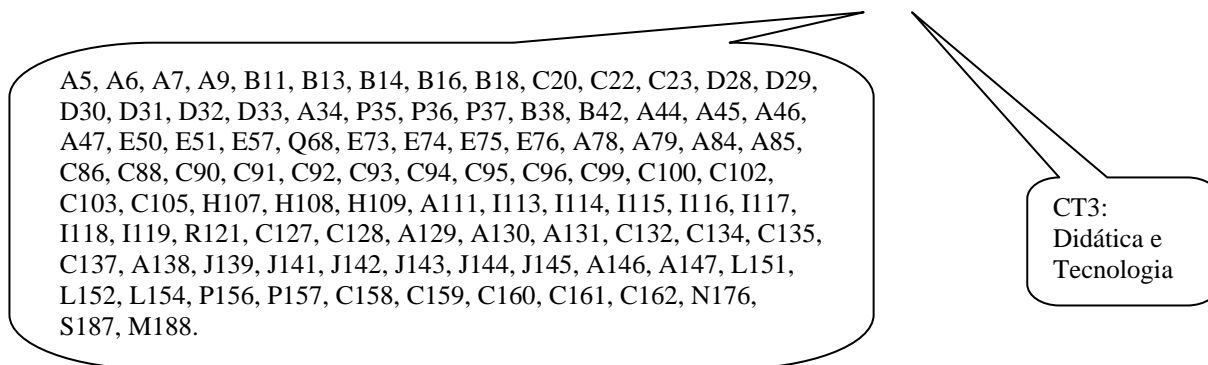


Figura 6 -Demonstração da origem da Confluência Temática 3 a partir das Unidades de Significado.

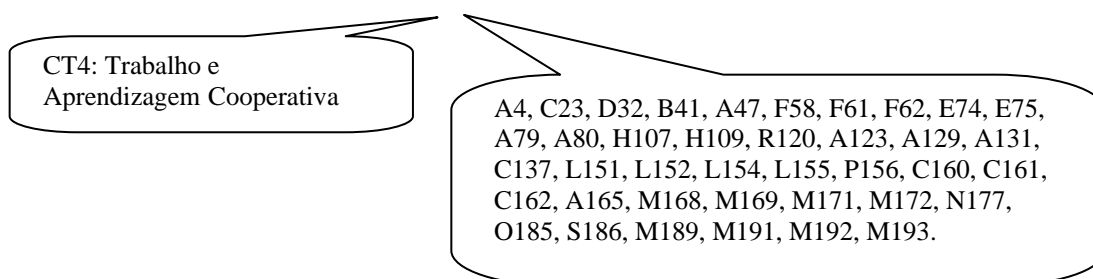


Figura 7 -Demonstração da origem da Confluência Temática 4 a partir das Unidades de Significado.

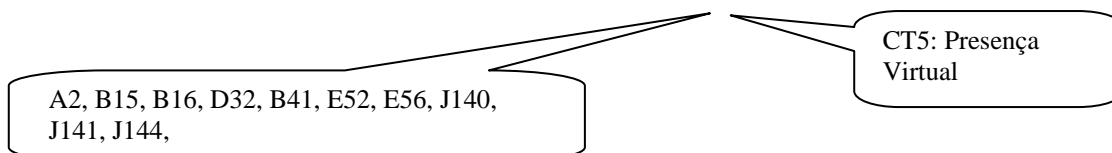


Figura 8 -Demonstração da origem da Confluência Temática 5 a partir das Unidades de Significado.

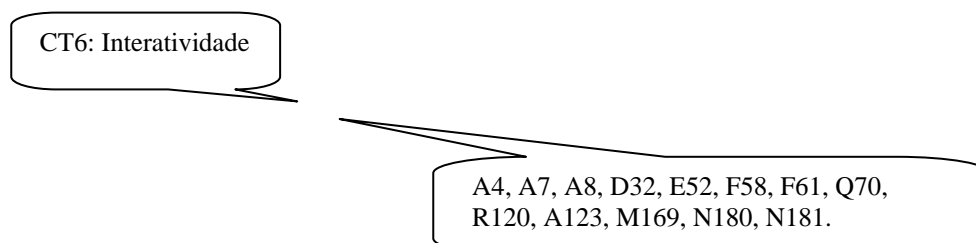


Figura 9 -Demonstração da origem da Confluência Temática 6 a partir das Unidades de Significado.

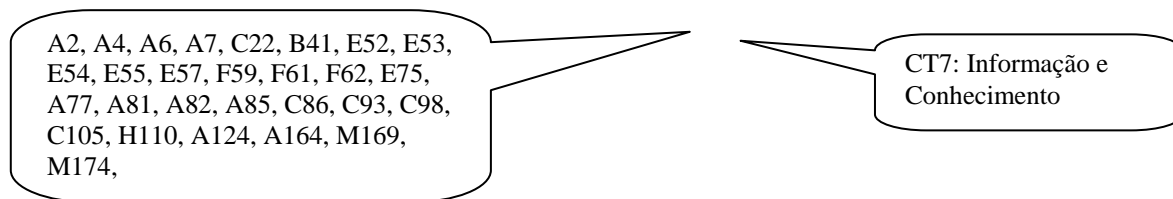


Figura 10 -Demonstração da origem da Confluência Temática 7 a partir das Unidades de Significado.

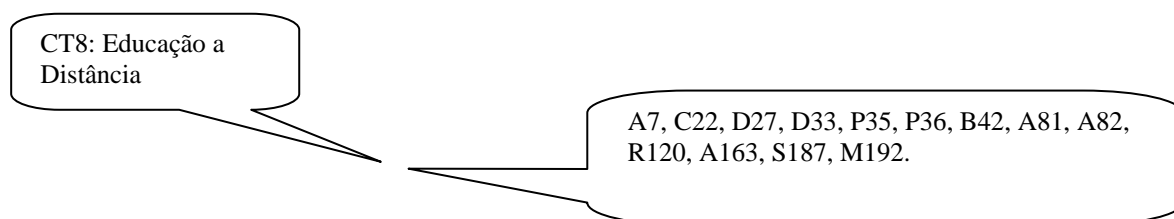


Figura 11 -Demonstração da origem da Confluência Temática 8 a partir das Unidades de Significado.

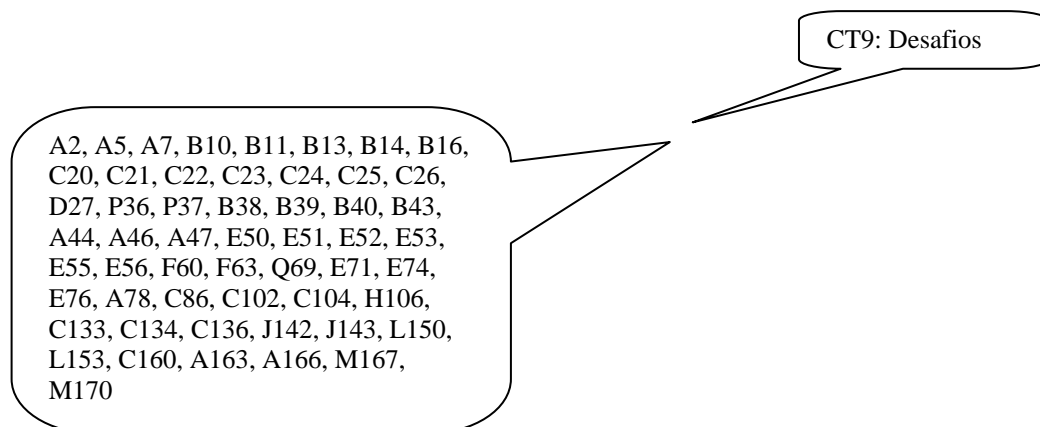


Figura 12 -Demonstração da origem da Confluência Temática 9 a partir das Unidades de Significado.

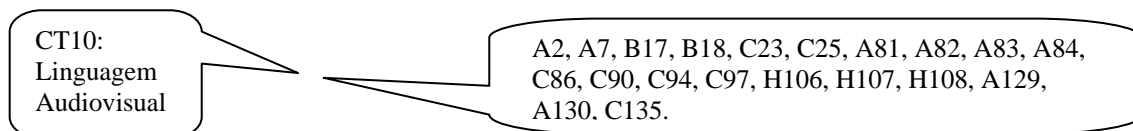


Figura 13 - Demonstração da origem da Confluência Temática 10 a partir das Unidades de Significado.

Confluência Temática ⇒ Unidade de Significado ↓	CT1	CT2	CT3	CT4	CT5	CT6	CT7	CT8	CT9	CT10
E50- A televisão, rádio, filme... são como um professor tradicional que apresenta uma aula expositiva.	X		X						X	
E51- Ele não aceita nem uma intervenção na fala.	X		X						X	
E52- O espaço complementar, a arte e o espaço da troca e o espaço da discussão é o espaço da pergunta.	X				X	X	X		X	
E53- Discutir... aquilo que está sendo colocado.	X						X		X	
E54- A escola... é o espaço da pergunta.	X						X			
E55- Aprender a trabalhar com estas informações de uma forma crítica para poder ir mais longe.	X						X		X	
E56- Aprender a ver mais do que aquilo que está sendo apresentado.	X				X				X	
E57- As tecnologias, elas estão presentes em todo o cotidiano.	X	X	X				X			
F58- As informações são aquelas que nos ajudam a ver o que está acontecendo, a organizar o que está acontecendo; a comunicação estabelece troca, intercâmbio.	X			X		X				
F59- Hoje nós temos informações como nunca nenhuma geração teve.	X	X					X			
F60-Temos muita informação e pouca comunicação.	X								X	
F61- A escola... é um espaço que pode e deve caminhar para ser um espaço mais participativo, mais de troca... podemos aprender a trocar junto com a família.				X		X	X			
F62- Aprender a informação, transformar em conhecimento mediada pela comunicação.				X			X			
F63- Como é que se conceitua tecnologia?	X								X	
G64- Definir a tecnologia... primeiro o conceito mais geral, é como se fosse um estudo de uma arte.	X									
G65-Um segundo conceito tem a ver com a linguagem... qual o sentido... dentro de uma dada ciência.	X									
G66- O terceiro aspecto... volta-se para um processo.	X									
G67- O quarto conceito, a questão da explicação.	X									
Q68- Hoje, nossos alunos têm um contato mais amplo com a tecnologia, como por exemplo, os jogos eletrônicos.	X		X							
Q69-Educar para a cidadania.	X								X	
Q70- Muito obrigada a você pela sua participação.	X					X				
E71- Nós professores precisamos mergulhar nesse universo que os jovens estão atuando.	X	X							X	
E72- Eles estão se divertindo.	X									
E73- Compreender o espaço educativo que pode ser aproveitado a partir de jogos.	X		X							
E74- Alguma coisa que der prazer ao jovem e transformar isso, com o jovem, num projeto pra criar.	X		X	X					X	
E75- Esta parceria do professor com os alunos é que vai fazer com que haja educação, conhecimento e prazer.	X		X	X			X			
E76- Acredito que a gente possa trabalhar e aproveitar essa nova realidade.	X		X						X	
A77- É pela televisão que... somos informados do que acontece no mundo e a nossa volta... encontramos diversão e entretenimento e... acompanha as séries e as discussões aqui no Salto, além de outros programas.		X					X			

Confluência Temática ⇒ Unidade de Significado ↓	CT1	CT2	CT3	CT4	CT5	CT6	CT7	CT8	CT9	CT10
A78- A TV pode representar uma abertura de caminhos e de novas possibilidades para o processo educativo.			X						X	
A79- Somados ao vídeo, a televisão se transforma em um importante recurso pedagógico.	X		X	X						
A80- E você como sempre é o nosso convidado especial.				X						
A81- Televisão é uma invenção que possibilitou novas formas de ver o mundo.		X					X	X		X
A82- Na metade do século XX, experimentamos várias sensações via satélite, ao vivo, pela TV.		X					X	X		X
A83- Imagens que marcaram gerações.	X									X
A84- Sempre são assuntos nas ruas, em casa e, é claro, na escola.			X							X
A85- A importância da TV como veículo de comunicação hoje não é mais discutida. Estão em discussão a qualidade da programação e a forma de levar para o ambiente escolar essa tecnologia.	X		X				X			
C86-A televisão já está presente na escola.	X	X	X				X		X	X
C87- Ela já está integrada à cultura da criança, à cultura do jovem.	X									
C88- Hoje tem muita da influência da televisão.	X	X	X							
C89- Existe aí toda uma cultura televisiva.	X	X								
C90- O primeiro passo ... é o professor conhecer essa televisão.	X		X							X
C91- Estudar ... essa relação da televisão com a educação.	X		X							
C92- Educar para a televisão.	X		X							
C93- Estar formando ... telespectadores seletivos, mais exigentes.	X	X	X				X			
C94-Educar com a televisão.	X	X	X							X
C95-Utilizar a televisão na sala de aula	X		X							
C96- Como instrumento para informar, pra motivar, como meio de ... expressão.			X							
C97- O importante também é de se comunicar com a linguagem audiovisual.	X									X
C98- Não apenas recebendo, mas se expressando também através dessa linguagem.	X						X			
C99- Educar por meio da televisão.	X		X							
C100- Conhecer ... as possibilidades.			X							
C101- Trabalhar também a educação dentro das emissoras.		X								
C102- Tá cobrando mais e melhores programas.	X	X	X						X	
C103- Uma televisão de mais qualidade.	X	X	X							
C104- Como ... que as pessoas podem estar preparadas pro vídeo, para a TV e pro cinema?	X								X	
C105- Estamos expostos, hoje em dia, a uma quantidade enorme de informações.	X	X	X				X			
H106-Assim como nós devemos nos preparar para a matemática e pra linguagem verbal, nós precisamos também nos preparar para a linguagem audiovisual.	X								X	X
H107- A linguagem visual... envolve uma montagem... um uso especial do som, da sombra, da cor e de uma porção de elementos...para que o sujeito seja crítico... ele precisa compreender como esses elementos foram utilizados.	X		X	X						X
H108- Desconstruir a linguagem audiovisual... junto com os outros.	X	X	X							X

Confluência Temática ⇒ Unidade de Significado ↓	CT1	CT2	CT3	CT4	CT5	CT6	CT7	CT8	CT9	CT10
H109- Precisamos discutir essa linguagem com outras pessoas, com o professor, com os colegas, com a família.	X	X	X	X						
H110- Compreender melhor as segundas, as terceiras e as quartas intenções.							X			
A111- Quais seriam as implicações da inserção das tecnologias na gestão da escola?			X							
I112- A entrada da tecnologia na escola traz uma nova dinâmica pra educação,	X									
I113- O professor tem que ser o gestor de um novo espaço educacional.			X							
I114- O professor passa a preparar a sua aula de uma forma diferente.	X		X							
I115- Mas há também a dimensão dos dirigentes da escola... esses agentes têm um papel tão importante quanto os professores.	X		X							
I116- Eles podem dar um grande suporte aos professores.	X		X							
I117- Não basta ter acesso ao equipamento é preciso que eu saiba manuseá-lo.	X		X							
I118- Não basta ... que eu saiba só manuseá-lo ... eu preciso saber usar este material pedagogicamente.	X		X							
I119- É uma nova dinâmica na sala de aula.	X		X							
R120- Eu tô com um grupo aqui de professores também interessados em fazer o curso.				X		X		X		
R121- O material impresso quanto o de vídeo foram apresentados de forma muito fácil.			X							
R122- Nós temos uma dúvida... a sexualidade frente aos jovens.	X									
A123- Muito obrigada pela sua participação e pela participação de todos vocês aí.				X		X				
A124- Essa novela O Clone apresentou um assunto muito importante.							X			
C125- Existe assim programas que têm uma finalidade as vezes primeira de entreter e que também consegue educar.	X									
C126- Esta novela O Clone ela consegue aliar o entretenimento e a informação.	X									
C127- O vídeo em sala de aula não tem que ser um vídeo construído exclusivamente com a intenção de educar.	X		X							
C128- Você pode também utilizar programas de televisão de entretenimento.	X		X							
A129-Incentivar a produção de audiovisuais na escola.	X		X	X						X
A130- Como pode acontecer a produção dos audiovisuais na escola?	X		X							X
A131- É exercitando essa produção de audiovisual que a compreensão de diferentes linguagens e a análise dos vídeos podem ser feitas de formas críticas.			X	X						
C132- O processo de produção de um vídeo em educação não se difere do processo usual de produção de um vídeo.			X							
C133- O grande desafio que se coloca hoje é essa articulação.	X								X	
C134- É importante para nós superarmos a concepção daquele vídeo didático	X		X						X	
C135- Uma teleaula que utiliza na verdade métodos... eficazes em sala de aula mas não utiliza a linguagem televisiva.	X		X							X

Confluência Temática ⇒ Unidade de Significado ↓	CT1	CT2	CT3	CT4	CT5	CT6	CT7	CT8	CT9	CT10
C136- O grande desafio da gente produzir programas televisivos interessantes.	X								X	
C137- A produção de vídeo em educação, ele é também uma prática de aprendizagem e experimentação.	X		X	X						
A138- Quais são as etapas pra realizar um vídeo?			X							
J139- Familiaridade com o equipamento.			X							
J140- Na hora que você pensa num vídeo educativo, você imagina didático, uma coisa chata.					X					
J141- A partir do momento que você sabe como operar, você sabe o que quer daquele vídeo, você tem a capacidade de criar.	X		X		X					
J142- Transformar a realidade.	X		X						X	
J143- Desconstruir a realidade e reconstruir essa realidade.	X		X						X	
J144- Ele é real, mas ele na verdade não é bem a transferência da realidade.	X		X		X					
J145- Ele (o vídeo) é uma edição de várias partes.			X							
A146- O professor, no caso, tem que estar interado dentro de todo este processo.	X		X							
A147- Como é que ele (professor) pode ter uma compreensão maior do vídeo que ele está realizando?	X		X							
L148- Nem é tão simples... não é tão complexas.	X									
L149- É preciso compreender as suas formas de produção.	X									
L150- O professor... não deve ser somente usuário daquilo que os outros produziram.	X								X	
L151- Ele deve ser um produtor, um construtor de conhecimento.	X		X	X						
L152- Ele vai ser um construtor e um produtor na medida em que ele puder experimentar.	X		X	X						
L153- O grande desafio é fazer uma transposição didática dessa experimentação.	X								X	
L154- Ambos, professores e alunos, nesse processo de construção eles serão autônomos, não só usuários.	X		X	X						
L155- Alunos telespectadores mais críticos e mais seletivos através dessa aprendizagem de interpretação e análise do vídeo produzidos pela mídia.				X						
P156- Trabalhar com os alunos na produção de vídeo deve ser empolgante e instigador.			X	X						
P157- Qual seria o assunto tema para se trabalhar pela primeira vez na produção?	X		X							
C158- A escolha do que comunicar é algo também empolgante.	X		X							
C159- O desafio é expressar uma idéia própria.	X		X							
C160- A gente incentiva que cada um experimente criar uma idéia.	X		X	X					X	
C161- É muito importante que o próprio grupo escolha.	X		X	X						
C162- Que cada um experimente também expressar uma idéia.	X		X	X						
A163- Desafios de oferecer um curso a distância para os professores da educação básica de todo o país.	X							X	X	
Confluência Temática ⇒ Unidade de Significado ↓	CT1	CT2	CT3	CT4	CT5	CT6	CT7	CT8	CT9	CT10

Confluência Temática ⇒ Unidade de Significado ↓	CT1	CT2	CT3	CT4	CT5	CT6	CT7	CT8	CT9	CT10
M191- A medida em que vão ocorrendo algumas dúvidas ... a gente pára para discutir.	X			X						
M192- Procura socializar com os nossos tutores, não só pra um, porque, às vezes, os problemas acontecem ... com os outros.	X			X				X		
M193- A gente está sempre procurando socializar o trabalho.	X			X						

Tabela 11 - Síntese do direcionamento das Unidades de Significado às Confluências Temáticas.

5.7 — DEMONSTRAÇÃO DA QUANTIDADE DE UNIDADES DE SIGNIFICADO QUE EMERGIRAM PARA CADA CONFLUÊNCIA TEMÁTICA ELENCADE.

CT1- Consciência Pedagógica: cento e cinquenta e duas

CT2- Sociedade e Tecnologia: trinta e três

CT3- Didática e Tecnologia: noventa e sete

CT4- Trabalho e Aprendizagem Cooperativa: trinta e nove

CT5- Presença Virtual: dez

CT6- Interatividade: treze

CT7- Informação e Conhecimento: vinte e oito

CT8- Educação a Distância: treze

CT9- Desafios: cinquenta e quatro

CT10- Linguagem Audiovisual: vinte

CT1	CT2	CT3	CT4	CT5	CT6	CT7	CT8	CT9	CT10
152	33	97	39	10	13	28	13	54	20

Tabela 12 - Demonstração numérica das Unidades de Significado às Confluências Temáticas.

Fazendo uma leitura do quadro acima percebe-se que nos discursos dos sujeitos houve um direcionamento de discurso mais voltado à Consciência Pedagógica, Didática e Tecnologia, Desafios e Trabalho e Aprendizagem Cooperativa.

5.8 — CATEGORIAS ABERTAS

A partir das evidências percebidas nas Confluências Temáticas, partiu-se para mais um processo de redução e assim chegar às Categorias Abertas (CA).

As Categorias Abertas foram nomeadas com a preocupação de dar a elas uma visão global e coerente com todo o processo da pesquisa. Atribuiu-se a elas um olhar que as reconhecesse e direcionasse para o tema da nossa pesquisa que é verificar como a Interatividade, Educação a Distância e Aprendizagem estão sendo vistas num programa de televisão voltado para a formação de professores, na modalidade a distância.

Nas figuras abaixo, podem-se verificar, então, as convergências das Confluências Temáticas às Categorias Aberta elencadas.

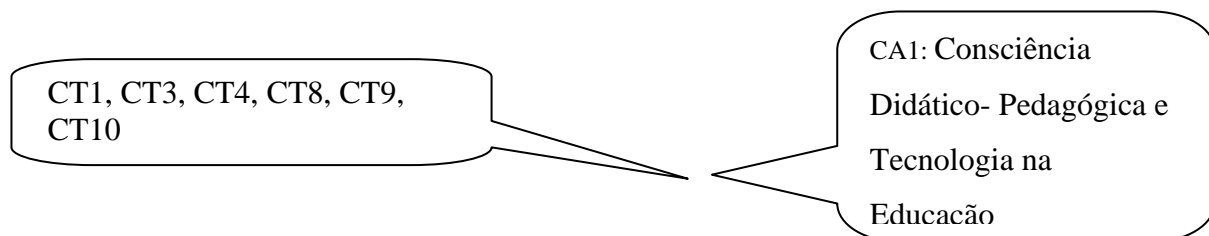


Figura 14 - Demonstração da origem da Categoria Aberta 1 a partir das Confluências Temáticas.

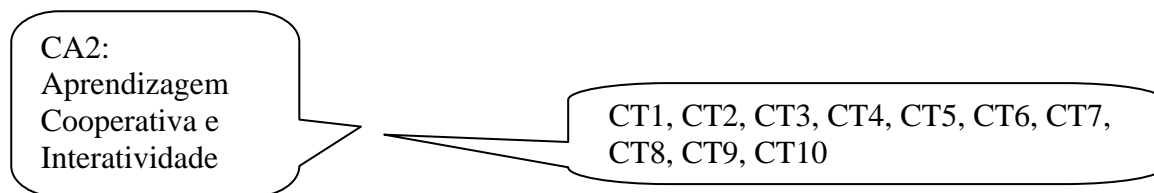


Figura 15 - Demonstração da origem da Categoria Aberta 2 a partir das Confluências Temáticas.



Figura 16 - Demonstração da origem da Categoria Aberta 3 a partir das Confluências Temáticas.

Percebe-se que as três categorias abertas evidenciadas foram resultados de um olhar múltiplo para as confluências temáticas.

A primeira categoria aberta (CA1) leva a entender que as tecnologias, utilizadas com uma didática aberta, flexível e dinâmica, podem levar as pessoas a acreditarem que um trabalho realizado em grupo facilita uma aprendizagem cooperativa e colabora para extrapolar os desafios que se enfrenta para se ter uma consciência pedagógica aguçada.

Na segunda categoria aberta (CA2) verificou-se que um leque de evidências é necessários para que se tenha, de fato, uma aprendizagem cooperativa: interatividade, consciência pedagógica, tecnologias, trabalho, presenças, informações, linguagem e desafios, entre outros.

A terceira categoria aberta (CA3) mostra que muitos são os problemas que a educação ainda enfrenta para que realmente a escola seja entendida como um meio capaz de libertar as pessoas para entender e usufruir o mundo em que vivem .

5.9 — REPRESENTAÇÃO GERAL DAS CATEGORIAS

ABERTAS:

Descrição da Confluência Temática	Categorias Abertas		
	CA1	CA2	CA3
CT1- Consciência Pedagógica	X	X	X
CT2- Sociedade e Tecnologia		X	
CT3- Didática e Tecnologia	X	X	X
CT4- Trabalho e Aprendizagem Cooperativa	X	X	X
CT5- Presença Virtual		X	
CT6- Interatividade		X	X

CT7- Informação e Conhecimento		X	X
CT8- Educação a Distância	X	X	
CT9- Desafios	X	X	
CT10-Linguagem Audiovisual	X	X	

Tabela 13 - Síntese do direcionamento das Confluências Temáticas às Categorias Abertas.

Demonstração da quantidade de Confluências Temáticas que emergiram para cada Categoria Aberta

CA1	CA2	CA3
06	10	05

Tabela 14 -Demonstração numérica das Confluências Temáticas às Categorias Abertas.

Nesta demonstração, pode-se evidenciar um direcionamento significativo para a Categoria Aberta 2: Aprendizagem Cooperativa e Interatividade.

Entende-se esta categoria o retrato primeiro das intenções dos sujeitos em seus discursos.

Verificou-se que, nas entranhas de suas falas, a Interatividade, imanada de trocas e diálogos e proporcionada pelas tecnologias, é resultado fim e primeiro para que realmente haja aprendizagem cooperativa.

CAPÍTULO VI — CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar ao término de um trabalho significa muito mais um começo do que um final de caminho.

Muito mais do que fechar esta pesquisa é abrir espaços para que busquemos, nos discursos dos sujeitos, olhar, entender e respeitar o que de mais sublime a pessoa humana possui: a capacidade de pensar, interpretar e dizer as coisas.

Este trabalho permitiu perceber primeiro que a televisão é uma tecnologia capaz de levar informações, proporcionar conhecimentos e suscitar discussões e reflexões acerca da educação escolar.

Com um olhar múltiplo e preocupado em perceber como os sujeitos da pesquisa assimilam e entendem a educação a distância, aprendizagem e interatividade, buscou-se um programa televisivo que proporcionasse evidenciar este objetivo. A série TV na Escola e os Desafios de Hoje, veiculado em junho de 2002, através do programa Salto para o Futuro/TV Escola/MEC/Brasil foi sustentáculo primeiro deste processo.

Para firmar e dar crédito à pesquisa, buscou-se fundamentação teórica em Husserl, Merleau-Ponty, Pierre Lévy, Freinet, Maturana e Varela, Moran, entre outros.

O processo dessa pesquisa levou a entender também que a Educação a Distância extrapola a idéia de ruptura de espaços físicos e temporais. Ela está envolta de diferentes componentes como a aprendizagem, a interatividade, a comunicação e o ensino. Está no nosso meio como uma possibilidade para se oferecer capacitação continuada aos educadores através de diferentes meios de comunicação: televisão, Internet, materiais impressos, rádio e outros. Dentre os diferentes componentes, a interatividade urge como um elemento essencial para que de fato a Educação a Distância venha se efetuar, pois acredita-se que a troca, o diálogo, as perguntas e respostas, o respeito pela idéia do outro e a aceitação, são características fundamentais para o crescimento individual e coletivo.

A aprendizagem evidencia-se dentro de cada sujeito. Percebe-se que o processo da aprendizagem requer um olhar humano, pois os indivíduos são capazes de aprender e somos capazes de aprender de maneira humana e ser homens para existir, no mundo, como homens. Ela se dá num acoplamento contínuo entre a fenomenologia - estado determinado pelo sistema nervoso e a fenomenologia - estado determinado pelo ambiente. É por esta razão que se entende que se pode dialogar, a respeito da aprendizagem, com biólogos (Maturana e Varela), pedagogo Freinet e filósofo (Pierre Lévy), pois comungam a idéia de que o ser humano não é estático, não se encontra completo, não está submetido a pensamentos prontos e imutáveis. O ser humano sempre estará em constantes mudanças, em constantes devir, pois ele é corpo com vida própria, e corpo com vida própria reage e se manifesta diante de qualquer situação que possa ocorrer. Entende-se que este movimento diferencia o ser humano de outros animais, pois na medida que desestrutura algo estruturado estará avançando para exercitar a sua aprendizagem.

A interatividade ficou entendida como algo a ser mais explorada e estudada, pois percebe-se, no dia-a-dia, uma constante atribuição de entendimentos à interatividade como sendo apenas um resultado das possibilidades das tecnologias. No entanto, a interatividade não está no objeto, nem nas tecnologias nele embutidas. Está, sim, na maneira como se estabelecem as relações (comunicação) com o corpo e com as outras pessoas. Longe está de se atribuir aos programas, que não permitem diálogo, a denominação de interativos.

Percebe-se que a interatividade acontece de fato, quando há participação de ambos os lados, ou seja, quando não se configura a forma tradicional de receptor e emissor, mas sim, ambos movimentando-se e alimentando a comunicação com a mesma liberdade de expressão.

No processo da pesquisa, evidenciou-se que a série TV na Escola e os Desafios de Hoje – Política de Desenvolvimento e Organização da Educação a Distância, do programa Salto para o Futuro/TV Escola/MEC atende, em parte, o entendimento de Interatividade, quando analisada entre pessoas. Percebe-se uma intenção de se fazer interação, porém não se percebe uma continuidade de diálogo entre o professor (telespectador) e os convidados do programa. Evidenciaram-se um questionamento e um comentário, sem, no entanto, a possibilidade da palavra voltar para quem havia feito o questionamento.

Com um pensamento fenomenológico e uma metodologia qualitativa, descreveu-se o discurso de dezoito sujeitos e interpretou-os à luz do entendimento de Educação a Distância, Aprendizagem e Interatividade, evidenciado acima. Num processo de redução para se elencarem os invariantes, destacaram-se dez confluências temáticas e, a partir de mais um processo de redução, chegaram-se a três categorias abertas.

Diante deste processo, a pesquisa evidenciou, de forma significativa, que a utilização da televisão em programas voltados para a formação de professor, na modalidade a distância, defronta-se com uma série de desafios, os quais passam necessariamente pela aprendizagem cooperativa e pela interatividade. Esses desafios requerem também uma consciência pedagógica para o uso didático das tecnologias na educação.

Cabe ressaltar que a televisão, nestes últimos cinquenta anos de sua história, produziu um repertório de obras criativas e densas que podem ser incluídas entre os fenômenos culturais mais importantes de nosso tempo. Como a Internet, ela proporciona uma aprendizagem cooperativa, na medida que proporciona interatividade com o telespectador. O programa Salto para o Futuro é uma referência de programa interativo, apesar do baixo grau de interatividade e do pouco tempo no programa destinado à participação do telespectador.

É preciso registrar que a televisão pode ser dirigida a realizar troca de idéias, a ser um meio de socialização. Ao se fazer uma leitura coletiva dos programas veiculados ao vivo ou não, está-se apropriando de uma oportunidade colaborativa de aprendizagem. Portanto, a escola, hoje, precisa ser olhada e sentida, muito além das quatro paredes, além do pátio, dos muros, dos bairros que a circundam. Hoje, a escola é mundo, é vida, é informação, é troca, é enfim, um crescer coletivo. Ou deveria sê-la!

6.1 — LIMITES E PROPOSTA:

Este trabalho propõe que mais pesquisadores se adentrem neste caminho para que se possa, cada vez mais, entender e fazer interatividade, bem como discutir “quando” e “como” utilizar as tecnologias em benefício da educação. Com este pensamento, acredita-se ser possível dar vez e voz ao ser humano, para que ele possa exercitar a sua condição de homem ativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BABIN, Pierre e Kouloumdjian, Marie-France.. *Os novos modos de compreender - a geração do audiovisual e do computador*, tradução Maria Cecília Oliveira Marques, São Paulo: Paulinas, 1989.

BELLONI, Maria Luiza. *Educação a distância*. Campinas: Autores Associados, 1999.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. *Fenomenologia: confrontos e avanços*. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

BRASIL. Congresso Nacional. *Lei n. 9.394 de 20/12/1996* – Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

CAPISANI, Dulcimira (org). *Educação e arte no mundo digital/Dulcimira Capisani* . - Campo Grande, MS: AEAD/UFMS, 2000.

COMÊNIO, J René. *Didática Magna*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1975.

DELEUZE e GUATARRI. *Rizoma*. Parma-Lucca: Pratiche Editrice, 1996.

ECA/USP. *Atrator estranho* – Caderno do Ano III- N°14 – junho de 1995.

FAZENDA, C. A Ivani (org.). *Dicionário em construção: interdisciplinaridade*. São Paulo: Cortez, 2001.

____ et alli. *Um desafio para a didática: experiências, vivências, pesquisas*. São Paulo: Edições Loyola, 1988.

FERRÉS, Joan. *Vídeo e educação*/Joan Ferres; Trad. Juan Acuña Llorens. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Televisão & educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FREINET, C. *O método natural II: a aprendizagem do desenho*. Lisboa: Editorial Estampa, 1977.

FREINET, Élise. *O itinerário de Célestin Freinet: livre expressão na pedagogia Freinet*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

Fundação Roberto Marinho/ Fundação Banco do Brasil. *Vídeo Escola: cinco anos na sala de aula da escola pública brasileira*. Rio de Janeiro, 1994.

HUSSERL, Edmund. *Investigações lógicas: sexta investigação: elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

KAPLÚN, Mário. *Processos Educativos e canais de comunicação*. In: *Comunicação & Educação*. São Paulo, ECA/ Moderna, n. 14, pp.68-75, jan./abri., 1999.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. *Cibercultura*.. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

MACHADO, Arlindo. *A televisão levado a sério*. São Paulo: Editora SENAC. São Paulo, 2000.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão*. São Paulo: Scipione, 1994.

MATUCK, Artur. *O potencial dialógico da televisão: comunicação e arte na perspectiva do receptor*. São Paulo: ANNABLUME: ECA-USP, 1995.

MATURANA, Humberto. *De máquinas a seres vivos: autopoiese - a organização do vivo*/Umberto Maturana Romesín, Francisco J. Varela Garcia: 3 ed; trad. Juan Acuña Liorens – Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MEC/ Ministério da Educação e do Desporto/ Secretaria de Educação a Distância. *Salto para o futuro: TV e informática na educação*. Brasília: SEED, 1998.

MEC/ Ministério da Educação e do Desporto/ Secretaria de Educação a Distância. *Educação a distância*. Brasília, 1998.

MEC/ Ministério da Educação e do Desporto/ Secretaria de Educação a Distância. *TV na Escola e os desafios de hoje: Curso de Extensão para Professores do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública* . UniRede e Seed/MEC/ Coordenação de Leda Maria Rangearo Fiorentini e Vera Lúcia Quintão Carneiro._ Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000

MERLEAU-PONTY, *Ciências do homem e da fenomenologia*. São Paulo: Saraiva, 1974.

MERLEAU-PONTY, *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MORAN, José Manuel. *Leituras dos meios de comunicação*. São Paulo: Pancast, 1993.

NÓVOA, Antônio. *Os professores e a sua formação*. Coord. Antonio Nóvoa. Lisboa: Publicação Dom Quixote, 1997.

PAIS, Luiz Carlos. *Didática da matemática; uma análise da influência francesa*. Belo Horizonte, 2001.

PEROSA, Gilse T. Lazzari. *A importância do audiovisual na escola*. Monografia do Curso Especialização de Agentes de Inovação e Difusão Tecnológica/ UFMS. Campo Grande, MS, 2000.

REZENDE, Antonio Muniz de. *Concepção fenomenológica da educação*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker Ferreira. *Freinet: evolução histórica e atualidades*. São Paulo, Scipione, 1989.

Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul. *Projeto TV Executiva - Teleconferência*. Campo Grande, MS. 1997.

Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul. *Relatório TC 2000*. Campo Grande, MS. 1997.

Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul. *Relatório TV Escola*, Campo Grande, 1998.

Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul/ Núcleo de Educação a Distância e Tecnologia Educacional. *Tecnologia audiovisual na Escola: orientações*. Campo Grande, MS, 1996.

www.clm.com.br/espaco/info3a2.html, em 23 de fevereiro de 2003.

www.ead.ufms.br em 30 de outubro de 2002.

www.geocities.com/Wellesley/Gazebo/2165/index1.html, em 25 de agosto 2001.

www.mec.gov.br/seed/tvescola/salto/default.shtm, em 25 de agosto 2002.